

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Carlos Henrique Madia

ARTETERAPIA E RELAÇÕES PÚBLICAS PARA A HUMANIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES

Sorocaba/SP

2022

Carlos Henrique Madia

ARTETERAPIA E RELAÇÕES PÚBLICAS PARA A HUMANIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma de Graduação em Relações Públicas, da Universidade de Sorocaba.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina da Costa Piletti Grohs

Sorocaba/SP

2022

Carlos Henrique Madia

ARTETERAPIA E RELAÇÕES PÚBLICAS PARA A HUMANIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma de Graduação em Relações Públicas da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof.(a) Dr.(a) Nome Completo do(a) Examinador(a)

Instituição a que ele(a) pertence

Prof.(a) Dr.(a) Nome Completo do(a) Examinador(a)

Instituição a que ele(a) pertence

Prof.(a) Dr.(a) Nome Completo do(a) Examinador(a)

Instituição a que ele(a) pertence

RESUMO

Este trabalho apresenta estudos sistemáticos sobre as possibilidades de melhoria da qualidade de vida e das relações humanas dentro dos ambientes organizacionais através da possível aplicação conjunta do trabalho de profissionais de Arteterapia e Relações Públicas. Tem como objetivo identificar as contribuições da Arteterapia para a atuação dos profissionais de Relações Públicas nos ambientes organizacionais. Para isso, foi produzido um estudo bibliográfico a respeito da Arteterapia e das Relações Públicas e os seus papéis na comunicação organizacional. Foi também realizada uma pesquisa aplicada de natureza exploratória e qualitativa por meio de entrevistas com profissionais de Arteterapia e Relações Públicas. Através de pesquisas bibliográficas, verificou-se que o uso das técnicas de Arteterapia podem construir ambientes harmônicos, trabalhando na prevenção e resolução de conflitos interpessoais, bem como na preservação ou desenvolvimento da saúde mental. Ao transcorrer das entrevistas e depoimentos com profissionais das duas áreas em estudo, verificou-se possibilidades na junção das duas ciências para a comunicação e humanização das relações interpessoais. Foram criados quadros e tabelas contendo situações nas organizações, onde a Arteterapia pode colaborar para a humanização. Para cada situação, foram sugeridas ações e vivências individuais e através das informações coletadas e análise, constatou-se a real contribuição da Arteterapia para o trabalho conjunto com as Relações Públicas nas organizações.

Palavras-chave: Arteterapia. Relações Públicas. Relações Humanas. Ambientes Organizacionais. Conflitos Interpessoais.

ABSTRACT

This project presents systematic studies on the possibilities of improving the quality of life and human relations within organizational environments through the possible application of the Art Therapy and Public Relations professionals work together. It aims to identify how Art Therapy contributes to the work of Public Relations professionals in organizational environments. For this reason, it was conducted a bibliographic study about Art Therapy and Public Relations and their roles in organizational communication. Besides that, was applied a exploratory and qualitative research carried out through interviews with Art Therapy and Public Relations professionals. So far, it has been found that the use of Art Therapy techniques can build harmonious environments, working on the prevention and resolution of interpersonal conflicts, as well as on the prevention of mental health. During the interviews and testimonies with those professionals from the two areas under study, it was found possibilities of joining the two sciences for the communication and humanization of interpersonal relationships in associations. Frames and sheets were created containing real situations in organizations, where Art Therapy can collaborate for humanization. For each situation, actions and individual experiences were suggested and through the information collected and analysis, the real contribution of Art Therapy to the joint work with Public Relations in organizations were established.

Keywords: Art therapy. Public relations. Human relations. Organizational Environments. Interpersonal Conflicts.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ARTETERAPIA NAS ORGANIZAÇÕES.....	14
2.1 Conceito e histórico da Arteterapia e sua relação com a Arte.....	14
2.2 Formação e atuação do profissional de Arteterapia no Brasil	18
2.3 Atividades desenvolvidas e técnicas utilizadas	20
2.4 Arteterapia nas organizações.....	22
3 RELAÇÕES PÚBLICAS E HUMANIZAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES	25
3.1 Relações Públicas: ciência, técnica, conflitos e arte	25
3.2 Relações Públicas: humanizando a organização pela comunicação	26
3.3 Comunicação não violenta para a humanização das organizações.....	28
3.4 Demandas atuais de comunicação nas organizações	31
4 ARTETERAPIA E RELAÇÕES PÚBLICAS: DIÁLOGOS POSSÍVEIS	32
4.1 Pesquisa aplicada: procedimentos metodológicos	32
4.2 Apresentação e discussão dos resultados.....	34
4.3 Arteterapia e Arte nas Organizações	39
4.3.1 Entendimento e atividades desenvolvidas:.....	39
4.3.2 Uso nas organizações:.....	41
4.3.3 Perfil e competências dos profissionais:	43
4.3.4 Contribuições da Arte e Arteterapia para organizações:.....	44
4.3.5 Desafios da Arte e Arteterapia nas organizações:	45
4.3.6 Diferenças entre Arte e Arteterapia:	46
4.3.7 Profissão de Relações Públicas e conexão com Arte e Arteterapia:	47
4.4 Relações Públicas e Arteterapia.....	50
4.4.1 Conhecimento de Arteterapia e diferença da Arte	50
4.4.2 Uso da Arteterapia no ambiente organizacional.....	51
4.4.3 Relação entre Arteterapia e Relações Públicas	52
4.4.4 Uso da Arte e desafios e benefícios	53
4.4.5 Contribuição da Arteterapia no ambiente organizacional	54
CONCLUSÃO	56

REFERÊNCIAS	59
ANEXO 01 – TABELA DE ATIVIDADES DOS ARTETERAPEUTAS.....	62
APÊNDICE 01 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	65
APÊNDICE 02 – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS.....	66

APRESENTAÇÃO

Conduto (Carlos Madia)

Aprendi, desaprendi, recomecei
Fui ali, caí, equilibrei
Distraí, não percebi, nem me toquei
Se sofri, já esqueci, desapeguei
Engoli, digeri, apreciei
Fluí, parti, viajei
Absorvi, senti, exaltei
Abri, floresci, exalei
Recebi, agradei, mas não levei
Aí, te vi, me lembrei
Assumi, refleti, desencanei
Iludi, me iludi, acordei
Decidi, perdi, ganhei
Tô aqui, se consegui, ainda não sei
Acendi, luzi, iluminei
Senti, vivi, descansei

Se você é assim também
Você não é diferente de ninguém
Se você é assim
Você é igual a mim

A gente se repete
A gente se copia

Não se compromete

Não se arrepia

Vamos fugir dessa monotonia

Um dia

Caminho, atalho, instinto, direção

Rota, rumo, derrota, transição

Rio, ritmo, cadência, andamento

Trajeto, tráfego, trânsito, movimento

Trilho, trilha, carreira, caminhada

Tendência, andança, serventia, entrada, estrada

Curso, decurso, acesso, mural, viagem

Percurso, transcurso, ingresso, umbral, passagem

Corredor, itinerário, roteiro, imigração

Passo, passadiço, atalho, senda, marcha, migração

Trâmite, trajetória, vereda, continuidade, andada

Estudo, currículo, guia, diretriz, programa, jornada

Comunicação, começo, ensejo, conduto, corrimento

Percurssão, carreira, diarreia, porta, portão, seguimento

Dejeção, pórtico, pista, via, voga, navegação

Circulação, seguindo, ombro, dor, emigração

Indo, ir, fui.

1 INTRODUÇÃO

“Antes eu desenhava como Rafael, mas precisei de toda uma existência para aprender a desenhar como as crianças.” (PICASSO apud VASCONCELLOS, 2007)

A Arteterapia consiste “no uso da arte como base de um processo terapêutico” (UBAAT, 2021) e teve seu papel valorizado a partir do século XX com expoentes como Sigmund Freud e Carl Jung e os brasileiros Osório César e Nise da Silveira. No Brasil, começou a ser utilizada em hospitais psiquiátricos, tendo seu uso expandido para outros tipos de organizações, uma vez que tem como finalidade “propiciar mudanças psíquicas, assim como a expansão da consciência, a reconciliação de conflitos emocionais, o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal” (UBAAT, 2021). Pode ser utilizada com pessoas enfermas ou saudáveis, em clínicas, ateliês, programas comunitários ou organizações por meio de atividades individuais ou em grupo, incluindo modalidades diversas a exemplo do desenho, pintura, colagem, modelagem, construção/sucata, dramatização, escrita criativa, musicoterapia, movimento e dança, *clown* (*Palhaço*) e contação de histórias. (PRADO, 2021)

Lidar com a resolução de conflitos e com o desenvolvimento pessoal, contudo, não é um desafio exclusivo de arte terapeutas. O profissional de Relações Públicas, segundo Edward Bernays, sobrinho de Sigmund Freud e um dos expoentes da área, é uma espécie de “psicanalista das organizações conturbadas” (KUNSCH, 2006), porque precisa compreender o conjunto de indivíduos que compõem a organização para estabelecer estratégias eficazes de compreensão mútua e construir um ambiente de harmonia social.

Desta forma, este estudo focaliza o trabalho de profissionais de Arteterapia e de Relações Públicas, visando verificar as possibilidades e contribuições da Arteterapia para as Relações Públicas no sentido de melhorar a qualidade de vida e as relações humanas dentro dos ambientes organizacionais.

Relevante destacar que estudo realizado pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje) com 327 profissionais que atuam em empresas nacionais e multinacionais do Brasil mostrou que 52% dos trabalhadores sofrem de ansiedade enquanto estão no local de trabalho, 47% sentem-se cansados com frequência, enquanto o desânimo e a frustração foram apontados como principal sentimento por

22% e 21% dos profissionais entrevistados. Além disso, a falta de empatia dentro das empresas foi observada por 89% dos pesquisados (CAMARGO, 2021).

Soma-se a isso o alerta da Agência Europeia de Pesquisa em Segurança e Saúde no Trabalho, destacando que a falta de comunicação, baixos níveis de apoio na resolução de problemas e no desenvolvimento pessoal, isolamento social ou físico, relacionamentos deficientes com os superiores, conflitos interpessoais e falta de apoio social estão entre as principais condições sociais de trabalho que levam em risco a saúde dos trabalhadores (MELO, 2007).

Portanto, o bem-estar dos trabalhadores é um problema que desafia profissionais que atuam nos departamentos de recursos humanos e de comunicação nas organizações, em especial, no contexto pós-pandêmico, que exige dos gestores e comunicadores a habilidade de construir um ambiente humanizado e equilibrado, ou seja, saudável e produtivo. Afinal, a alta carga de trabalho, pressões e metas a serem cumpridas, a convivência, as mudanças causadas pela pandemia, a difícil realidade humana, depressão, ansiedade, falta de empatia e como os colaboradores de instituições se sentem nos ambientes coletivos (mesmo em *home office*) podem prejudicar o desempenho e a saúde individual e organizacional.

Desta forma, a pergunta problema que direciona este estudo é: Como a Arte-terapia pode contribuir com as Relações Públicas na melhoria da qualidade de vida e das relações humanas nos ambientes organizacionais?

Assim, esta pesquisa traz como pressupostos que pessoas que se envolvem com atividades artísticas ou tem contato com Arteterapia podem ter mais chances de desenvolver sensibilidade, conhecerem-se melhor, adquirir habilidades pessoais e se sentirem mais seguras. Podem ainda se tornar pessoas com visão mais clara sobre o que querem e como obter o que desejam, podendo se tornar melhor preparadas para o desenvolvimento de ideias e projetos.

Além disso, pressupõe-se que estas pessoas podem desenvolver habilidades para conversar sobre assuntos diversos, complexos ou rotineiros, são melhor estruturadas emocionalmente para as surpresas do dia a dia e para as possíveis crises que possam surgir e que necessitem ser gerenciadas. Pessoas que desenvolvem autocohecimento, ou seja, sabem trabalhar suas próprias características e emoções, diminuem consideravelmente as chances de conflitos.

Nesse sentido, pressupõe-se ainda que a Arteterapia pode contribuir para facilitar a comunicação e os relacionamentos interpessoais dentro das instituições fazendo parte do ambiente de trabalho com função integrante, integrada e integradora de pessoas. Também, tem-se como hipótese que trabalhar de maneira contínua e saudável as relações humanas é uma prática que pode anteceder e prevenir crises que influenciam negativamente as instituições e as famílias.

Com relação à escolha do tema, por ser artista, produtor artístico e cultural e ter experiências em ações socioculturais e de Relações Públicas, o autor deste trabalho tem intimidade e familiaridade com os fazeres artísticos e sociais, por isso a convicção para desenvolver estudos sobre Arteterapia e comunicação.

É importante destacar que o proponente desta pesquisa, depois de mais de 10 (dez) anos trabalhando com projetos socioculturais que envolvem atividades artísticas, percebeu, de forma sensitiva, o quanto a arte e a cultura agem de forma terapêutica e transformadora nas vidas humanas. Esse fato incentivou e despertou o interesse do autor para um estudo mais sistemático e aprofundado sobre o assunto para entender o valor das atividades artísticas podem ser apropriadas e utilizadas pelos profissionais de Relações Pública - sendo essa hoje uma formação profissional em fase de conclusão pelo proponente do trabalho - como uma ferramenta para melhorar os relacionamentos entre a organização e seus públicos, bem como humanizar os ambientes organizacionais.

Quanto aos fatores interpessoais é importante destacar que ações coletivas sensoriais são agregadoras e sensibilizadoras e agem diretamente nas percepções dos indivíduos, aumentando assim a possibilidade de convivência harmônica.

No mais, busca realizada no Google Acadêmico pelos termos “Arteterapia” e “Relações Públicas”, resultou em um trabalho de aderência à proposta do autor, tendo sido produzido por Souza e Cabral (2015) que, sob uma perspectiva transdisciplinar produziu um estudo que relacionou os conceitos de cultura da paz, arte e o cuidar. Por meio de oficinas criativas com docentes de uma escola de ensino fundamental, constataram que “a Arteterapia proporcionou às professoras não só a amenização do estresse, como também oportunizou o fortalecimento dos vínculos entre as participantes” (p. 21).

Destaca-se que a construção da cultura da paz perpassa pela comunicação não violenta (ROSENBERG, 2006), podendo esta ser estimulada por profissionais de Relações Públicas nos ambientes organizacionais.

Portanto, essa monografia tem como objetivo identificar as contribuições da Arteterapia para a atuação dos profissionais de Relações Públicas nos ambientes organizacionais, buscando conhecer o potencial de tais atividades na transformação dos ambientes e atmosferas coletivas, inclusive para o estabelecimento da comunicação não violenta e de relações mais saudáveis e humanizadas nas organizações.

Como objetivos específicos, este trabalho visa: (1) compreender o que é Arteterapia, a formação e atuação destes profissionais e as atividades e ferramentas utilizadas na sua prática laborativa; (2) mostrar o papel das Relações Públicas no ambiente organizacional, bem como os desafios interpessoais e o papel da comunicação para a humanização e construção da cultura da paz nas organizações; (3) identificar com profissionais que atuam com Arteterapia o potencial de suas atividades no ambiente organizacional e, com profissionais de Relações Públicas, as demandas e possibilidades do uso da Arteterapia no ambiente organizacional.

Para cumprir os objetivos da pesquisa, será realizado um estudo bibliográfico sobre Arteterapia e acerca do papel das Relações Públicas para a comunicação organizacional, em especial, para a humanização e construção da cultura da paz nas organizações.

Por fim, será apresentada uma pesquisa aplicada que consistente em um estudo qualitativo de natureza exploratória. Esta pesquisa foi operacionalizada por meio da realização de entrevistas com profissionais de Arteterapia e de Relações Públicas. Com os profissionais de Arteterapia buscou-se identificar os possíveis usos e benefícios de suas atividades para os ambientes organizacionais e com os profissionais de Relações Públicas, sobre as possibilidades do uso das atividades de Arteterapia como estratégia de comunicação, assim como as tendências e potencial contribuição de tais técnicas para a humanização e construção de uma cultura da paz no ambiente organizacional.

2 ARTETERAPIA NAS ORGANIZAÇÕES

Esse capítulo tem como objetivo compreender o que é Arteterapia, a origem, formação e atuação destes profissionais, bem como as atividades e ferramentas utilizadas na sua prática. Para isso, realizou-se um estudo bibliográfico tendo como base autores como Prado (2021a, 2021b), Souza (2021), Melo (2007), Souza e Cabral (2015).

2.1 Conceito e histórico da Arteterapia e sua relação com a Arte

Existem muitas definições sobre a Arte. Na visão do filósofo Platão, a Arte é o esplendor do verdadeiro. Aristóteles considera a Arte como a ordem e a harmonia entre as partes, e para Leibniz, a Arte é a perfeição (FRANÇANI et al, 1998 apud PRADO, 2021a). Além disso, a Arte é inerente ao ser humano e é um meio de expressão, comunicação e linguagem (VALLADARES, 2008 apud PRADO, 2021a).

Portanto, a Arte não se limita a museus e galerias, ela está presente na vida das pessoas e o artista não é apenas aquele que se apresenta em palcos variados. O artista é aquele com capacidade de criar, trabalhar e realizar ações e obras que atendam seus sentidos e de outras pessoas. Na criança, a arte é espontânea e se mostra em suas brincadeiras. Muitos pesquisadores já comprovaram a importância do brincar para o desenvolvimento saudável da criança. Destaca-se que o brincar auxilia no desenvolvimento sensorio motor, intelectual, no processo de socialização, criatividade e autoconsciência (FRANÇANI et al, 1998 apud PRADO, 2021a).

Neste sentido, verifica-se que a Arte se manifesta de forma mais espontânea durante a infância, tendo significativas contribuições para o desenvolvimento psíquico e social do indivíduo.

No âmbito da psicologia, Freud reconhece a Arte como a projeção do inconsciente e resultado de um mecanismo no qual os impulsos sexuais reprimidos, por não serem aceitos, são desviados por uma meta alternativa de satisfação, socialmente aceita, pelo mecanismo de sublimação.

No âmbito da filosofia, Flusser compreende a Arte como uma das formas produzidas pelo homem para escapar à tensão produzida pelos seus próprios instrumentos (FLUSSER, 2011 apud REIS, 2020).

Ao analisar as diferentes acepções de Arte apresentadas por Flusser (2011), Reis (2020) afirma:

A Arte pode ser compreendida, [...], como uma prática deliberada que intenta superar os obstáculos da realidade e, em último caso, refere-se a todo e qualquer artifício capaz de transformar a nossa condição enquanto seres determinados em agentes livres, libertos da submissão da natureza, dos objetos etc. Por consequência, tal processo de artificialização, a do ser humano enquanto artifício realizado e sua consequente implicação sobre os processos materiais da sociedade, *tende* a nos libertar para aquilo que seria o propósito fundamental da existência humana, de acordo com a ética flusseriana: o de que possamos nos voltar sobre nós mesmos: “seremos liberados da negação, do *estar aqui contra*, e liberados para o diálogo, o *estar aqui com os outros*” (FLUSSER, apud REIS, 2020, p. 169, supressão nossa).

Assim, a Arte se apresenta como a expressão da subjetividade humana capaz de libertar o ser humano da racionalidade do mundo conectando-o de maneira singela aos outros pelas experiências daquilo que é mais profundo, transcendental, espontâneo e inspirador no ser humano. Neste sentido, Flusser ainda caracteriza a Arte enquanto estado de embriaguez, ou seja, “processo através do qual o sujeito mergulha em sua experiência concreta e privada para daí extrair e publicar novas formas de vivência” (REIS, 2020, p. 168)

Destaca-se a Arte como uma forma de expressão e comunicação, uma vez que auxilia o indivíduo a ter contato com seus próprios sentimentos e expressa-los ao mundo por meio de uma linguagem artística. Desta forma, a Arte contribui para a interação e socialização dos indivíduos, bem como para que a pessoa organize seus próprios pensamentos de forma mais autônoma.

Não é à toa que a arte se tornou a essência de processos terapêuticos sendo um deles denominado Arteterapia.

A Arteterapia pode ser entendida como um agente facilitador no processo para compreender e resolver os estados afetivos conflituosos ao se permitir criar arte, ou seja, por meio dela a pessoa entra em contato com seus símbolos a serem compreendidos e transformados. Portanto, naturalmente a arte tem uma função psíquica com papel estruturante (BILBÃO, 2005 apud PRADO, 2021a).

Destaca-se que desde o século XIX a arte vem sendo aplicada como base terapêutica, dando origem a um campo de conhecimento denominado Arteterapia. O Quadro 01 destaca alguns marcos históricos para a Arteterapia:

Quadro 01: Histórico da Arteterapia

Ano	Evento
1876	O psiquiatra Max Simon analisou pinturas de pacientes e classificou-as de acordo com as patologias que eles apresentavam.
1906	Mohr fez um estudo comparando os trabalhos artísticos de pessoas com deficiência intelectual, pessoas sem deficiência intelectual e dos grandes artistas e percebeu a manifestação de histórias de vida e de conflitos pessoais nestas criações.
1910	Freud estudando obras de grandes artistas renascentistas conclui que a Arte é sublimação de desejos sexuais, impulsos instintivos que não podem ser satisfeitos na realidade e são, portanto, desviados para a produção de algo aceito por estar sendo uma comunicação simbólica com função catártica, observando que o inconsciente se manifesta através de imagens.
1920	Jung utiliza a expressão artística em consultório, recorrendo a linguagem expressiva como forma de tratamento e, para tanto, pedia aos clientes que fizessem desenhos livres, imagens de sentimentos, de sonhos, de situações conflituosas ou outras, afirmando que a criatividade tem uma função psíquica natural, estruturante, e não é sublimação de instintos sexuais como acreditava
1923	No Brasil, Osório César trabalhou com Arte no hospital do Juqueri (Franco da Rocha – SP), sob a influência da psicanálise freudiana.
1940	Margareth Nauberg, considerada a mãe da Arteterapia, transcendeu os estudos psiquiátricos, empregando-a em seu consultório, seguindo os princípios da psicanálise e, posteriormente, ministrando cursos de extensão em Arteterapia.
1943	No Brasil, Nise da Silveira, trabalhou no Centro Psiquiátrico D. Pedro II procurando compreender as imagens produzidas pelos pacientes sob a ótica da teoria junguiana.
1953	Hanna Yaka Kitkowska em Maryland inicia um trabalho de Arteterapia com grupos e famílias.
1958	Edith Kramer aplicando a Arteterapia seguindo a psicanálise freudiana passou a dar mais importância ao processo do que ao produto final, priorizando a observação do comportamento durante a execução sem a necessidade de verbalização.
1972	Françoise Douto utiliza a Arte como meio de comunicação com crianças. Através de gestos, mímica, desenho, escultura interage com crianças procurando ajudar no desenvolvimento motor, no raciocínio e no relacionamento afetivo.
1969	É fundada nos Estados Unidos, a American Art Therapy Association o que caracteriza a Arteterapia como profissão neste país.
1974	Natalie Rogers aplica os princípios da teoria centrada na pessoa junto ao trabalho expressivo (pintura, modelagem, expressão corporal, teatro, dança, música, poesia e mímica), postulando que a expressão deve ser verbalizada e compreendida pelo próprio cliente e não interpretada pelo terapeuta. Denomina este trabalho de Conexão Criativa.
2002	Observando-se a necessidade de uma maior integração das Associações de Arteterapia no Brasil, ocorreu o I Fórum de Arteterapia.

2003	Aconteceu o II Fórum de Arteterapia no Brasil e iniciou-se o movimento para a fundação da União Brasileira de Arteterapia.
2004	Acordou-se que a palavra Arteterapia seria escrita sem hífen, iniciou-se a formatação do currículo mínimo para os cursos de formação e especialização, bem como foi iniciada a elaboração do Código de Ética
2006	É fundada a União Brasileira de Associações de Arterapia (UBAAT) no Brasil, responsável por assegurar a qualidade dos profissionais arteterapeutas, da prática e da docência da Arteterapia.
2008	Carta de Canela da UBAAT aprovando os parâmetros curriculares para todos os cursos de Arteterapia.
2013	Resolução UBAAT nº001/2013 dispendo sobre o currículo mínimo para a formação do Arteterapeuta e sobre o cadastro de cursos de Arteterapia no Brasil

Fonte: autor a partir de Souza (2021) e UBAAT (2008)

Observa-se no Quadro 1 que a arte como recurso terapêutico começou a ser utilizada para ajudar no tratamento de pessoas com doenças psiquiátricas, ampliando seu escopo para um uso mais preventivo, socializador e de técnica de autoconhecimento. Nos Estados Unidos, a Arteterapia é definida pela *American Art Therapy Association* como:

[...] o uso terapêutico da atividade artística no contexto de uma relação profissional por pessoas que experienciam doenças, traumas ou dificuldades na vida, assim como por pessoas que buscam desenvolvimento pessoal. Por meio do criar em arte e do refletir sobre os processos e trabalhos artísticos resultantes, pessoas podem ampliar o conhecimento de si e dos outros, aumentar sua autoestima, lidar melhor com sintomas, estresse e experiências traumáticas, desenvolver recursos físicos, cognitivos e emocionais e desfrutar do prazer vitalizador do fazer artístico. (*American Art Therapy Association* apud SOUZA, 2021).

Assim, a Arteterapia é um processo terapêutico que usa a Arte e a entende como uma representação simbólica da vida intrapsíquica do indivíduo e também como um recurso mediador da interação com as pessoas. Este processo terapêutico trabalha com o cruzamento de vários conhecimentos como educação, saúde, ciências e Arte. É um mecanismo terapêutico que possui um exercício multidisciplinar que visa resgatar o indivíduo integralmente por meio de processos de autoconhecimento e transformação. A arte em si é uma maneira de expressão, comunicação, linguagem e é inerente ao ser humano e está ao alcance de todos (VALLADARES, 2008 apud PRADO, 2021).

Além disso, a atividade deve ser exercida por profissionais com treinamento em Arte e em terapia, com conhecimento sobre o potencial curativo da Arte. Tais profissionais podem trabalhar com pessoas de todas as idades, de forma individual ou em grupo, em programas comunitários, escolas, instituições sociais, empresas, ateliês e prática privada (SOUZA, 2021). No Brasil, a atividade também deve ser exercida por profissionais com formação específica, podendo ser provenientes de diversas áreas do conhecimento, existindo diversos cursos e Associações de Arteterapeutas, além da União Brasileira de Associações de Arteterapia (UBAAT) responsável por reconhecer, normalizar e legalizar a profissão.

2.2 Formação e atuação do profissional de Arteterapia no Brasil

No ano de 2013 foi publicada a Resolução UBAAT nº 001 que dispõe sobre o currículo para a formação do Arteterapeuta e sobre o cadastro de cursos de Arteterapia no Brasil. Ficou estabelecido que profissionais de diversas graduações podem participar de cursos de Formação e/ou Especialização em Arteterapia, devendo tais cursos contar com um mínimo de 520 horas/aula, com carga horária mínima de 360 horas/aula presenciais.

Com relação ao currículo mínimo, os cursos deverão oferecer as seguintes disciplinas:

- a) Fundamentos da Arteterapia: introdução, panorama geral, história e teorias;
- b) Linguagens e Práticas em Arteterapia;
- c) Fundamentos da Arte: história da arte; criatividade, linguagens artísticas diversas como Teatro, Expressão Corporal, Música e Poesia, com predominância e aprofundamento nas Artes Visuais;
- d) Fundamentos Psicológicos e Psicossociais: fundamentos da teoria psicológica que embasa o curso; postura terapêutica; Ética no exercício terapêutico; ciclos de desenvolvimento humano; noções de psicossocial;
- e) Psicopatologia;
- f) Estágio (Prática em Arteterapia) e Supervisão;
- g) Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, Monografia ou Artigo de acordo com as normas científicas da ABNT;

Também os cursos existentes devem apresentar documentos à sua Associação Estadual filiada à UBAAT, comprovando que seguem os parâmetros curriculares estabelecidos pela UBAAT, para cadastramento.

Observa-se no currículo mínimo a convergência entre conhecimentos das áreas de arte e terapia, incluindo estágio e produção de pesquisa científica por meio do trabalho de conclusão de curso.

Destaca-se ainda que em 2020, a UBAAT, publicou as Diretrizes Nacionais de Atendimentos Arteterapêuticos Mediados por Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), com orientações para o atendimento clínico e ensino em regime emergencial mediado pelas novas tecnologias, em razão da pandemia.

No mais, a Classificação Brasileira de Ocupação (CBO) reconhece a Arteterapia como profissão, o que permite ao profissional prestar concurso público e ser contratado com carteira assinada, podendo este atuar em ONGs, consultórios, presídios, instituições de recuperação social, em educação e saúde entre outras. Localizado na classe de profissionais das terapias criativas, equoterápicas e naturológicas, na qual são descritas as seguintes atividades:

Realizam atendimento terapêutico em pacientes, clientes e praticantes utilizando programas, métodos e técnicas específicas de Arteterapia, musicoterapia, equoterapia e naturologia. Atuam na orientação de pacientes, interagentes, clientes, praticantes, familiares e cuidadores. Desenvolvem programas de prevenção, promoção de saúde e qualidade de vida. Exercem atividades técnico-científicas através da realização de pesquisas, trabalhos específicos, organização e participação em eventos científicos. (CBO, 2021)

Com relação à atividade específica do Arteterapeuta, em Anexo 1 encontra-se o relatório da tabela de atividades desse profissional, conforme CBO. Destaca-se que entre as competências pessoais, estão: estabelecer vínculos, trabalhar em equipe, demonstrar raciocínio clínico, demonstrar capacidade de comunicação verbal, demonstrar dinamismo, demonstrar criatividade, demonstrar perseverança e empatia, contornar situações adversas, demonstrar organização, atenção difusa e focada, demonstrar domínio da linguagem plástica, equilíbrio emocional, flexibilidade, objetividade, capacidade de liderança, raciocínio transdisciplinar e demonstrar escuta acolhedora.

Tais competências revelam um profissional comprometido com o desenvolvimento humano. Por isso, segundo pesquisadores da área, a Arteterapia é considerada mais que uma profissão, é vista como um compromisso com a vida e como um resgate

da saúde através da liberdade de expressão. Com a Arteterapia é possível resgatar os aspectos mais saudáveis da personalidade do indivíduo, assim como a criação de novos projetos de vida e com isso aliviar os sentimentos negativos e minimizar os comportamentos problemáticos (VALLADARES, 2008 apud PRADO, 2021a).

Valladares e Carvalho (2006 apud PRADO, 2021a) citam ainda que a Arteterapia auxilia tanto para a elaboração da autoexpressão do indivíduo como nos conteúdos internos, afirmando que as expressões artísticas auxiliam para elaborar conteúdos internos delicados e difíceis, geradores de conflitos.

2.3 Atividades desenvolvidas e técnicas utilizadas

A Arteterapia auxilia na diminuição da tensão, oferecendo ao indivíduo a possibilidade de se expressar e ampliar seu contato com a realidade. As intervenções funcionam como descontração e diminuição do estresse, agindo assim como tranquilizador e calmante. Além disso, favorece a prevenção contra o embotamento psíquico.

Por meio da Arteterapia a pessoa pode resgatar, desbloquear e fortalecer seus potenciais criativos, além de possibilitar reconstruções e integração de personalidade através de formas de expressões diversas. Assim sendo, a Arteterapia é um meio que auxilia o ser humano a explorar, descobrir e compreender seus pensamentos e emoções. Também ajuda a desenvolver a autoestima, reduz a ansiedade, melhora da qualidade de vida, prevenção e expansão da saúde (VALLADARES, 2008 apud PRADO, 2021a).

O Arteterapeuta é um facilitador no processo de transformação da pessoa. O profissional atua como um guia no processo, assim sendo, não tem o poder de mudar o indivíduo, mas tem o poder de oferecer os recursos e materiais para as mudanças, as intenções criativas para cada uma delas, com o intuito de que as transformações aconteçam. Sendo assim, o Arteterapeuta trará para o espaço terapêutico diversos materiais, tais como: instrumentos musicais, sucatas, lápis de cor, tintas, argila, giz de cera, etc. (PRADO, 2021b).

No Quadro 2 observa-se as diferentes técnicas e modalidades artísticas utilizadas pelos Arteterapeutas:

Quadro 02: Modalidade e técnicas de Arteterapia

Modalidade	Descrição
-------------------	------------------

Desenho	Antes de saber escrever, as crianças projetam nesse tipo de atividade seus conteúdos inconscientes. Os desenhos trabalham a concentração, coordenação visual e espacial.
Pintura	A pintura é uma técnica que facilita a expressão das emoções através da fluidez da tinta e induz movimentos de expansão dos conteúdos internos da psique humana.
Colagem	A técnica da colagem oferece a oportunidade do sujeito se identificar e projetar sua história de vida para assim, transformá-la.
Modelagem	É uma atividade que exercita a função sensorial e trabalha com a organização tridimensional. Na modelagem o sujeito representa a si mesmo, ou seja, todo o seu contexto social, percepções sobre o mundo, sua identidade e sua imaginação
Construção/Su-cata	Significa edificar, estruturar, organizar e elaborar. Estimula os processos de interação, orientação espacial, discriminação e está muito relacionada com o processo de organização
Dramatização	Permite a experimentação de novos papéis. A dramatização é baseada na brincadeira do faz-de-conta, na qual a pessoa desenvolve a atividade da simulação.
Escrita Criativa	É um exercício muito simples e resume-se em escrever sem importar-se com a ortografia e regras gramaticais.
Musicoterapia	É usada com o objetivo de promover saúde e bem estar. Busca-se através da terapia com a música atender as necessidades físicas, sociais e psicológicas.
Movimento e Dança	O gesto e o movimento refletem o estado interior do indivíduo e sua personalidade onde o corpo é o instrumento.
Clown (palhaços)	O humor é essencial para auxiliar na superação dos traumas relacionados ao processo de internação e na restituição da alegria
Contação de Histórias	O ato de contar histórias pode proporcionar à pessoa um relaxamento, descontração, equilíbrio, promover o seu bem estar físico, emocional, intelectual e social

Fonte: autor a partir de Prado (2021)

Observa-se no Quadro 02 que a arte oferece diferentes linguagens para os profissionais utilizarem a favor do ser humano e da reconstrução de suas relações intrapessoais e interpessoais.

Segundo Prado (2021b) as atividades desenvolvidas por profissionais de Arteterapia, não são submetidas a julgamentos ou padrões estéticos formais, pois a arte por si só já é transformadora, o Arte terapeuta é um facilitador. As atividades são desenvolvidas predominantemente pela linguagem não verbal, ou seja, o profissional de Arteterapia em sua atuação, não usa palavras em excesso no desenvolvimento dos processos expressivos, pois este falar compulsivamente corre o risco de dificultar um estudo mais aprofundado da psique. Após o término da atividade expressiva, a

palavra pode então ser usada de maneira mais contínua, com a finalidade de expressar as vivências subjetivas. Por meio desse trabalho, a pessoa se apropria de seus próprios conteúdos, conhecendo-se melhor e tornando-se uma pessoa ativa no processo terapêutico.

2.4 Arteterapia nas organizações

Segundo Melo (2007), para se promover a saúde dentro do ambiente de trabalho, é necessário pensar no trabalhador como um ser biopsicossocial. Isto é, além das condições do ambiente e organização do trabalho (o aspecto social), os empreendedores devem estar mais atentos ao lado humano da gestão empresarial, buscando implantar atividades e ações que valorizem a qualidade de vida, saúde e bem-estar dos colaboradores (aspecto biológico e psíquico).

Em sua pesquisa, os aspectos psicossociais e a percepção do corpo são destacados, tendo como foco o relacionamento e a percepção mútua entre os trabalhadores, buscando assim desenvolver e destacar aspectos que beneficiam a saúde ocupacional.

Através da Arteterapia e da consciência corporal, são abordados a integração social na organização pelo conhecimento e desenvolvimento intrapessoal e interpessoal. Tudo isso tem como objetivo o autoconhecimento, melhora da autoestima e da capacidade de se ter um bom relacionamento no ambiente de trabalho (MELO, 2007).

De forma paralela, pode-se relacionar a atenção integral ao ser humano dada pela Arteterapia aos estudos organizacionais que enfatizam a teoria de satisfação das necessidades de Abraham Maslow (apud MELO, 2007), segundo a qual deve-se priorizar as necessidades fisiológicas, seguidas das de segurança, sociais, de afeto, de autoestima e autorrealização. Neste sentido, um ambiente que proporciona qualidade de vida, considera as necessidades físicas, psicológicas, do nível de independência, das relações sociais, das influências do ambiente e os aspectos de espiritualidade, religião e crenças pessoais.

Segundo a Agência Europeia de Pesquisa em Segurança e Saúde no Trabalho (EASHWR) a falta de comunicação, baixos níveis de apoio na resolução de problemas e desenvolvimento pessoal, isolamento social ou físico, relacionamentos deficientes com superiores, conflitos interpessoais e falta de apoio social, estão entre as principais condições sociais de trabalho que colocam a saúde em risco (MELO, 2007).

Assim, uma ferramenta para evitar altos gastos com a saúde da corporação pode ser a prevenção de conflitos sociais dentro do trabalho. Uma ferramenta para prevenir esses conflitos é a Arteterapia, uma vez que constitui uma estratégia de humanização das organizações, podendo ser utilizada para além do ambiente clínico.

Neste sentido, foi o estudo conduzido por Souza e Cabral (2015) que, sob uma perspectiva transdisciplinar relacionou os conceitos de cultura da paz, arte e o cuidar por meio de oficinas criativas com docentes de uma escola de ensino fundamental:

O projeto “Cuidando de quem Cuida em Cultura de Paz” teve como objetivos: educar o olhar para a vida, a partir da ética do cuidado, processo de empoderamento do ser criativo, possibilitando a vivência do caminhar em busca da autopercepção; criar um espaço de acolhimento das demandas da figura do professor como elo para o florescer do eu e do grupo, proporcionando as dimensões da ética do cuidado: necessidades básicas, motivos sociais e demandas institucionais para o bem estar e sobrevivência do grupo e valores essenciais para a vida. (SOUZA, CABRAL, 2015, P. 29).

As oficinas de Arteterapia foram realizadas contemplando as etapas necessárias para uma oficina criativa, quais sejam:

Primeiro a sensibilização onde o importante são os sentimentos e descobertas evocados no íntimo de cada ser participante. Posteriormente, vem a expressão livre, em que o indivíduo por meio de materiais artísticos como pintura, tinta, desenho, materiais de sucatas etc. expressam livremente o que vivenciaram anteriormente. Chega, então, o momento da elaboração da expressão, onde acontece o aprimoramento da linguagem escolhida pelo participante. Em seguida a transposição de linguagem onde o sujeito transpõe de forma oral ou escrita o que vivenciou. E a avaliação onde ocorre a conscientização e a percepção crítica da experiência vivida. (SOUZA, CABRAL, 2015, P. 30).

Por fim, as autoras constataram que “a Arteterapia proporcionou às professoras não só a amenização do estresse, como também oportunizou o fortalecimento dos vínculos entre as participantes” (p. 21). Destacaram ainda as contribuições da Arteterapia para o processo de transformação e autoconhecimento do potencial criativo e também como recurso para promover o autocuidado e aliviar a tensão, construindo um ambiente que revela valores da cultura de paz.

Enfim, dizem os mais experientes que “a boa vida é construída por bons relacionamentos”. Essas sábias palavras populares podem ser trazidas para a realidade

das organizações? Sem pensar muito, pode-se dizer que sim, mas nem sempre conduzir esses relacionamentos dentro de uma harmonia organizacional é tarefa fácil.

Levando em conta que comunicação e relacionamentos institucionais são duas das principais atribuições de um profissional de Relações Públicas e a Arteterapia é um processo terapêutico que, dentre seus inúmeros benefícios usa a Arte como um recurso mediador da interação entre pessoas, pode-se acreditar que é válido investir energia nos estudos para desenvolver ferramentas que levem a resultados satisfatórios e que é possível introduzir dinâmicas nas organizações envolvendo esses dois conceitos.

3 RELAÇÕES PÚBLICAS E HUMANIZAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES

Este capítulo tem como objetivo apresentar o papel do profissional de Relações Públicas na humanização das organizações, propondo reflexões sobre a possibilidade do uso de atividades de arte e comunicação para promover a afetividade, bem-estar e melhoria das relações sociais no ambiente de trabalho.

3.1 Relações Públicas: ciência, técnica, conflitos e arte

O que são e por que existem Relações Públicas? Segundo Roberto Porto Simões (1995) existem diferentes definições compartilhadas pela comunidade de professores e profissionais da área. Esta diversidade de definições somada ao mau uso do termo Relações Públicas por leigos e por críticos preconceituosos tem prejudicado a divulgação e a institucionalização da profissão na sociedade, assim como seu ensino e prática profissional.

O mencionado autor, portanto, apresenta seis enfoques das Relações Públicas, sendo elas: (1) como uma atividade de fornecimento de informações para a mídia, a exemplo das assessorias de imprensa, neste caso mais próximo do exercício da profissão de jornalista; (2) como uma atividade de promoção de vendas e apoio ao marketing; (3) como uma atividade corporativa voltada para responsabilidade social; (4) como uma atividade organizacional prioritariamente voltada para a comunicação interna e próxima a área de recursos humanos; (5) como uma atividade que visa a manutenção de contatos sociais, técnicos e políticos; (6) como uma atividade voltada prioritariamente à organização de eventos.

Todas essas definições isoladamente são restritas, uma vez que enfatizam somente o fazer, sem conectá-lo ao pensar e ao sentir.

Para Simões (1995), é necessário que teoria, técnica e arte andem juntos, englobando as Relações Públicas como um campo que integra conhecimento das ciências sociais, comunicacionais e administrativas.

Propõe-se então um novo modelo, um novo conceito, que vai além das ciências técnicas, administrativas e de resolução e gerenciamento de conflitos. Esse modelo inclui o potencial artístico desta profissão e área do conhecimento, ou seja, a Arte das e nas Relações Públicas.

Se as Relações Públicas são uma arte, porque não somar a isso ao que pode vir a ser uma prazerosa e transformadora ferramenta na condução de relacionamentos interpessoais e organizacionais?

Neste trabalho, defende-se a concepção artística das Relações Públicas, ou seja, como uma filosofia e conjunto de estratégias e instrumentos que podem colaborar para a humanização das organizações, por meio da inserção de fazeres artísticos e uma junção entre o referencial das Relações Públicas e da Arteterapia.

Porto Simões (1995) destaca que ainda que os conflitos são matéria prima das Relações Pública, sendo estes iminentes nas relações entre os públicos e a organização, sendo a compreensão mútua desejada na maioria dos casos.

No processo que culmina na convergência dos interesses organizacionais e de seus públicos existe uma infinidade de possibilidades comunicacionais que podem conter falhas de procedimento, desequilíbrios específicos, imprevistos diversos, além de desvios éticos e estéticos. Ao tentar minimizar as possibilidades de conflitos e proporcionar um olhar mais humano para as organizações e seus públicos, a Arteterapia, por meio de suas diversas modalidades, pode ser uma forte aliada das Relações Públicas.

3.2 Relações Públicas: humanizando a organização pela comunicação

Marlene Marchiori (2010) afirma que é preciso respeitar e valorizar as organizações e as pessoas que dela fazem parte, interagir, desenvolver, dar voz às pessoas, ou seja, humanizar as relações de trabalho.

Para a autora, o lugar da comunicação nas empresas humanizadas é o lugar da fala, da interação e do conhecimento compartilhado. Por meio da comunicação pode-se levar as pessoas ao desenvolvimento humano e de suas competências profissionais. Portanto, a comunicação deve fazer parte dos processos e das práticas organizacionais.

Quando se fala de organizações observamos que vários fatores contribuem para que o ser humano esteja vulnerável física e emocionalmente: sobrecarga de tarefas, competitividade excessiva, metas inalcançáveis, distribuição inadequada de responsabilidades, remuneração incompatível, falta de flexibilidade, problemas de infraestrutura, ausência de plano de carreira (OLIVEIRA, 2009).

Além disso, a lógica do desempenho predominante na sociedade atual (HAN, 2017), dificulta o desenvolvimento afetivo no ambiente de trabalho. As visões

reducionistas e mecânicas das relações humanas e da comunicação ainda são muito presentes no cotidiano das empresas. A figura humana muitas vezes é tratada como fator de produção e isso torna imprescindível a busca de um outro lugar para o indivíduo – nas organizações e na sociedade – pelo viés da humanização.

Reflexões e decisões sobre os relacionamentos humanos perpassam pelos binômios: o controle e a liberdade organizacional, o autoritarismo e a autoridade, o individualismo e o coletivismo, a informação e o conhecimento. A humanização das relações das empresas com a sociedade e com os indivíduos se apresenta como inevitável e desejável, uma vez que a técnica tem sido substituída pelas máquinas e pelas soluções tecnológicas, ficando a criatividade e a subjetividade como um diferencial do ser humano a ser valorizado pelas organizações que precisam inovar para permanecer no mercado.

No campo acadêmico, a reflexão incita um olhar para as realidades criadas e recriadas e estimulam a análise dos seres humanos para que as organizações se transformem em espaços de criatividade, satisfação e reconhecimento. Para isso, passa a ser fundamental a construção de significados e sentidos em todas as relações humanas.

A título de exemplificação, no longa metragem “Nise – O Coração Da Loucura”, do diretor Roberto Berliner (2016), narra-se o importante papel da médica Nise da Silveira, que após sair da prisão, volta a trabalhar num hospital psiquiátrico no Rio de Janeiro, propondo um novo formato de tratamento aos pacientes que sofrem de esquizofrenia. No setor de terapia ocupacional, inicia, através do amor e da arte, uma nova forma de lidar com seus pacientes, mostrando que pessoas trazem em si um poder de desenvolvimento de aptidões que necessita e merece ser despertado e, se tratados com olhar fraterno e afetuoso têm mais chances de acontecer.

O amor e arte não devem ser exclusivos no ambiente hospitalar ou em ambientes que adoeceram pelas relações desumanizadas e/ou muitas vezes marcada pela violência e silenciamento. Certamente, poderá ser benéfica para o tratamento e restabelecimento do bem-estar.

Defende-se que a arte deve fazer parte de ambientes organizacionais ainda saudáveis para evitar que estes adoçam. Ou seja, na perspectiva das Relações Públicas, pode-se dizer que a arte e a comunicação devem ser utilizadas para fins preventivos e de humanização das organizações.

3.3 Comunicação não violenta para a humanização das organizações

“O que eu quero em minha vida é compaixão, um fluxo entre mim mesmo e os outros com base numa entrega mútua, do fundo do coração” (Marshall B. Rosenberg).

A comunicação não violenta (CNV), segundo Marshall B. Rosenberg (2006), baseia-se em atividades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas. Ela tem como objetivo nos lembrar do que já sabemos – de como nós, humanos, deveríamos nos relacionar uns com os outros – nos expressar com honestidade e clareza, dando ao outro uma atenção respeitosa e empática. (ROSENBERG, 2006).

A CNV ensina observar cuidadosamente e identificar os comportamentos e condições que nos afetam, a forma é simples e profundamente transformadora. A CNV substitui os padrões de defesa, recuo e ataque diante de julgamentos e críticas e, aos poucos, começamos perceber a nós e aos outros, nossas intenções e relacionamentos, por um enfoque novo.

“Os quatro componentes da CNV são: observação, sentimento, necessidades, pedido e, as duas partes são: (1) expressar-se honestamente por meio dos quatro componentes, (2) receber com empatia por meio dos quatro componentes.” (ROSENBERG, 2006).

Conforme Rosenberg (2006), ao usar a CNV conosco, com outra pessoa ou com um grupo, nos colocamos em nosso estado compassivo natural, de maneira eficaz a todos os níveis de situação e a diversas situações: relacionamentos íntimos; famílias; escolas; organizações e instituições; terapia e aconselhamento; negociações diplomáticas e comerciais; disputas e conflitos de toda natureza.

Segundo Rosenberg, 2006, algumas pessoas usam a CNV para estabelecer maior grau de profundidade e afeto em seus relacionamentos íntimos. Outros usam a CNV para estabelecer relacionamentos mais eficazes no trabalho.

A CNV nos ajuda e nos guia no processo de reformular a maneira que nos expressamos e escutamos os outros, nos concentrando em quatro áreas: o que observamos, o que sentimos, do que necessitamos, e o que pedimos para enriquecer nossa vida.

Ainda segundo Rosenberg, 2006, é comum encontrar gerentes que defendem a prática do elogio, mas a beleza da apreciação é estragada quando as pessoas percebem que existe um interesse oculto para conseguir algo através desse elogio, e quando usa um reforço positivo para influenciar os outros, pode não ficar claro como a mensagem é recebida. Quando se usa a CNV para apreciar, é puramente para celebrar e não para obter algo em troca, a intenção é única e exclusivamente celebrar como nossa vida foi enriquecida pelos outros.

Segundo pesquisa sobre CNV nas organizações do Brasil realizada pela ABERJE (2020), a violência estrutural permeia as relações interpessoais, inclusive no ambiente de trabalho, mas uma comunicação baseada no autoconhecimento e na empatia, pode contribuir para desmontar essa engrenagem.

A psicóloga Pamela Seligmann (2020) comenta que a comunicação não violenta é uma demanda de todos os povos, que somente a paz pode ser a base para o desenvolvimento da sociedade e o florescer das potencias individuais. Se busca o fim da violência e um mundo sem guerras, mas a violência está mergulhada na vida dos seres humanos, mais do que parece e permeia as relações interpessoais sem que se perceba a profundidade estrutural dessa violência, que se tornou um hábito.

Assim, afirma, também é nos ambientes de trabalho, pois empresas são resultados de ações de pessoas e de suas relações, e estão inseridas no contexto de violência que assombra a vida social: “quando estamos em um ambiente tóxico, a comunicação nunca é de mão dupla, ela é usada para afirmar o domínio e o poder”. Ela conclui que os seres humanos requerem conexão e atenção para se empenhar (SELIGMANN, 2020).

O Psicólogo norte americano Marshall Rosenberg (1934-2015), ao longo de sua vida acreditou nessa tese de criar e disseminar uma proposta de mudança de modelo nas relações entre os seres humanos, adotando um olhar mais atencioso para o formato com que cada um se comunica e o impacto das palavras sobre o outro: é a Comunicação não Violenta (CNV).

Mahatma Gandhi inspirou e impactou o mundo com sua ação política pautada na não violência, Rosenberg desenvolveu uma poderosa filosofia prática sobre a construção de relações interpessoais conectadas com as necessidades de respeito, compaixão e valorização de todo ser humano.

Yuri Haasz (2021), especialista em mediação de conflitos por meio de técnicas da comunicação não violenta, explica que “não se trata de formula ou técnica, mas de uma transformação profunda na maneira de se perceber a si e aos outros”. Diz ainda:

“[...] somos orientados a deixar hábitos comunicativos, relacionais, de pensamentos e até emocionais que cultivamos durante nossas vidas, e isso repercute na maneira como escutamos, nos expressamos e criamos soluções com os outros, é como aprender um novo idioma.” (HAASZ, 2021)

Conforme Duran (2021), para refletir sobre a ideia de paz, Galtung percebeu a necessidade de estudar a violência numa perspectiva crítica (Galtung, 1969 apud Duran, 2021).

O autor propõe refletirmos sobre as diferentes formas de violência a partir de três dimensões que ele chama de “triângulo da violência”, composto pela violência direta, estrutural ou sistêmica, e violência cultural.

Na violência direta tanto o agressor quanto quem sofre a agressão, seja ela física ou verbal, são visíveis, é algo que pode ser registrado, por exemplo, uma violência doméstica.

A violência estrutural ou sistêmica seria a manifestação indireta da violência, como consequência da distribuição desigual de poderes. Nela as vítimas estão visíveis, mas os agressores estão ocultos, escondidos atrás dos sistemas socioeconômicos, políticos ou culturais; por exemplo os desempregados, as vítimas da fome, entre outros.

E finalmente, a violência cultural, que pode ser entendida como a violência que legitima as violências diretas e estruturais. Neste tipo, tanto agressores quanto agredidos não são facilmente identificáveis, pois essa é a violência presente em nossos discursos sociais e bens culturais, que apaga a responsabilidade moral dos indivíduos.

Defende-se que a comunicação não violenta possa contribuir sobretudo para combater a violência direta verbal e a violência cultural, sendo a Arte uma forma de contribuir para o desenvolvimento deste tipo de comunicação.

3.4 Demandas atuais de comunicação nas organizações

Kunsch (2012) afirma que as organizações evoluíram no sentido de implantar processos comunicativos mais interativos. Porém ainda existe a carência de se abrir canais de diálogos que possibilitem maior valorização das pessoas.

Há um longo caminho a percorrer diante das incertezas da sociedade contemporânea, com um mercado competitivo que traz angústias, ansiedade e pressões sobre as pessoas no ambiente organizacional. Então fica a pergunta: como trabalhar uma comunicação que consiga contribuir para abrandar essa realidade?

Os líderes estão conscientes da dimensão humana da Comunicação Organizacional ou estão apenas preocupados com a visão estratégica de resultados dessa comunicação? Essas questões motivam estudos e reflexões. É impossível não levar em conta a comunicação humana e os mais diversos pontos de vista que transitam no ato comunicativo dentro das empresas. Daí a importância do ser humano e suas dimensões.

Entende-se que a abertura de canais de diálogo entre a direção e os colaboradores possam ser um bom caminho para valorizar as pessoas dentro das organizações. Kunsch (2012) ressalta que a intenção é aprofundar os estudos sobre como a Comunicação pode contribuir para a humanização nas organizações, pois em um mundo onde as pessoas sofrem pressões a todo momento, nas organizações não é diferente.

Voltar a atenção para a humanização nas organizações nunca foi tão necessário como é hoje num mundo tão desigual e globalizado, na qual o índice de desemprego é altíssimo e aos que tem a oportunidade de trabalhar são considerados privilegiados independente das condições do trabalho como salário, carga horária, direitos e deveres, etc.

Essa realidade coloca em dúvida tudo o que se defende como humanização, qualidade de vida, valorização das pessoas, gestão de talentos e comunicação interna participativa e comunicação não violenta.

4 ARTETERAPIA E RELAÇÕES PÚBLICAS: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Este capítulo apresenta a metodologia e resultados da pesquisa aplicada realizada com profissionais de Arteterapia e Relações Públicas. Incluiu-se ainda como público da pesquisa artistas que desenvolvem trabalhos em organizações, uma vez que identificado no referencial teórico a proximidade entre a Arte e a Arteterapia.

4.1 Pesquisa aplicada: procedimentos metodológicos

Com o objetivo de identificar com profissionais que atuam com Arteterapia o potencial de suas atividades no ambiente organizacional e, com profissionais de Relações Públicas, as demandas e possibilidades do uso da Arteterapia no ambiente organizacional foi realizado um estudo exploratório por meio de entrevistas.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente e virtualmente no período entre 1 de março de 2022 e 29 de abril de 2022. Os entrevistados foram selecionados conforme formação e atuação profissional, bem como disponibilidade e receptividade para participar do estudo. Todos foram informados sobre o objetivo do estudo e concordaram com a participação no estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1).

No decorrer do estudo teórico constou-se ainda a necessidade de profissionais que trabalham com Arte no ambiente de trabalho dada a conexão entre a Arte e a Arteterapia. Também vislumbra como uma oportunidade para entender as diferenças destas atividades do ponto de vista da prática profissional.

As entrevistas foram conduzidas pelo autor do trabalho a partir de um roteiro pré-elaborado contendo as seguintes perguntas para cada grupo de entrevistados (Arteterapeutas, Artistas que atuam em organizações e Relações Públicas):

1 – Perfil do Entrevistado (Arte terapeutas, Artistas e Relações Públicas)

1.1 Nome

1.2 Formação (Graduação/Pós)

1.3 Área de Atuação

1.4 Experiência Profissional

1.5 Tempo de Mercado

2. Arteterapia e Organizações – Arte terapeuta

2.1 Como entende/define Arteterapia? Quais atividades contempla?

2.2 Já utilizou ou utiliza Arteterapia em organizações (empresas, entidades públicas e privadas, órgãos do governo, ONGS, associações, agrupamento de pessoas, etc.)? Como vê esse uso/prática? Existe demanda?

2.3 Qual deve ser o perfil e as competências do profissional que pretende atuar com Arteterapia nas organizações?

2.4 Como a Arteterapia pode contribuir no ambiente organizacional?

2.5 Quais desafios para trabalhar com Arteterapia nas organizações?

2.6 Qual a diferença entre o uso da arte por um profissional de Arteterapia e um profissional sem especialização em Arteterapia?

2.7 Conhece a profissão e as atividades de Relações Públicas? Se sim, como percebe a relação entre Arteterapia e Relações Públicas?

3. Arte e Organizações – Artistas que atuam em organizações

3.1 Como entende/define Arte? Quais atividades contempla?

3.2 Já utilizou ou utiliza Arte em organizações (empresas, entidades públicas e privadas, órgãos do governo, ONGS, associações, agrupamento de pessoas, etc.)? Como vê esse uso/prática? Existe demanda?

3.3 Qual deve ser o perfil e as competências do profissional que pretende atuar com Arte nas organizações?

3.4 Como a Arte pode contribuir no ambiente organizacional?

3.5 Quais desafios para trabalhar com arte nas organizações?

3.6 Conhece a profissão e as atividades de Relações Públicas? Se sim, como percebe a relação entre Arte e Relações Públicas?

4. Relações Públicas e Arteterapia – Profissional de Relações Públicas

4.1 Você conhece a Arteterapia? Se sim, diferencie Arteterapia e Arte.

4.2 Como vê o uso da Arteterapia no ambiente organizacional? Para você, ela pode auxiliar nas atividades de comunicação?

4.3 Como entende a relação entre Arteterapia e Relações Públicas

4.4 Conhece ou já fez uso da arte em ações de Relações Públicas? Se sim, quais foram os benefícios e desafios? Comente os aspectos positivos e negativos.

4.5 Para você, como a Arteterapia pode contribuir para as ações de Relações Públicas no ambiente organizacional?

4.6 Quais os principais problemas de relacionamento e de comunicação poderiam ser objeto de ações de Relações Públicas auxiliados pela Arte ou Arteterapia?

4.2 Apresentação e discussão dos resultados

Obteve-se a participação de dois Arteterapeutas, três artistas e quatro Relações Públicas no estudo, sendo preservada a identidade dos participantes que serão nomeados aqui apenas pelas iniciais do nome. Todas as entrevistas foram gravadas com autorização dos pesquisados e as transcrições realizadas pelo pesquisador encontram-se em Apêndice.

O Quadro 3 apresenta a síntese do perfil dos entrevistados:

Quadro 03: perfil dos artistas e arte terapeutas entrevistados

Nome	Formação	Área atuação	Experiência Profissional	Tempo de Mercado
C.A.	Músico (baterista e percussionista), estudou na Pró-Arte, no Rio de Janeiro; Teve aulas com Mestres da Cultura Popular como Mestre Caboclinho e Ney de Oxóssi (Candomblé) e Mestre Odilon Costa (Escolas de Samba); Participa do Instituto do Passo, do Prof. Lucas Ciavatta.	Professor de Percussão na Oficina do Monobloco; Músico no Monobloco Show; Participante de workshops com Empresas, utilizando a percussão como ferramenta para o trabalho em equipe.	Tocou com João Penca e Seus Miquinhos Amestrados, Titãs, Ney Matogrosso; Faz parte dos grupos Pedro Luís e a Parede e é um dos fundadores do Monobloco.	Músico profissional desde 1988; Professor desde 1990; Atua no ambiente corporativo desde 2017.
F.C.	Formado pela Faap - Fundação Armando Alvares Penteado	Desenvolve a pesquisa da arte do estêncil, na linguagem urbana, através do coletivo Sorocleta, que leva um ateliê itinerante que mostra para as pessoas as técnicas do estêncil nos mais variados pontos da cidade.	Participou de exposições e Salões de Arte desde os anos 80 e esteve presente em todas as edições do Projeto Terra Rasgada. Conquistou alguns prêmios importantes ao longo de sua carreira como: Mapa Cultural paulista e medalha de ouro no salão de Ubatuba.	30 anos
F.C.B.	Graduado em Medicina pela Pontifícia Universidade Católica, PUC-SP (1996); Especialista em Pediatria, Pneumologia Pediátrica, Broncoscopia Pediátrica pela Universidade de São Paulo (USP) e Sociedade Brasileira de Pediatria.	Médico pediatra, especialista em pediatria e pneumologia pediátrica.	Experiência em especialização pediatria geral e pneumologia pediátrica.	25 anos
C.F.	Especialização em Arteterapia pela Faculdade Vicentina em parceria com o NAPE – Núcleo de Arte e Educação;	Produtor cultural; Arteterapeuta.	Organizador dos livros: “Raízes da Alma – A simbologia da Árvore em Arteterapia” (Evidências, 2022); “Contos e Mitos em Arteterapia”	Atua na docência e clínica

	<p>Doutor em Psicologia – Ciência e Profissões (Criatividade), pela Faculdade de Psicologia da Puc-Campinas (2005);</p> <p>Mestre em Educação (Ensino Superior), pela Faculdade de Educação da PUC-Campinas (1996);</p> <p>Graduado em Jornalismo, também pela PUC-Campinas (1982);</p> <p>Fundador e presidente da ABJL – Academia Brasileira de Educação e Jornalismo Literário;</p> <p>Cofundador e conselheiro da CRIABRASILIS – Associação Brasileira de Criatividade e Inovação.</p>		<p>(Evidências, 2022); “Arteterapia – Formar para Transformar” (Evidências, 2019); “Criatividade e Envelhecimento – Resignificação da Vida” (Labour Editora - 2017); “Solaris – Indaiatuba: Histórias e Personagens da Terra do Sol” (MHK Editora – 2013; e “Cultura e Sujeitos na Educação de Jovens e Adultos” (Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Campinas – 2008).</p> <p>Atuou como curador nos eventos “Outubro Literário” (2015, 2016, 2018 e 2019); “Agosto das Artes (2015-2016); “Festival das Tradições e Cultura Popular” (2016), tendo sido criador e curador do Salão de Artes Visuais de Indaiatuba-SP (2015-2019).</p>	<p>nica em Arteterapia desde 2006.</p>
A.A.T.	<p>Arteterapeuta AATESP 277/0414 Especialista em Arteterapia pela USM - Universidade São Marcos;</p> <p>Engenheira Civil pela Escola Politécnica da USP;</p> <p>Especialista em Desenvolvimento do Potencial Humano nas Organizações – PUC-CAMP;</p> <p>Especialista em Psicologia Junguiana – FACIS / IJEP.</p>	<p>Professora da disciplina Desenvolvimento do Potencial Criativo na especialização em Desenvolvimento do Potencial Humano nas Organizações da PUC Campinas- desde 2018;</p> <p>Professora de Arteterapia nas Organizações no curso de especialização em Arteterapia do NAPE- desde 2019;</p> <p>Atendimentos em ateliê, workshops, palestras interativas, cursos e programas contínuos in company.</p>	<p>Idealizadora da ArtEngenharia – Engenharia Mental Através da Arte– proposta transdisciplinar fundamentada que integra Arteterapia e Engenharia para o desenvolvimento do potencial criativo e demais competências pessoais e organizacionais, defendida em congressos nacionais e internacionais e concretizada em mais de dez anos de atuação, no formato atendimentos em ateliê, workshops, palestras interativas, cursos e programas contínuos in company. (www.artengenhariamental.com) – desde 2008;</p> <p>Professora da disciplina Desenvolvimento do Potencial Criativo na especialização em Desenvolvimento do Potencial Humano nas Organizações da PUC Campinas – desde 2018;</p>	<p>Cerca de 15 anos</p>

			Professora de Arteterapia nas Organizações no curso de especialização em Arteterapia do NAPE– desde 2019.	
M.M.	Doutorado em Ciências da Comunicação na USP; Pós-Doutorado na Purdue University.	Escritora, pesquisadora e mentora em comunicação, cultura e estratégia.	Em escolas e em programas de formação, assim como em empresas orientando a comunicação estratégica.	Mais de 40 anos
L.C.S.	Bacharelado em Relações Públicas e em Administração (UFSM); Mestrado e Doutorado em Ciências da Informação e da Comunicação (Paris-Sorbonne).	Relações Públicas e Comunicação Organizacional.	Organização de eventos, Comunicação organizacional e institucional.	7 anos
P.M.	Doutorando e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba – UNISO; Especialista em Design de Comunicação de Moda, na área de Merchandising de Moda, pela Universidade do Minho em Portugal; Especialista em Inteligência Organizacional e Competitiva pela Universidade de Brasília – UNB; Graduado em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Institucional e Relações Públicas pelo IESB (DF).	Atualmente é Servidor Público da Câmara Municipal de Sorocaba, no cargo de Mestre de Cerimônias, onde foi Diretor-Geral da Escola do Legislativo de Sorocaba e atualmente é Coordenador-Geral do Laboratório de Inovação - Lab Leg Sorocaba.	Foi Consultor Especialista em Projetos do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e Consultor Especialista em Projetos da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) para o Programa Alfabetização Solidária; Atuou como Relações-Públicas do Salesianos do Brasil, responsável pela coordenação da comunicação e marketing institucional e relacionamento com autoridades públicas parceiras; Atuou como Professor Universitário das disciplinas de comunicação, marketing e eventos e gestão da informação e do conhecimento aplicadas aos cursos de comunicação social da Faculdade Anhanguera de Brasília e do curso de Pós-Graduação em Assessoria de Comunicação do Centro Universitário UniEURO; Foi Coordenador de Cursos Técnicos [PRONATEC] pela mesma instituição de ensino superior; Exerceu o cargo de Analista de Desenvolvimento de Pessoas no SESC/DF, no planeja-	20 anos

			mento e desenvolvimento de estratégias de treinamento, desenvolvimento e educação corporativa e cerimonial e eventos.	
--	--	--	---	--

4.3 Arteterapia e Arte nas Organizações

Para o desenvolvimento desta fase do trabalho foram entrevistados profissionais das áreas de Artes, Arteterapia e Relações Públicas. Conforme perguntas realizadas, os profissionais deram seus depoimentos e pontos de vista sobre algumas questões e, conforme as respostas obtidas, fez-se uma análise com o objetivo de relacionar as visões e entender a possibilidade do uso conjunto da Arteterapia e Relações Públicas nas Organizações.

4.3.1 Entendimento e atividades desenvolvidas:

Quando perguntados sobre como entendem e definem Arte e quais atividades contemplam, os artistas mostraram visões diversas e abrangentes sobre a questão.

C.A. relatou que ao seu ver arte são atividades que trabalham a criatividade, a capacidade de abstração, a sensibilidade, a construção de universos simbólicos (linguagens) e habilidades técnicas específicas.

Ainda sobre seu entendimento e quais atividades a arte contempla, C.A. prosseguiu argumentando que alguns aspectos que envolvem o fazer artístico são o entendimento da linguagem específica (em seu caso, da música), história e conhecimento de diversas expressões musicais, criatividade, improviso e técnica e que todos são elementos importantes para enriquecer a capacidade de apreciar e/ou se expressar em algum tipo de arte.

Já o artista F.C. diz que existem centenas, milhões de conceitos sobre arte, e que o que ele próprio consegue entender é que é algo constituído, ou seja, cada momento da história, cada pensador tem suas teorias. E falando por si próprio, a teoria que mais o agrada é de um filósofo francês que diz: “a arte é o que os artistas fazem”. Não tem porquê, é relativo, cada tempo vai ter sua definição”. E sobre o que a arte contempla, F.C. ressalta que daqui a 30 anos vai ter uma tendência, um conceito diferente, mas nunca vai ser deixado de lado que arte é o que os artistas fazem. F.C. diz existir um jogo semântico muito forte e sua aposta é essa. O artista ainda alerta para o que é arte, o que é obra de arte, o que são os artistas e que tudo isso são

coisas distintas. O que é arte é muito abrangente, mas de certa forma é o que os artistas fazem, assim como é abrangente o que a arte contempla.

Já o artista F.C.B., entende a arte como a forma mais natural de desenvolvimento e evolução humana e que a arte envolve todas as atividades do ser humano em suas relações. A arte de brincar, por exemplo, auxilia o ser humano em sua própria evolução e ajuda-o a encontrar, desvendar dentro de si todas as suas potencialidades.

Quando perguntado para o Arte terapeuta C.F. qual é seu entendimento e quais atividades contemplam a Arteterapia, obteve-se a seguinte resposta:

A Arteterapia é uma terapia não verbal que trabalha, como o próprio nome diz, a terapia pela arte. Ela tem uma proposta de estimular os participantes desse tipo de terapia que nós chamamos de clientes ou de partilhantes para que eles façam produções artísticas em diferentes abordagens sem preocupações estéticas, de qualidade, de tempo, importando que ele manifeste simbolicamente alguma coisa que possa dizer respeito as questões que ele quer levantar no processo terapêutico.

Já a Arte terapeuta A.A.T., graduada em engenharia civil, discorreu sobre seu ponto de vista acerca da Arteterapia, mas antes comentou sobre sua experiência acadêmica dizendo que é sempre um prazer falar sobre o assunto e que Arteterapia é uma de suas especializações e que fez outras especializações para complementar. Por ser engenheira e a Arteterapia se valer muito da psicologia, A.A.T. também se especializou em psicologia Junguiana para fundamentar um pouco mais e, com a intenção de levar para as organizações, se especializou em desenvolvimento humano nas organizações.

Sobre Arteterapia, A.A.T. diz entender como um recurso, técnicas para promover não só processos de autoconhecimento, mas também de desenvolvimento pessoal. Embora ela tenha a palavra terapia no título, não obrigatoriamente ela vai ser voltada para o tratamento. Ela pode ser um processo de desenvolvimento onde a pessoa pode desenvolver capacidades que ela tenha, muitas vezes até ocultas. Por isso é muito importante se atentar ao sentido da palavra desenvolver, tirar fora tudo o que atrapalha, que está ali dentro, e a Arteterapia é um recurso bem interessante para isso.

Ela se vale para promover esses processos de autoconhecimento, desenvolvimento pessoal, relacional, organizacional, ela se vale das linguagens artísticas justamente como linguagem e não como produção artística. Ela não tem nenhuma preocupação técnica de resultado, de performance artística. É como uma conversa, é como estar conversando e se valer de uma determinada linguagem, sem levar em consideração se o português é correto ou não, se a gramática está correta ou não, se a técnica verbal é importante. Na terapia é a mesma coisa, as linguagens artísticas do jeito que vierem, um borrão é bem-vindo, um rasgo é bem-vindo, porque tudo isso é a fala da pessoa, não está em jogo a performance, inclusive nos processos individuais os trabalhos são preservados de exposição porque são falas daquela pessoa.

4.3.2 Uso nas organizações:

Perguntados sobre o uso da arte e Arteterapia em organizações, todos foram unânimes em dizer que sim, exceto o Arteterapeuta C.F.

O artista C.A. respondeu que realizou workshops dentro de organizações em que utilizava os instrumentos da bateria da escola de samba para promover uma atividade musical com os participantes. Através do entendimento da linguagem e do fazer musical, foram estabelecidas várias analogias com aspectos organizacionais (trabalho em equipe, interdependência, os diferentes papéis na organização, habilidades de comunicação e liderança, por exemplo).

As experiências foram muito ricas, tanto para o artista quanto para os participantes e membros dos departamentos de RH. C.A. acredita que exista uma boa demanda pois, cada vez mais, existe a necessidade de trabalhar aspectos organizacionais de forma lúdica e humanizada.

O artista F.C. respondeu que utilizou a arte em várias situações, principalmente em grêmios de empresas onde os funcionários foram para fazer oficinas de criatividade, oficinas de desenho ou cenas de mosaico. Fez também ações colaborativas em clubes pois esse tipo de ação faz parte do cotidiano de seu atelier. É uma maneira de tentar entender o como funciona esse coletivo e aliás isso encanta bastante e é muito saudável porque percebe-se nessa panorâmica a questão de grupos,

as diferenças de como cada um pensa, como podem agir e como cada um consegue aprender com outro.

O artista F.C.B. diz existir uma enorme demanda, e que hoje dentro das organizações há a necessidade de colocar a humanidade em contato com aquilo que é mais natural e isso a arte faz de maneira exemplar através da música, teatro, da pintura, literatura e todas as formas de expressão de arte humana.

O Arteterapeuta C.F. relata que já utilizou a terapia em escolas e organizações não governamentais e que empresas não são o seu foco de trabalho. Seu foco de trabalho é o ensino, como professor, coordenador de cursos, e que trabalha em ateliê de Arteterapia, que é como se fosse um consultório terapêutico, reforça dizendo que ainda não trabalhou em organizações. C.F. diz que são poucos os terapeutas que trabalham com organizações e indicou para entrevista a Arteterapeuta A.A.T., especialista em terapia nas organizações, nas empresas.

Sobre existir demanda, C.F. respondeu positivamente pois a Arteterapia pode melhorar as relações de trabalho hierárquico em qualquer tipo de organização. O que acontece dentro de uma organização empresarial é o que acontece no mundo fora, é o que acontece no ambiente da família, o que acontece nas relações de amizade, então conflitos podem acontecer de toda ordem, portanto a Arteterapia pode trabalhar na melhoria das relações interpessoais. Sabemos que nas grandes organizações, na área de comunicação, inclusive, de Relações Públicas, a dificuldade de entendimento entre as pessoas pode causar conflitos em níveis hierárquicos tanto horizontais quanto verticais (C.F. trabalhou em grandes empresas). Esses conflitos influenciam negativamente no desenvolvimento de atividades assim como no resultado da organização, de produção e financeiro. Talvez se possa fazer uma citação que o bichinho (Celular) trouxe muitas soluções para nós, mas também trouxe muitos problemas pois muitas vezes nós não escolhemos as palavras adequadamente.

Já a Arteterapeuta A.A.T. relata que sim, já utilizou e utiliza Arteterapia nas organizações, inclusive lecionando essa disciplina no curso NAPE, Arteterapia nas Organizações. A.A.T. discorre sobre o assunto: “Eu gosto muito desse nicho. Já tive experiências em empresas tradicionais, instituições, por exemplo, equipe multidisciplinar, equipe de 70 pessoas das mais diversas funções. Fazer programa de desenvolvimento de competências. O que se percebe, às vezes, sobre a demanda, sim ultimamente... Eu trabalho com a terapia desde 2005 e no começo era mais difícil pensar

em Arteterapia nas organizações. De uns 10 anos para cá para cá melhorou porque com essa coisa toda da necessidade de inovação, no cenário contemporâneo e abertura para novas ideias, começou a ficar bem-vindo ações diferentes para promover a criatividade. Não é uma coisa mais que exista um preconceito de colocar a arte dentro das empresas, mas ainda não há uma procura. O Arteterapeuta ainda precisa ter o trabalho de levar, mostrar, oferecer e perguntar. Se você consegue ter essa oportunidade aí é aceito.”

4.3.3 Perfil e competências dos profissionais:

Sobre o perfil e as competências dos profissionais para trabalhar com Arte e Arteterapia nas organizações, os entrevistados deram opiniões diversas, com destaque para a coletividade e trabalho em grupo, saber transmitir emoção e empatia.

O artista C.A. afirma que o profissional deve ter noções de pedagogia do seu campo artístico e também dos objetivos a serem trabalhados nas organizações (liderança, trabalho em equipe, cultura das organizações, comunicação, etc.). Procurar formular atividades simples, de resultado rápido que permitam refletir sobre as questões organizacionais, através de analogias com as atividades artísticas, ter habilidades de comunicação, planejamento e saber trabalhar em grupo e com grupos são aspectos fundamentais.

F.C. afirma que nas organizações existem normas instituídas, existem maneiras e como em qualquer setor profissional, se aprimoram esses códigos pré-estabelecidos, isso é muito difícil na função dos Artistas porque um dos papéis do artista é justamente não estabelecer normas como maneiras de visão e que isso ao mesmo tempo possibilita reforçar a disciplina nas organizações. A capacidade de organização é fundamental, ninguém faz uma interferência no museu sozinho, diz F.C. e quanto mais pessoas competentes você estiver ao seu lado é melhor, pois sempre existe a troca que é fundamental para atingir essas organizações. É importante a questão da humildade e saber que sempre estará precisando de outros profissionais para auxiliar.

Já F.C.B. afirma não conseguir definir exatamente qual o perfil e competência necessários para desempenhar tal função, porém diz que uma pessoa habilitada

numa determinada área artística deve conseguir transmitir a emoção e desvendar todos os mistérios do invisível dentro do ser humano e dessa forma pode contribuir para que o ambiente organizacional encontre o seu equilíbrio natural.

O Arteterapeuta C.F. diz que primeiramente é preciso, além de ser formado, habilitado em Arteterapia, é preciso conhecer a estrutura das organizações, ter algum nível de leitura, de formação acadêmica. Entender como funciona uma organização, quais são os níveis hierárquico, verticais, horizontais, qual a história da empresa, com o que ela trabalha, qual sua missão, seus valores e a partir daí propor programas que possam ajudar nas melhorias das condições de trabalho.

A profissional de Arte terapia A.A.T. afirma que daria um passo atrás para essa pergunta para dizer que qualquer profissional que for trabalhar com Arteterapia é muito importante que ele tenha experimentado o processo Arte terapêutico como pessoa, em processo como cliente, para ele ter a legitimidade do que está propondo. Se ele vai trabalhar no contexto organizacional é importante que tenha um conhecimento básico de quais são as competências que precisam acontecer na organização, no ambiente organizacional. Mesmo que o Arteterapeuta não faça uma especialização em desenvolvimento humano nas organizações, estudar um pouco disso. Eu acho importante que o perfil do Arteterapeuta seja esse, conheça a terapia subjetivamente primeiro e, que se for no contexto organizacional, que ele conheça um pouco da engrenagem do que é uma organização. Porque ele precisa ser empático e para a gente ser empático a gente precisa conhecer um pouco daquele lugar do outro para a gente se imaginar no lugar daquele outro.

4.3.4 Contribuições da Arte e Arteterapia para organizações:

Sobre essa questão, artistas e Arteterapeutas falaram sobre convivência humana, quebra de paradigmas, o papel da Arte como desorientadora e complementar, criatividade, integração dos potenciais mentais, assim como trabalhar a causa dos problemas através da Arteterapia, assim como foi dito que as pessoas precisam estar preparadas para receber essa contribuição.

O artista F.C. fez considerações sobre a convivência humana. No ambiente de uma empresa, no ambiente de um de uma instituição, de uma escola, de um agrupamento de pessoas, como a arte pode contribuir para uma convivência mais harmônica? Mas justamente, o que é convivência? O papel da arte ou um dos papéis da arte

justamente, um dos grandes nortes é que arte aqui não serve para orientar, ela serve para desorientar. Se tem um papel que é fundamental nesse exercício é justamente o que dá novas aventuras de uma maneira consciente, trabalhando com parâmetros, a grande contribuição é quebrar paradigmas, mostrar novas possibilidades, esse é o papel artístico. Mesmo numa instituição que tem uma maneira de pensar ordenada, organizada, existem outras maneiras de pensar que podem contribuir também, elas não são distantes, elas podem contribuir de forma complementar.

O Arteterapeuta C.F. opina dizendo que as pessoas tem que estar preparadas, não só para técnicas da comunicação, no jornalismo, das Relações Públicas, na publicidade, mas também nas técnicas das relações humanas, das técnicas de psicologias, nas diferenças, nas abordagens terapêuticas, até para ajudar os funcionários a vencerem não só suas dificuldades de comunicação, mas suas dificuldades de ajudar na superação de ansiedades, excesso de timidez, e alguns outros quadros.

A.A.T. nos dá sua opinião acerca da contribuição da Arteterapia nas organizações, dizendo que a Arteterapia nos ambientes organizacionais, essencialmente, basicamente, a priori ela já vai estar contribuindo para promover a criatividade, por aquela integração dos potenciais mentais que eu falei na outra questão, por massagear, estimular o hemisfério direito e promover a integração, isso sempre vai ter. Agora, além disso você pode se propor ao desenvolvimento de competências específicas que estão sendo necessárias para aquele grupo: escolha, tomada de decisão, mapeamento de risco, gerenciamento de crise, adaptabilidade, flexibilidade...

4.3.5 Desafios da Arte e Arteterapia nas organizações:

Foram citados vários desafios sobre implantar as atividades nas organizações. O desafio de si próprio enquanto artista, romper barreiras, criar um canal eficaz de comunicação entre Arteterapia e a organização, equilíbrio de atividades lúdicas e de desenvolvimento e o desafio de fazer a própria arte prosperar.

O Artista C.A. citou que equilibrar atividades lúdicas com desafios de desenvolvimento pessoal dos participantes, ter clareza sobre os objetivos da sua atividade e que eles estejam alinhados com as expectativas do pessoal de RH e convencer os profissionais de RH de que atividades "diferentes" podem ser úteis e eficazes na construção de um bom ambiente organizacional são alguns dos desafios a se ultrapassar.

Já F.C. diz que o primeiro desafio é individual. Eu acho que você tem que criar desafios para poder se aprimorar como pessoa, como artista, que você consiga mudar o mundo através de você. O não fraco não resolve nada, o forte ajuda. Se você não tiver preparo essa estrutura de nada vai adiantar, e isso em termos de arte é muito bacana, esse reconhecimento do poder que você tem. Esse auto coroamento implica você assumir as responsabilidades de ter colocado como princípio você como artista.

F.C.B. diz que o principal desafio é fazer a arte prosperar, entendendo essa prosperidade nas quatro dimensões da riqueza humana. As dimensões potenciais de cada um, a dimensão espiritual, a dimensão dos relacionamentos e a dimensão financeira, traduzindo isso como um meio de elevar a prosperidade e elevar o critério de manutenção da vida humana.

O Arteterapeuta C.F. cita que um dos desafios é criar um canal de comunicação entre a Arteterapia e a empresa, para que a empresa entenda o quanto essa ferramenta pode ser útil para seus próprios negócios e ter espaço adequado para ser trabalhada, a Arteterapia precisa de espaço sagrado de trabalho, onde todo os participantes tem que assumir compromisso de manter a fidelidade.

A.A.T. acha que os desafios são lidar com a resistência das pessoas a inclusão de arte em uma empresa. Eu costumo dizer que o grande desafio é você conseguir ter a primeira conversa. Ter o primeiro contato. Na conversa você mostra qual é a proposta de fato. Porque se você por exemplo, mandar só um folder ou um projeto escrito, não vai. É muito difícil. Já aconteceu de eu fazer um contato. Daí a profissional de RH, falar: ah! A tal história porque tudo isso tá muito impregnado. Ah sei! Mas olha aqui os nossos líderes são todos homens e na faixa de 40 a 50 anos. Não consigo imaginar eles pintando, tem como você fazer sem a arte?

4.3.6 Diferenças entre Arte e Arteterapia:

C.A. fala sobre as diferenças entre Arte e Arteterapia: O fazer artístico e a pedagogia artística visam desenvolver no ser humano as ferramentas necessárias para a expressão e apreciação de uma determinada linguagem artística.

A Arteterapia visa, sobretudo, trazer bem-estar e promoção da saúde mental através de atividades artísticas.

F.C. A Arteterapia tem maneiras de exercitar para aprimorar as soluções de pessoas. A arte não trabalha nessa premissa, a arte trabalha na dúvida, ela cria novas verdades, a Arteterapia não cria novas verdades, nem é o papel dela, ela possibilita em função de informações e conhecimentos que existem, a arte traz novos conhecimentos.

F.C.B diz que Arte é toda forma de expressão humana e Arteterapia é um método sistematizado de levar a expressão da Arte humana para que possa causar a evolução.

Perguntada sobre a diferença do uso dessa arte por um profissional sem graduação em Arteterapia e um profissional com especialização, a Arte terapeuta A.A.T. respondeu o seguinte:

A Arteterapia basicamente se estrutura num tripé, que é o Arte terapeuta, a pessoa que está sendo atendida ou as pessoas e o processo arte terapêutico. Para se configurar a Arteterapia precisa desses três elementos, mesmo que seja um encontro de um dia numa empresa, aquele encontro tem um processo, um começo, meio e fim. Você pode ter um encontro numa empresa de que algum profissional de artes plásticas que irá promover um dia para todo mundo pintar. Isso vai ser super lúdico, vai promover integração, eles vão provavelmente expor em algum lugar e eles estão fazendo arte. Agora a Arteterapia, tem a reflexão em cima da arte, esse questionamento sobre o que foi feito.

4.3.7 Profissão de Relações Públicas e conexão com Arte e Arteterapia:

Sobre as atividades de Relações Públicas, alguns de nossos entrevistados demonstraram pouco conhecimento sobre profissão, mas mostraram-se interessados sobre o que a profissão contempla e sobre a possibilidade de ações conjuntas, tendo em vista que Arteterapia e Relações Públicas trabalham autoconhecimento e desenvolvimento pessoal e buscam o desenvolvimento de relações harmoniosas.

C.A. disse infelizmente não ter muito conhecimento sobre a Profissão de Relações Públicas, além do tradicional papel de porta voz de organizações.

F.C. Sim, eu conheço as Relações Públicas em função de terem amigos que optaram por esta profissão e colocam em prática os seus conhecimentos. Uma coisa

muito interessante que é importante dizer é que antes das artes uma coisa que se chama linguagem precede aqui na minha leitura, e o papel das Relações Públicas é justamente focar essa coisa da importância da comunicação, olha como é forte o papel das Relações Públicas, você criar um uma formatação da linguagem. Então acho que isso é fundamental no papel que as pessoas que optaram por esta profissão, se relacionarem com o mundo.

C.F. – Conheço, sou jornalista, fiz curso na faculdade de comunicação, fui professor na faculdade de comunicação. Em Relações Públicas eu passei um semestre só, mas conheço um pouco, claro. Mas assim, a gente sabe, né Carlos que a profissão de Relações Públicas no Brasil, ela é malvista ainda, eu não sei hoje.

Algumas profissões, elas vão se extinguindo com o tempo e outras vão surgindo. Relações Públicas é uma delas. Eu imagino que tenha diminuído muito né? Até porque existe uma confusão muito grande entre você falar de Relações Públicas no Brasil e falar de Relações Públicas nos Estados Unidos. Qual o trabalho de Relações Públicas de lá e qual o trabalho de Relações Públicas daqui. De um modo geral o Relações Públicas daqui é o cara que vai fazer festinha de aniversário, é o cara que vai fazer uma inauguração, é o cara que vai cortar a fita, é o cara que providenciar o salgadinho. É o profissional responsável pela Cultura Organizacional, é o sujeito que vai estabelecer políticas para que essa organização funcione muito bem. Daí que ao conhecer a Arteterapia, ele pode usar a Arteterapia para melhorar essa Cultura Organizacional. Acho que aí eu respondo a sua pergunta, né?

Eu acho que ele pode usar, aquilo que falamos no início, o Relações Públicas ele pode usar a Arteterapia para melhorar a Cultura Organizacional interna. Melhorando o funcionamento da empresa, melhorando o bem-estar dos funcionários, propondo várias atividades não só para os funcionários da empresa, mas dependendo da empresa, permitir que isso aconteça com seus familiares.

A.A.T. - Eu conheço superficialmente a profissão de Relações Públicas, mas assim o que eu tenho intuitivamente a dizer sobre isso é o seguinte: todos dentro de nós, cada indivíduo ele tem dentro de si relações que ele precisa estabelecer, conteúdos dele mesmo, relações entre as partes dele, entre os papéis dele, entre um homem que é um pai, que um profissional, um artista, que é um esportista, tudo aquilo que ele faz e tudo aquilo que ele sente, como tudo isso se relaciona, ele vai ter que administrar. A partir daí então eu acho que desde o indivíduo que vai trabalhar com

Relações Públicas, trabalhar com Arteterapia trabalha essencialmente relações humanas. Arteterapia relaciona as linguagens artísticas, ela não se restringe a uma só, vai misturar, e se a gente pensar analogicamente como eu já te falei, acredito que dê para aproveitar muito Arteterapia no contexto das Relações Públicas.

Podemos visualizar no quadro a seguir a síntese das propostas das entrevistas com Artistas e Arte terapeutas:

Figura 1: visão de Artistas e Arte terapeutas entrevistados

Como Definem Arte	Como Definem Arteterapia	Uso nas Organizações	Diferenças
<ul style="list-style-type: none"> - Atividades que trabalham a criatividade, sensibilidade. - Universos simbólicos (Linguagens) - Arte é o que os artistas fazem - Todas as atividades humanas - A forma mais natural de desenvolvimento e evolução humana. 	<ul style="list-style-type: none"> - Terapia não verbal - Terapia pela arte - Abordagem artística sem preocupação estética - Promover autoconhecimento e desenvolvimento pessoal - Desenvolvimento de capacidades, aptidões ocultas. 	<p>Arte</p> <ul style="list-style-type: none"> - Workshops - Oficinas de criatividade - Oficinas de desenho - Cenas de Mosaicos - Dinâmicas <p>Arteterapia</p> <ul style="list-style-type: none"> - Menos técnica, atividades com finalidade terapêutica, autoconhecimento, desenvolvimento pessoal e descobertas de aptidões. 	<p>Arte</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fazer artístico, expressão - Trabalha na dúvida - Toda forma de expressão humana <p>Arteterapia</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saúde mental através de atividades artísticas. - Método sistematizado.

Perfil dos Profissionais Para Atuar nas Organizações	Contribuições para as Organizações	Desafios para Implantar Atividades	Conexão das Relações Públicas Com Arte e Arteterapia
<p>Arte</p> <ul style="list-style-type: none"> - Domínio da pedagogia - Objetivo - Habilidade de comunicação - Trabalhar em grupo - Desvendar os mistérios do invisível <p>Arteterapia</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formação acadêmica - Conhecer a organização (história, missão, visão, valores, níveis hierárquicos, políticas) - Experimentar a arteterapia - Conhecer sobre desenvolvimento humano nas organizações - Empatia. 	<p>Arte</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desorientar conscientemente - Quebrar paradigmas - Mostrar novas possibilidades artísticas <p>Arteterapia</p> <ul style="list-style-type: none"> - Promover a criatividade - Integração de potenciais mentais - Estimular o hemisfério direito - Convivência harmônica - Desenvolvimento da comunicação não violenta - Criatividade, sensibilidade e relacionamento interpessoal - Construção da cultura da paz. 	<p>Arte</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alinhamento com a organização - Atividades fora do comum podem ser eficazes - Se auto desafiar - Fazer a arte prosperar <p>Arteterapia</p> <ul style="list-style-type: none"> - Canal de comunicação entre a arteterapia e a empresa - Conscientizar a organização e os participantes sobre a importância da arteterapia - Lidar com a resistência das pessoas nas organizações. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ambas trabalham a comunicação - Ambas se relacionam com o mundo de forma ampla - Ambas se complementam em prol de uma melhoria na cultura organizacional - Ambas trabalham as relações humanas - Ambas trabalham a relação de linguagens, misturas.

4.4 Relações Públicas e Arteterapia

4.4.1 Conhecimento de Arteterapia e diferença da Arte

Quando perguntados sobre o conhecimento sobre Arteterapia, a resposta foi negativa ou conhecimento superficial. Sobre diferença de Arteterapia e Arte, obteve-se uma diversidade de respostas, desde ser a expressão de ideias ou expressão do que ainda não se imaginou e diferentes formas artísticas que podem ser melhor trabalhadas nas organizações.

O convidado P.M. relata que “Particularmente, não! Nunca tive um contato direto com a prática, mas convivi profissionalmente com pessoas que realizavam a prática, em ambientes com o objetivo de promover o bem-estar das pessoas.

Acredito que arte seja a forma da pessoa humana expressar suas ideias, seus valores, seus sentimentos, por meio de alguma manifestação artística (dança, música, pintura, escrita, etc.), já Arteterapia, no meu entendimento, seja o uso dessas diversas manifestações, com o objetivo de promover uma sensação de bem-estar a pessoas que recorrerem a ela.”

A entrevistada M.M. diz que arte pode ser uma expressão de tudo aquilo que ainda não imaginei, que cada pessoa tem um olhar, e as vezes aquilo que vou olhar aqui, dessa arte, desse quadro pode ter um significado completamente diferente para o Carlos e para a M.M.

M.M. prossegue com seu raciocínio dizendo que “Talvez se eu falar da Arteterapia, talvez eu pudesse entender, Carlos, que é uma orientação maior, porque daí já estou fazendo, uma interpretação orientada, conforme o meu grau de conhecimento, então já é uma orientação, já é alguém, é como se fosse a psicóloga, como se eu tivesse fazendo minha terapia, então, na Arteterapia tenho um profissional que está orientando este processo, e que nem por isso intimida a possibilidade de eu ter imaginações completamente diferentes, porém, se aquele grupo, e que talvez na Arteterapia grupal, se eu pudesse trocar mais, aprender mais, do que talvez em uma Arteterapia individual, aonde me limito as minhas interpretações e não compartilho as minhas ideias.”

4.4.2 Uso da Arteterapia no ambiente organizacional

Sobre a opinião em fazer uso da Arteterapia no ambiente organizacional, os convidados também deram opiniões favoráveis e diversas que foram desde fortalecer o desenvolvimento do ser humano, uso da Arte terapia de forma inconsciente, porém de maneira favorável e uso em outros locais que não empresas, porém de forma muito agregadora. Segue abaixo algumas situações:

P.M. diz acreditar que a Arteterapia seja um meio para fortalecer determinadas ações de desenvolvimento humano, por meio da área de recursos humanos (em especial a área de treinamento e desenvolvimento de pessoas), com vistas a sensibiliza-las ou prepara-las para algo que precise, por exemplo, ter resultados. Em relação

a ajudar nas atividades de comunicação organizacional, creio que, talvez (salvo melhor juízo!), a Arteterapia contribua em estratégias de endomarketing para fortalecer ações de comunicação interna.

M.M. faz uma observação importante no que diz respeito ao uso inconsciente de determinadas técnicas e meios de comunicação nas organizações: “Se fiz o uso da Arteterapia, vou dizer pra você que não. Mas se a Arteterapia significa desenvolver processos mais colaborativos trazendo a voz das pessoas no desenvolvimento e nas estratégias, eu diria que sim, mas talvez inconscientemente ter aplicado a Arteterapia.” M.M. prossegue citando um caso onde trabalhou-se o que foi chamado de estratégia como prática comunicacional onde o objetivo era fazer com que o grupo entendesse e refletisse sobre cada uma de suas atividades e o valor do conjunto dessas atividades, M.M. conclui que “Talvez eu tenha feito uso da Arteterapia”.

Sobre fazer o uso de Arteterapia nas organizações, L.C.S. relata que “Participava de um projeto no Rio Grande do Sul de Relações Públicas com grupos de terceira idade em asilos, através da Arte. Era um trabalho de integração, de comunicação, bem nesse aspecto mais social das Relações Públicas. Essa atuação de uma comunicação mais comunitária. Com oficinas de pintura, era uma atividade bem bonita, interessante, mas para um grupo bem específico. Não tem a ver com sua ideia de arte nas organizações, não pensando nesse ambiente, mas já trabalhamos com atividades sim de comunicação, com oficinas, desenvolvendo bem esse aspecto social, humano das Relações Públicas que eu acho que é superinteressante para a sociedade.”

4.4.3 Relação entre Arteterapia e Relações Públicas

Sobre a possível relação entre as duas áreas, obtivemos dos profissionais entrevistados opiniões favoráveis e objetivas.

O profissional de Relações Públicas P.M. relata que “Partindo do pressuposto que o objeto de estudo das Relações Públicas são as pessoas, os públicos, e é por conta deles que as Relações Públicas têm a sua razão de ser e existir, talvez por atuar com pessoas exista essa tal relação. Mesmo assim, vale ressaltar que ações de RP tem objetivos e metas, por exemplo, para que seus resultados sejam alcançados. Por isso, acredito que a Arteterapia seja um “meio auxiliar” para se alcançar algo. Mesmo

assim, desconheço na literatura ou até mesmo em práticas profissionais, o uso dela em ações de RP.”

A Relações Públicas M.M. vê a Arteterapia como parte de um planejamento estratégico: “Eu acho que dentro dos programas e projetos, eu acho que a gente deveria ver num primeiro momento a Arteterapia como uma estratégia. Como uma estratégia que traz o indivíduo no processo. Eu acho que é uma contribuição num pensamento bem interessante, mais macro. A partir daí a gente poderia também pensar na Arteterapia dentro dos nossos programas e projetos, como um dos, um dos porque a gente não pode dizer que é só ela, a Arteterapia, que vai poder flexibilizar esse engessamento. Porque eu acho que esse engessamento não traz engajamento, não traz comprometimento e a Arteterapia ela pode colaborar sim no processo de tornar as pessoas mais conscientes daquilo que elas efetivamente pensam, mais atuantes.

L.C.S. foi muito clara e objetiva em sua opinião: “Pela perspectiva que tu me apontaste sobre a Arteterapia que acho que a gente pode pensar nesses aspectos do Relações Públicas como mediador social e como um profissional que também trabalha com esses aspectos que são mais simbólicos, que são humanos, que são dos relacionamentos que a gente estuda. Porque a gente estuda os relacionamentos e que a arte pode ser uma forma de melhorar esses relacionamentos. Ou melhorando o bem-estar da pessoa pode favorecer um relacionamento melhor, um ambiente organizacional melhor, um clima mais favorável.”

4.4.4 Uso da Arte e desafios e benefícios

O uso da Arteterapia foi citado positivamente como estratégia de integração, trabalho coletivo, aproximação, promoção de competências fazendo parte de um conjunto de ações a serem implantadas.

P.M. relata: Já utilizei suportes artísticos, como elementos estratégicos em eventos, por exemplo. Seja por meio de uma comunicação visual com o objetivo de atrelar imagem da organização à mensagem para públicos, ou como atração cultural, por exemplo. Mesmo assim, não vejo a arte em si só, como um fim que justifique seu uso em ações de RP.

M.M. – “Eu acredito que a gente possa, em alguns momentos com certeza, e aí talvez eu vou falar se utilizar, mas não, ter um escopo da Arteterapia como um processo de aproximação entre esses relacionamentos”

L.C.S. – “Para os relacionamentos, talvez, através da Arteterapia, poderia promover um pouco essa questão da integração, do trabalho coletivo, pode acabar aproximando as pessoas através da Arteterapia, dependendo de como isso for realizado, é uma ferramenta para aproximar as pessoas, para integrar, promover esse contato, mesmo trabalho pode ser coletivo, conjunto e pode ser interessante para promover competências que vão está mais ligadas a sensibilidade do ser humano.”

4.4.5 Contribuição da Arteterapia no ambiente organizacional

Perguntados sobre como a Arteterapia pode contribuir para as ações de Relações Públicas no ambiente organizacional, P.M. disse desconhecer contribuições de Arteterapia nas empresas.

M.M. diz que a Arteterapia pode ser aplicada para que se possa encontrar formas de aproximação e de presença ativa dos “stakeholders” no desenvolvimento ou na prática daquilo que se tem como melhor para ambos os lados e não só para a voz da organização.

L.C.S. – “A arte por si só, vai fazer que a pessoa saia dessa mecânica, essa coisa operacional do fazer, e fique mais sensível, eu acredito, inclusive pode até ser mais criativo, pode pensar dessa forma, mas nos relacionamentos pode dar uma sensibilidade melhor para que a pessoa lide com o outro, trabalhe com o outro.”

Podemos visualizar no quadro a seguir a síntese das propostas das entrevistas com profissionais de Relações Públicas:

Figura 2: Visão dos Relações Públicas entrevistados



CONCLUSÃO

Concluiu-se que a Arteterapia pode trazer benefícios múltiplos aos seres humanos, desde autoconhecimento até a melhoria das convivências interpessoais. Alguns pontos importantes sobre a formação, atuação, e aplicação da Arte e da Arteterapia e suas modalidades podem coexistir com as Relações Públicas.

Comunicação e relacionamentos institucionais são atributos do Profissional de Relações Públicas e, a Arteterapia traz a arte em si, através de suas diversas modalidades como um recurso mediador entre as pessoas.

Pode-se entender a arte como um processo artificial no qual o ser humano se apega na busca de se libertar da racionalidade do mundo e se conectar de uma forma mais simples ao que é mais fascinante, intenso, verdadeiro e inspirador no ser humano.

Entende-se também que a comunicação organizacional voltada para a humanização deve estar sempre sendo repensada no sentido de buscar formas inovadoras para tratar os relacionamentos humanos e os conflitos interpessoais.

Sendo a Arte uma forma de comunicação também sendo utilizada como processo terapêutico tem-se a Arteterapia como uma estratégia de Relações Públicas.

Esta constatação foi reforçada por meio de entrevistas com artistas, Arte terapeutas e Relações Públicas com experiência em ambientes organizacionais.

Verificou-se que a Arteterapia não tem compromisso estético e sim interação terapêutica.

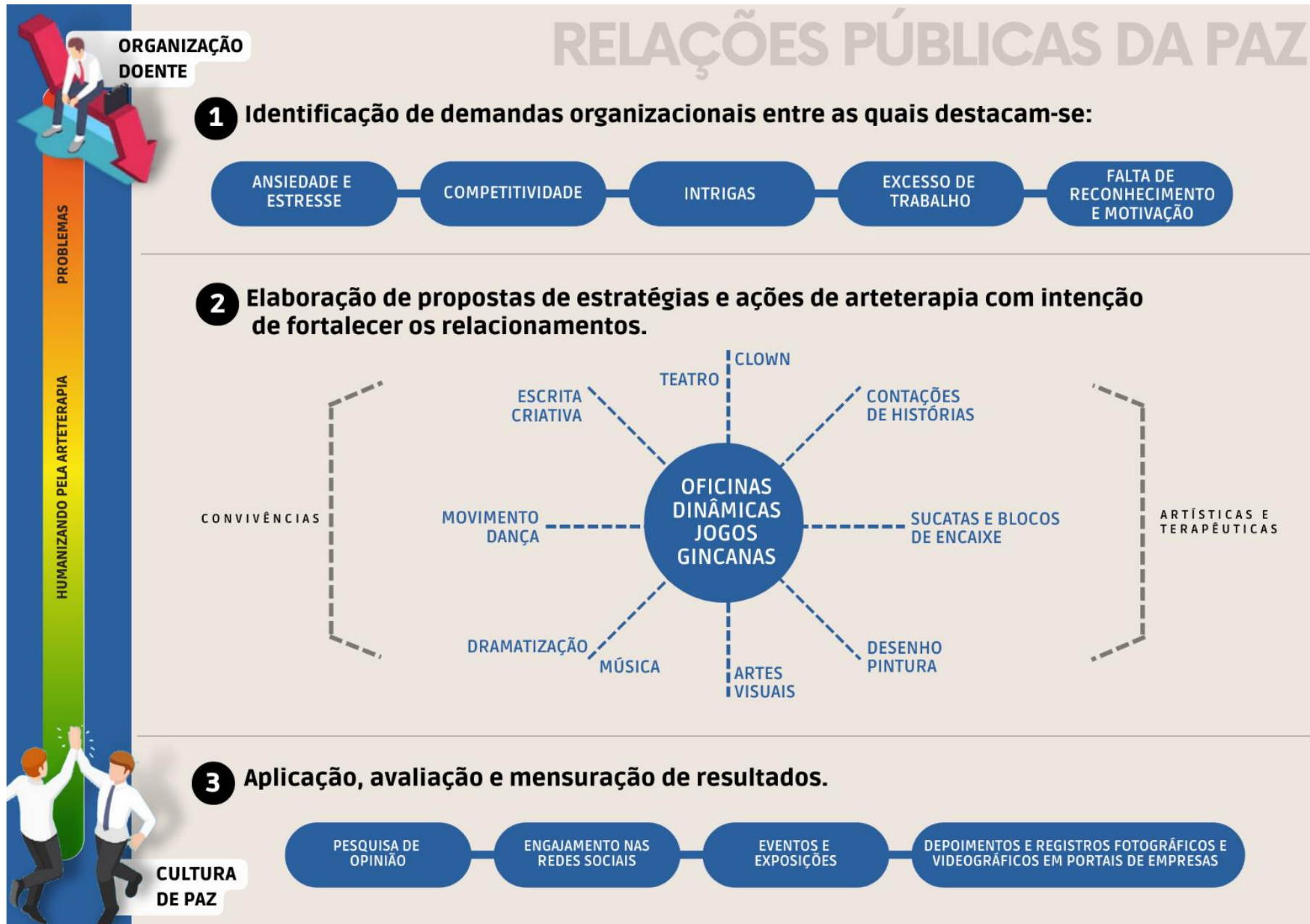
A partir dos resultados da pesquisa teórica e aplicada, elaborou-se o protocolo para implementação de programas de Relações Públicas e Arteterapia em organizações. O primeiro passo deste protocolo é detectar e identificar as demandas organizacionais, o segundo passo serve para a elaboração de propostas de estratégias e ações de Arteterapia com intenção de fortalecimento dos relacionamentos e, para finalizar, deve-se aplicar, avaliar e mensurar os resultados.

Quando aplicado, esse protocolo visa trazer para as organizações mudanças de comportamento entre seus colaboradores, através das práticas de atividades como: desenho, pintura, colagem, modelagem, construção com sucatas, dramatização, escrita criativa, musicoterapia, movimento e dança, clown (palhaço) e contação de histórias, melhorando as relações interpessoais e cultivando a cultura da paz.

Ainda assim, é clara a possibilidade da continuidade e aprofundamento da pesquisa sobre a relação entre arte e comunicação não violenta.

O protocolo de aplicação segue disponível na Figura 3:

Figura 3 – Protocolo para implementação de programas de Relações Públicas e Arteterapia



REFERÊNCIAS

CABRAL, Raquel; FERREIRA SILVA JR, Carlos H.; CALONEGO, Renata; QUINCOSES, Cândice. **Comunicação orientada para cultura de paz nas organizações: uma proposta de análise da comunicação organizacional digital de três empresas do Pacto Global no Brasil**. Universidade Estadual Paulista. Dialnet, Revista Internacional de Relaciones Públicas, v. 10, p. 179-200, 2020. ISSN-e 2174-3681. Disponível em: <http://revistarelacionespublicas.uma.es/index.php/revrrpp/article/view/643> Acesso em: 20 ago. 2021.

CAMARGO, Marcelo. **Metade dos brasileiros sofre de ansiedade no ambiente de trabalho**. Exame, São Paulo: Agência Brasil, 6 fev. 2021. Disponível em: <https://exame.com/carreira/metade-dos-brasileiros-sofre-de-ansiedade-no-ambiente-de-trabalho/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

DURAN, Felipe P. **O triângulo da violência de Johan Galtung: uma análise acerca do conflito civil no Iêmen**. Revista Ensaios, v. 18, jan-jun, 2021, p. 6-28. Disponível em <https://periodicos.uff.br/ensaios/article/view/48722> Acesso em: 12 dez. 2021.

KUNSCH, Waldemar L. **De Lee a Bernays, de Lobo a Andrade: a arte e a ciência das relações públicas em seu primeiro centenário (1906-2006)**. Anais do Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Brasília/DF, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0126-1.pdf> Acesso em: 19 set. 2021.

MARCHIORI, Marlene. **Comunicação como expressão da humanização nas organizações da contemporaneidade**. In: Kunsch, Margarida M.K.. (Org.). **A Comunicação como Fator de Humanização das Organizações**. São Caetano: Difusão, 2010, p. 139-157. Disponível em <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=veVBEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA139&dq=A+humanização+nas+organi->

[zações+pela+comunicação&ots=xxt1tZxRq6&sig=pmUypXqwHqlp1nMT-dWul-Grst10#v=onepage&q=A%20humanização%20nas%20organizações%20pela%20comunicação&f=false](#) Acesso em: 03 nov. 2021.

MELO, Luemar G. **Qualidade de Vida no Trabalho: Fortalecendo o Autoconhecimento e as Relações Interpessoais através da Arteterapia e da Consciência Corporal**. VILARTA, R; GUTIERREZ, G.L. (Orgs.). **Qualidade de Vida em Propostas de Intervenção Corporativa**. Campinas, SP: IPES Editorial, 2007. p. 157-163. Disponível em https://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/deafa/qvaf/intervencao_corporativa_cap20.pdf Acesso em: 17 ago. 2021.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. Classificação brasileira de ocupações. Arterapeuta. Disponível em <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/ResultadoFamilia-Descricao.jsf> Acesso em: 02 nov. 2021

MUMBY, Dennis K. **Reflexões críticas sobre comunicação e humanização nas organizações**. In: KUNSCH, Margarida M. K. (org.). **A comunicação como fator de humanização das organizações**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2010. cap. 1, p.19-40. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/download/139078/134427/270157> Acesso em: 12 dez. 2021

OLIVEIRA, Djalma P. R. **Plano de Carreira: Foco no indivíduo**. São Paulo: Atlas, 2009.

PRADO, Gabriela M. A. **A arteterapia e suas modalidades**. Portal educação, 2021a. Disponível em <https://blog.portaleducacao.com.br/saude/> Acesso em: 21 set. 2021

_____. **O papel do arteterapeuta**. Portal Educação, 2021b. Disponível em <https://blog.portaleducacao.com.br/saude/> Acesso em: 21 set. 2021

ROSENBERG, Marshall. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Àgora, 2006. Disponível em

<http://www2.ifam.edu.br/campus/cmc/noticias/setembro-amarelo-1/comunicacao-nao-violenta-marshall-b-rosenberg.pdf> Acesso em: 19 Out. 2021.

SOUZA, Cássia de Fátima S.; CABRAL, Raquel. **A ética do cuidar e o olhar transdisciplinar na formação continuada de professores para a cultura de paz.** Ideias & Inovação. Aracaju, V. 2, N.3, p. 21-34, setembro 2015. Disponível em <https://periodicos.set.edu.br/ideiaseinovacao/article/download/2726/1476> Acesso em: 19 set. 2021.

SOUZA, Otília R. S. **Breve histórico da Arteterapia.** Associação Mineira de Arteterapia. Disponível em <https://www.amart.com.br/historico> . Acesso em: 02 nov.2021.

UBAAT – União Brasileira de Associações de Arteterapia. **Arteterapia.** Portal Institucional, 2021. Disponível em <https://www.ubaatbrasil.com/> Acesso em: 19 set. 2021.

VASCONCELLOS, Marina da Costa Manso. **Quando A Psicoterapia Trava.** 1 ed. São Paulo: Grupo Summus, v. 1, 2007. 216 p. ISBN: 9788571830318. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/pdf/quando-a-psicoterapia-trava/livro:354246/edicao:397790>. Acesso em: 3 nov. 2021.

ANEXO 01 – TABELA DE ATIVIDADES DOS ARTETERAPEUTAS

Relatório Tabela de Atividades				
Família Ocupacional: 2263 - Profissionais das terapias criativas, equoterápicas e naturologias				
Áreas				
A REALIZAR ATENDIMENTO TERAPÊUTICO	Estabelecer contrato terapêutico	Estabelecer vínculo arte-terapêutico	Organizar grupos terapêuticos	Realizar sessões temáticas
	1 AT	2 AT	5 AT	6 AT
	Realizar estimulação multisensorial	Estimular autonomia e independência	Estimular processo produtivo-criativo	Estimular produção plástica espontânea e induzida
	7 AT	8 AT	9 AT	12 AT
B ANALISAR EVOLUÇÃO TERAPÊUTICA	Apresentar materiais artístico-expressivos	Utilizar técnicas e materiais artístico-expressivos	Aplicar técnicas de preparação arteterapêutica	Estabelecer diálogo a partir da produção plástica
	14 AT	15 AT	18 AT	20 AT
	Acompanhar processo produtivo-criativo	Elaborar processo de alta		
	21 AT	22 AT		
C REALIZAR PLANEJAMENTO TERAPÊUTICO	Estabelecer critérios de observação	Observar desenvolvimento bio-psico-social	Observar aspectos multidimensionais da saúde	Estabelecer indicadores de resultados
	1 AT	2 AT	3 AT	4 AT
	Observar sinais de mudanças	Analisar envolvimento do indivíduo com processo terapêutico	Discutir casos com equipe multidisciplinar	Adequar planejamento terapêutico
	5 AT	6 AT	7 AT	8 AT
C REALIZAR PLANEJAMENTO TERAPÊUTICO	Estabelecer critérios de alta	Analisar evolução do processo criativo	Analisar produção plástica	Analisar relação de pacientes/clientes com material artístico-expressivo
	9 AT	10 AT	11 AT	12 AT
	Realizar leitura arteterapêutica			
	13 AT			
C REALIZAR PLANEJAMENTO TERAPÊUTICO	Definir prioridades no atendimento	Definir objetivos de atendimento terapêutico	Estabelecer plano terapêutico	Definir estratégias de atendimento terapêutico
	1 AT	2 AT	3 AT	4 AT
	Definir tipo de atendimento (individual ou em grupo)	Estabelecer número, duração e frequência de sessões	Selecionar métodos e técnicas de intervenção arteterapêutica	Definir técnicas de estimulação criativa
5 AT	6 AT	8 AT	11 AT	
C REALIZAR PLANEJAMENTO TERAPÊUTICO	Identificar indicações e contra-indicações relativas	Escolher ambiente terapêutico	Preparar ambiente terapêutico	Selecionar material terapêutico
	12 AT	13 AT	14 AT	15 AT

	Adequar material 18 AT	Adequar técnicas 19 AT		
D AVALIAR CONDIÇÕES DE CLIENTES/PACIENTES/USUÁRIOS/PRATICANTES/INTERAGENTES T/INTERAGENTES ICANTES	Realizar anamnese 1 AT	Avaliar condições gerais de clientes/pacientes/usuários/praticantes/interagente 2 AT	Utilizar protocolos de avaliação 4 AT	Aplicar instrumentos de avaliação 5 AT
	Avaliar condições sensorio-motoras, cognitivas e emocionais 6 AT	Avaliar expressões plásticas 8 AT	Solicitar avaliação de outros profissionais 10 AT	Sugerir exames complementares 11 AT
	Analisar exames complementares 12 AT	Analisar laudos e pareceres de outros profissionais 13 AT	Participar de diagnóstico diferencial 14 AT	Analisar perfil da comunidade 15 AT
	Realizar avaliação do contexto sociocultural 16 AT	Estabelecer diagnóstico 17 AT	Realizar prognóstico 18 AT	Realizar devolutiva 19 AT
E ORIENTAR CLIENTES/PACIENTES/USUÁRIOS/FAMILIARES/CUIDADORES/INTERAGENTES	Informar riscos / limites inerentes ao tratamento 1 AT	Esclarecer dúvidas 2 AT	Realizar visitas domiciliares e a instituições 3 AT	Envolver familiares, cuidadores e educadores no processo terapêutico 4 AT
	Demonstrar procedimentos e rotinas 5 AT	Propor atividades 6 AT	Orientar atividades de vida diária 7 AT	Orientar mudanças de hábitos e comportamentos 8 AT
	Verificar compreensão da orientação 9 AT	Estimular adesão e continuidade ao tratamento 10 AT		
F EXECUTAR ATIVIDADES TÉCNICO-CIENTÍFICAS E ADMINISTRATIVAS	Realizar pesquisas 1 AT	Desenvolver novas tecnologias 2 AT	Elaborar projetos e programas 3 AT	Implantar projetos e programas 4 AT
	Implementar programas de prevenção e promoção da saúde 5 AT	Coordenar projetos e programas 6 AT	Coordenar serviços (saúde, educação, etc.) 7 AT	Supervisionar equipes técnicas (estagiários, outros profissionais) 8 AT
	Gerenciar recursos financeiros 9 AT	Gerenciar recursos humanos 10 AT	Organizar eventos técnico-científicos 11 AT	Participar de eventos técnico-científicos 12 AT
	Atuar em programas de educação 13 AT	Atuar em programas sociais 14 AT	Prestar consultorias e assessorias 15 AT	

G TRABALHAR COM SEGURANÇA	Analisar riscos do uso de material terapêutico	Realizar conservação de material arteterapêutico/musicoterapêutico	Conferir condições dos materiais	Higienizar materiais	
	5 AT	6 AT	8 AT	9 AT	
	Y COMUNICAR-SE	Elaborar ficha terapêutica	Registrar dados de atendimento	Elaborar relatórios	Emitir laudos e pareceres
		1 AT	2 AT	3 AT	4 AT
Elaborar produções técnico-científicas		Produzir material informativo	Encaminhar pacientes /clientes/usuários/intervenientes a outros profissionais	Participar de reuniões com equipes multidisciplinares	
5 AT	6 AT	7 AT	8 AT		
Z DEMONSTRAR COMPETÊNCIAS PESSOAIS	Compartilhar informações com outros profissionais	Ministrar cursos e palestras			
	9 AT	10 AT			
	Estabelecer vínculo	Trabalhar em equipe	Demonstrar raciocínio clínico	Demonstrar capacidade de comunicação não verbal	
	1 AT	2 AT	3 AT	4 AT	
	Demonstrar dinamismo	Demonstrar criatividade	Demonstrar perseverança	Demonstrar empatia	
	5 AT	6 AT	7 AT	8 AT	
	Contornar situações adversas	Demonstrar organização	Demonstrar atenção difusa e focada	Demonstrar domínio da linguagem plástica	
	9 AT	10 AT	12 AT	13 AT	
	Demonstrar equilíbrio emocional	Demonstrar flexibilidade	Demonstrar objetividade	Demonstrar capacidade de liderança	
	15 AT	16 AT	17 AT	18 AT	
Demonstrar raciocínio transdisciplinar	Demonstrar escola acolhedora				
20 AT	21 AT				

Legenda das ocupações da família
AT - ARTETERAPEUTA

APÊNDICE 01 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Documento que atesta a concordância do sujeito de pesquisa em conceder seu depoimento)

Declaro que concordei em participar da entrevista sobre o “Arteterapia, Relações Públicas e Organizações”, como parte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**Arteterapia e Relações Públicas para a humanização da comunicação nas organizações**”. O referido trabalho está sendo desenvolvido pelo aluno **Carlos Henrique Madia** e orientado pela **Profa. Dra. Ana Cristina da Costa Piletti Grohs** no curso de Relações Públicas da Universidade de Sorocaba.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de contribuir para o sucesso deste trabalho acadêmico.

Fui informado sobre o objetivo do estudo, que, em linhas gerais é **identificar as contribuições da Arteterapia para atuação dos profissionais de Relações Públicas nos ambientes organizacionais**.

Minha colaboração se fará por meio da concessão de uma entrevista ao aluno **Carlos Henrique Madia** que será gravada e registrada a partir da assinatura desta autorização.

Estou ciente de que as informações poderão ser utilizadas para fins acadêmicos e científicos, no entanto, **não haverá identificação do nome do participante**, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua identidade.

Fui informado(a) ainda de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos e que terei uma cópia assinada deste “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”.

Qualquer dúvida, poderei contatar o aluno **Carlos Henrique Madia** a qualquer momento que julgar necessário por meio do telefone (15) 99721-2485 ou e-mail carloshmadia@gmail.com.

Sorocaba, _____ de _____ de 2022.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura do(a) participante: _____

APÊNDICE 02 – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS

C.A.

Como entende/define Arte? Quais atividades contempla?

Para mim, são atividades que trabalham a criatividade, a capacidade de abstração, a sensibilidade, a construção de universos simbólicos (linguagens) e habilidades técnicas específicas.

Alguns aspectos que envolvem o fazer artístico, na minha opinião: o entendimento da linguagem específica (no meu caso, da música), história e conhecimento de diversas expressões musicais, criatividade, improviso e técnica.

Todos são elementos importantes para enriquecer a nossa capacidade de apreciar e/ou se expressar em algum tipo de arte.

Já utilizou ou utiliza Arte em organizações (empresas, entidades públicas e privadas, órgãos do governo, ongs, associações, agrupamento de pessoas, etc.)? Como vê esse uso/prática? Existe demanda?

Sim. Já realizei workshops dentro de organizações em que utilizava os instrumentos da bateria da escola de samba para promover uma atividade musical com os

Participantes. Através do entendimento da linguagem e do fazer musical, estabelecemos várias analogias com aspectos organizacionais (trabalho em equipe, interdependência, os diferentes papéis na organização, habilidades de comunicação e liderança, por exemplo).

As experiências foram muito ricas, tanto para mim quanto para os participantes e membros dos departamentos de RH. Acredito que exista uma boa demanda pois, cada vez mais, existe a necessidade de trabalhar aspectos organizacionais de forma lúdica e humanizada.

Qual deve ser o perfil e as competências do profissional que pretende atuar com Arte nas organizações?

Tem que ter noções de pedagogia do seu campo artístico e também dos objetivos a serem trabalhados nas organizações (liderança, trabalho em equipe, cultura das organizações, comunicação, etc.).

Procurar formular atividades simples, de resultado rápido que permitam refletir sobre as questões organizacionais, através de analogias com as atividades artísticas.

As habilidades de comunicação, planejamento e saber trabalhar em grupo e com grupos são aspectos fundamentais.

Como a Arte pode contribuir no ambiente organizacional?

Acho que já respondi nas questões anteriores, ao explicar as minhas atividades nas organizações.

Quais desafios para trabalhar com arte nas organizações?

Alguns desafios:

a. Equilibrar atividades lúdicas com desafios de desenvolvimento pessoal dos participantes.

b. Ter clareza sobre os objetivos da sua atividade e que eles estejam alinhados com as expectativas do pessoal de RH.

c. Convencer os profissionais de RH de que atividades "diferentes" podem ser úteis e eficazes na construção de um bom ambiente organizacional.

Conhece a profissão e as atividades de Relações Públicas? Se sim, como percebe a relação entre Arte e Relações Públicas?

Infelizmente não conheço muito sobre a Profissão de Relações Públicas, além do tradicional papel de porta voz de organizações.

Conhece a Arteterapia? Se sim, diferencie Arteterapia e Arte.

O fazer artístico e a pedagogia artística visam desenvolver no ser humano as ferramentas necessárias para a expressão e apreciação de uma determinada linguagem artística.

A arteterapia visa, sobretudo, trazer bem-estar e promoção da saúde mental através de atividades artísticas.

F.C.

Carlos - Tô aqui com F.C. que é artista plástico. É assim que eu posso definir você? Como é que eu posso te definir? Como artista como você se define?

F.C. - A nomenclatura que é utilizada hoje é artista visual porque ela vai abranger várias categorias né, que representada através das imagens né. O artista plástico era só aquele voltado para a academia né desenho, pintura, escultura. Hoje em dia na arte contemporânea é acrescentado a questão das artes visuais, daí você pode trabalhar com performance, a forma mais abrangente.

Como entende/define Arte? Quais atividades contempla?

F.C. - A arte, existem milhões, centenas de conceitos, o que eu consigo entender que é algo constituído, ou seja, cada momento da história, cada pensador tem suas teorias. Eu posso falar por mim a que mais me agrada que é de um filósofo

francês que ele diz: “a arte é o que os artistas fazem”. Não tem né porque é relativo cada tempo vai ter sua...

Carlos – não tem como definir isso

F.C. - Daqui a 30 anos vai ter uma tendência, um conceito diferente, mas nunca vai ser deixado de lado que arte é o que os artistas fazem. Então tem um jogo semântico muito forte. E eu aposto muito nisso. Agora, porque tem uma coisa, o que é arte, o que é obra de arte, o que são os artistas. São coisas distintas. O que é arte é muito abrangente, mas de certa forma é o que os artistas fazem.

Carlos - assim como é abrangente o que a arte contempla.

F.C. - Sim existem teorias que tudo é arte. Quantos filósofos trabalham nesse princípio que tudo é arte. Embora tem que ter sempre essa questão do espectador. Todo mundo pode ser artista também? É uma outra pergunta que a arte contemporânea joga para poder criar reflexões. Todo mundo é artista?

Carlos - E eu te pergunto agora? Todo mundo é artista?

F.C. - Todo mundo pode ser artista. Não que seja. Como é o princípio da vida. É mais encantador você tornar-se do que você ser. Isso me encanta na vida. Eu acho que vida é um processo você ter a possibilidade de estar fazendo as coisas é mais gratificante do que você ser. Você ser, você é o cara negro, tô dando um exemplo, mais admirado do cinema americano, faz isso desde criança e daí você vai lá, numa cerimônia ao vivo, transmitida para o mundo inteiro e dá um soco na cara de um outro artista. Então e daí? Olha a leitura que pode ser feito isso daí. O que eu quero dizer? As circunstâncias, o imponderável, você tá lidando com a vida. Arte é vida, você lida com o imponderável.

Carlos - Com o movimento constante né.

F.C. - Com movimento e não sabendo no que vai dar esse movimento.

Carlos - você afirmar: você é artista. Parece que é um aprisionamento. Você tá aprisionando a pessoa naquilo. Eu sou, eu preciso ser sempre isso.

F.C. – Tanto é que o próprio Bispo do Rosário não considerava um artista. Mas uma das categorias que a gente define como arte contemporânea do artista, é esse auto coroamento entendeu um dos princípios de artista contemporâneo, uma das premissas, é esse alto coroamento, eu sou artista, eu faço arte e vou batalhar para isso. Ele não tem que ter um conhecimento técnico total, porque não é isso que garante a arte, não é óleo sobre tela que garante o cara ser artista. Não é o cara ter lido todos os livros de teoria sobre o que é arte, não garante que ele seja um artista.

O fato de ele escrever bem não garante que ele seja um artista. É um jogo, por isso que eu digo que aprendi com amigos e na observação também, evidente, que é algo sistêmico. Que naquele momento opa esse é artista. Tanto é que um grande problema da Arte Moderna e a contemporânea é o que é arte, as pessoas não reconheceram a grandiosidade artística do Van Gogh. Esse que é um legado que ficou da arte contemporânea, agora todo mundo acha que tudo é porque não conseguiram reconhecer o Van Gogh e todas os outros artistas que vieram depois, como legítima arte, isso aqui não é arte, isso aqui tá fora dos padrões.

Já utilizou ou utiliza Arte em organizações (empresas, entidades públicas e privadas, órgãos do governo, ongs, associações, agrupamento de pessoas, etc.)? Como vê esse uso/prática? Existe demanda?

F.C. - Já utilizei em várias situações, principalmente em grêmios, indústrias e empresas que eles levavam os funcionários para fazer oficinas de criatividade, oficinas de desenho, ou oficinas de mosaico. Já fiz ações colaborativas em clubes né, então esse tipo de coisa é o cotidiano que faz parte da do atelier de se manifestar dessa maneira né, de tentar entender o como que funciona esse coletivo e aliás isso me encanta bastante né e é muito saudável porque você percebe nessa panorâmica daí a questão de grupos as diferenças por como que Cada um pensa como que como podem agir e como cada um consegue aprender com outro né. Essa troca é interessante isso que possibilita isso possibilita engrandecimento do grupo todo é uma outra energia quando você tá em dez da fazer uma oficina, um grêmio, por exemplo, em uma indústria Nossa Eles saem todos revitalizados, primeiro porque você quebra né o cotidiano deles né vocês, mas quebra aí das que geralmente eles fazem...

Carlos - da linha de produção é uma existe uma descontração.

F.C. - daí maneira de pensar o número né você tá tendo a possibilidade de exercitar uma pessoa que se predispõem a manifestar na outra maneira de entender esse mundo e mostrar que é possível também você criar ordem disciplina a tolerância no espaço e criatividade que é uma das premissas da área é trabalhar com a criatividade né então é possível também não precisa ser só um uma engrenagem mecânica né, Você pode ter a sua capacidade de opinar do outro ouvir entender isso que torna interessante essa que esse exercício, eu acho que umas coisa que tá sendo reconhecido neste momento que a gente vive é questão da criatividade, é o que é quê que a gente não tem noção exatamente embora existam muitas teórica que a criatividade O que é realmente né que a cada momento de uma teoria nova vai tá acrescentando.

Carlos - você acha que hoje em dia as pessoas pelo sistema pelo modo que o mundo existe pelo jeito que as coisas andam a criatividade, ela fica intimidada?

F.C. - Você diz com a tecnologia, com as coisas do mundo? Não, pelo contrário, hoje em dia você tem a capacidade de um celular de você ser sua criatividade, as ferramentas que tão aí, são muito generosas, através do seu celular você pode fazer o que eu fazia e levava meses de fazer um anúncio.

Carlos - Sim, o que eu quis dizer na verdade refazendo a minha questão, é a maneira como somos como temos que seguir as regras, condicionado, tenho que fazer isso tenho que fazer isso tem que fazer isso tenho que responder mensagem eu tenho que trabalhar eu tenho que ganhar dinheiro eu tenho que pôr..., você acha que isso acaba intimidando a nossa criatividade?

F.C. - Não vai depender muito você não pode ser seduzido né, porque é muito sedutor a tecnologia e daí se você não tiver essa capacidade de eixo você como diz o povo, você vira escravo da tecnologia né, daí você tem que tá postando toda hora que você faz, o meu filho fica seduzido em postar logo o desenho dele pra ter aplausos. Não tem nada errado você postar, mas depois de saturar o que você tá fazendo, não é para ganhar aplausos né, você tem que ter, eu acho que é bacana essa consciência do que você tá fazendo mesmo né. É como música né, você tá fazendo lá, daí você fez uma cordinha só que ser um profissional que tá 30 anos nisso né velho, não é uma cordinha que vai ter que merecer aplauso né faça coisas mais óbvias, eu acho que é um cheque que tá acontecendo na humanidade é para voltar a si próprio né as tecnologias que elas ajudam muito como ferramenta né e mais do que nunca é necessário as pessoas estão saturadas né, se tornar escravos a tecnologia ou não ela pode é uma ferramenta para tornar o mundo melhor.

Carlos - Ela pode ajudar e pode atrapalhar também se não, bem equilibrado.

Essa é a magia, como aparece a cada momento, daí você tem uma cobra, você tem gêmeos você tem tantos outros que virão, você tem uma Mônica nado, é por camadas né. O que é legal e que é um Norte que eu tenho, é quanto mais plural for a arte é melhor, cada cidade que ele tem um seu Caetano Veloso, cada região tem que ter o seu pão Zé, esse glamour isso é complicado, mas é o mercado, é claro, eu acho que todo mundo tem que pesquisar Caetano Veloso e toda a cidade como você fez sim acho que é esse o papel da arte entendeu, poder criar uma sociedade mais justa, porque você não fica porque ela vai lá e dá um murro porque acha que ele tá no direito dele.

Qual deve ser o perfil e as competências do profissional que pretende atuar com Arte nas organizações?

Se aprofundar no que ele propõe a fazer, porque a organização é algo instituído, existem normas, existem maneiras e como qualquer setor profissional você se aprimora, existem códigos pré estabelecidos, isso é muito difícil em função dos Artistas né, porque um dos papéis do artista justamente com romper códigos, maneiras de visão, essa liberdade que ela possibilita, ao mesmo tempo faz com que você possa reforçar a disciplina, organização, existe um artista em inglês chamado Bank que um dos grandes atributos dele na minha leitura é a capacidade que ele tem de organização ninguém faz uma interferência no museu sozinho, ele teve que organizar amigos pessoas que pudessem fazer isso. E quanto mais pessoas competentes você estiver ao seu lado, é melhor, é sempre uma troca né e para você poder atingir essas organizações quanto mais preparadas você tiver e tendo essa questão da humildade e saber que você vai tá precisando de outros profissionais para te auxiliar nesse aspecto, principalmente com essa questão de hoje, do uso das mídias sociais né não tem jeito, você tem que tá lá sendo auxiliado por outros e que vai te fazer bem, não, muito pelo contrário a reforçar sua essência, é um exercício é isso me torna...

Carlos - Essa coisa da organização e de conseguir trazer o pessoal poder exercer uma atividade, aquele que você falou da questão anterior né

F.C. - Como Michelangelo fazia, ele um baita de um organizador, ele cuidava demais de mais de 100 pessoas, fazendo montando andaime, não era ele sozinho lá, não tem essa leitura romântica, a arte pode ter essa leitura romântica, mas não é uma leitura verdadeira é uma leitura que pode..., cada um faz a sua. Mas como fato a questão da disciplina de organização de um Michelangelo é muito maior do que a gente possa imaginar o que a gente vê nos livros.

Carlos - E isso fatalmente ele vai passar ali se ele for fazer uma atividade em grupo na empresa numa organização, por exemplo.

F.C. - E quem se propõe a fazer a arte, é claro que conheceu a importância de trabalhar com grupos, pessoas, outros, tenho um exemplo muito grande que foi o festival ...o fato da capacidade dele foi de chamar outras pessoas, por isso que eu tenho esse princípio de que o que muda o mundo é boa vontade, ele chamou pessoas de boa vontade, viu, temos esse problema para resolver, vocês me ajudam nisso? "A ideia é essa"..., mas ele conseguiu organizar aqui, ele fez uma história, a música tem na minha leitura pop, tem um outro sentido depois ..., ela tem um sentido de poder

mudar a maneira de pensar, de mudar a maneira de agir através da sua arte, seja algo pop, você pode ajudar outras pessoas.

Como a Arte pode contribuir no ambiente organizacional?

Colocando em Check, justamente o que que é convivência, o papel da arte, um dos papéis da arte é justamente criar conflitos que é uma um dos grandes nortes. A Arte não serve para orientar ela serve para desorientar e se tem um papel que é fundamental nesse exercício é justamente criar novas leituras de maneira consciente né trabalhando com parâmetros a grande contribuição no testamento essa quebrar paradigmas mostrar novas possibilidades esse é o papel artístico né é criar novos paradigmas mesmo numa instituição que que você tem uma maneira de pensar ordenado, organizada, existem outras maneiras de pensar que podem contribuir também elas não são distantes elas podem se complementarem.

Quais desafios para trabalhar com arte nas organizações?

Na minha leitura, o primeiro desafio, é só desafios individuais, eu acho que você tem que criar desafios para poder se aprimorar como pessoa como artista que você consiga mudar o mundo através de você se aprimorar, porque o não fraco não resolve nada, o forte ele ajuda se você não tiver esse preparo essa estrutura de nada vai adiantar. E isso em termos de arte é muito bacana né esse reconhecimento do poder que você tem como artista, é o que eu estava comentando esse alto coroamento, esse alto coroamento implica em você assumir as responsabilidades e tá vivo de ter colocado como princípio você ser artista se você tá no palco se você tá numa entrevista, você tá no jornal dá o seu melhor né é uma postura do artista essa coisa da entrega e essa entrega no âmbito artista é muito bacana porque fica mais fácil individualmente entendeu. Você sabe que você tá fazendo para os outros, mas é com você essa Auto cobrança é sua hora que você lá é você que tem que fazer o melhor, mas vai ser cobrado depois, mas quem tem que cobrar é você, essa Auto cobrança é fundamental. Então nesse aspecto que acha que isso que torna importante né esse alto desafio para você e depois você vai aprimorando.

Carlos - E se auto portal de cimento para conseguir a partir daí passar para as pessoas

F.C. - Porque daí você vai estar estruturado que deve ser se aprimorou suas pesquisas, os seus conhecimentos, o seu grau de humildade e saber que você não sabe tudo que você tá sempre fazendo uma troca que é uma das Crianças Primícias

da África essa troca né reverbera da tua humildade de saber que daqui uma semana pode mudar né.

Conhece a profissão e as atividades de Relações Públicas? Se sim, como percebe a relação entre Arte e Relações Públicas?

Sim, eu conheço as Relações Públicas em função de terem amigos que optaram por esta profissão e coloca em prática os seus conhecimentos, uma coisa muito interessante que é importante dizer porque antes das artes uma coisa que se chama a linguagem precede a aqui na minha leitura e o papel das Relações Públicas é justamente focar essa coisa do da importância da comunicação, olha como é forte o papel das Relações Públicas você criar um uma formatação da linguagem. Então acho que isso é fundamental no papel que as pessoas que optaram por esta profissão se relacionarem com o mundo.

Você conhece a Arteterapia, e se sim, como diferenciar Arteterapia de arte?

O ponto de vista que tenho de conhecimento da Arteterapia é por amigos que trabalham nessas áreas, não sou um pesquisador, acredita que ela tenha causado muitas transformações na sociedade em função de pessoas que entendem a terapia e saber que a arte pode ser um veículo de exercício de transformação, através das técnicas que existem na arte. Há grande diferença que é que existem justamente essa né Arteterapia ela resgata técnicas da arte para poder acrescentar melhorias para o ser humano, só que a arte não trabalha no verdades, ela trabalha com possibilidades né. A Arteterapia ela tem maneiras de exercitar e isso para aprimorar a Soluções de pessoas. A arte não trabalha nessa premissa, a arte trabalha na dúvida, ela cria novas verdades, a Arteterapia não cria verdades novas verdades nem o papel dela, ela possibilita em função de informações e conhecimentos que existem a arte traz novos conhecimentos eu acho que na minha leitura a diferença, entendeu, mas nada explica o mundo né você trabalha com sensibilidade arte é um jogo no escuro tem que ter essa humildade. Eu acho que o grande barato desse trabalho está desenvolvendo é justamente aprofundar este diálogo né, e isso torna interessante porque vai trazer conhecimento para você para as outras pessoas existem procura da verdade ela pode existir, mas é um conhecimento que você se fortalece na troca.

Carlos - Sim a gente tá em busca da discussão, dos mistérios a gente tá ali desvendando coisas né.

F.C. - Então esse momento do alto por lamento que o artista tem que entender que ele é um mistério, quando o Bispo do Rosário se propõe a fazer aquelas..., e

esperar Juízo Final Apocalipse, o mistério tá lá e ele como artista se propõe a fazer aquilo lá, para passar para o outro que ele tem de melhor para se preparar para aquele momento, é muito sutil e belo né.

Carlos - Belíssimo e o mistério é, aí que tá a graça de tudo.

F.C. - É um mistério né, quando Caetano Veloso fala que é ateu, um cara que você tem todo, você consegue aprender muito com ele, ouvir Caetano Veloso é você ler “Quantos livros, é viver quantas vidas né” Em determinado momento, é falar “eu sou ateu”, daí a pergunta é: “Mas Ateu tem que Deus né”, cada um vai fazer suas perguntas, seus questionamentos. O que enriquece é a troca com outro e quanto mais pessoas de uma maneira generosa de fazer essa troca, é melhor.

Carlos - Contanto que não haja maldade né, as trocas saudáveis.

F.C.B.

Entendo a arte como uma forma mais natural de desenvolvimento evolução humana, acho que a arte envolve todas as atividades do ser humano e nisso as suas relações. Nós utilizamos a nossa organização arte, isso já é uma prática de muitos anos, onde nós colocamos a arte de brincar de forma auxiliar o ser humano na sua própria evolução e para que encontre, desvende dentro de si todas as potencialidades. Existe uma enorme demanda dentro de grandes organizações, a necessidade de colocar o ser humano em contato com aquilo que é mais natural, e isso a arte faz de uma maneira exemplar, através da música do teatro, da própria pintura literatura, de todas as formas de expressões de arte humana, não sei te dizer qual é a real perfil dessa competência profissional, mas logico que uma pessoa habilitada dentro da música, por exemplo, como você, é lógico que consegue transmitir a emoção e desvendar todos os mistérios do invisível dentro do ser humano, dessa forma pode contribuir para que o ambiente organizacional encontre o seu equilíbrio natural. Existe ainda um desafio de colocar essa arte para que o homem possa prosperar, entenda essa prosperidade nas 4 dimensões da riqueza humana, as dimensões potenciais, as dimensões espirituais, a dimensão de como eles se relacionam, e a própria dimensão financeira, traduzindo isso como um meio de elevar a prosperidade e elevar o critério de manutenção de vida humana. Não conheço muito bem a profissão das atividades de Relações Públicas, entendo a importância disso dentro da minha área hospitalar, na área de saúde, mas essa relação entre Relações Públicas e artes é uma novidade, ainda

não conseguir definir como isso pode ainda mais alavancar essa atividade das Relações Públicas e artes. Eu acho que você Madia tem um total de trabalho nisso de poder não só mostrar pra gente o quanto essa arte que é importante, como também exemplificar isso nas Relações Públicas e artes.

A Arteterapia, como você fez essa definição, pra mim arte é toda uma forma de expressão humana, isso já pode ser evoluído como uma arte. Mas a Arteterapia eu acho que o método sistematizado de levar a expressão da arte humana para que possa causar a evolução.

C.F.

Como entende e define a Arteterapia e quais as atividades contemplam? Vamos começar bem do básico, do começo, como o senhor entende ou define a Arteterapia e quais as atividades contemplam a Arteterapia?

C.F. – A Arteterapia é uma terapia não verbal que trabalha, como o próprio nome diz, a terapia pela arte. Ela tem uma proposta de estimular os participantes desse tipo de terapia que nós chamamos de clientes ou de partilhantes para que eles façam produções artísticas em diferentes abordagens sem preocupações estéticas, de qualidade, de tempo, importando que ele manifeste simbolicamente alguma coisa que possa dizer respeito as questões que ele quer levantar no processo terapêutico. Como a atividade é bem recente ainda, no Brasil ela está há cerca de 40 anos e no mundo, há cerca de 60. Embora já no início do século 20 ela viesse sendo trabalhada não com essa nomenclatura, mas o fazer terapêutico já foi experimentado pelo médico psiquiatra, psicólogo suíço Carlos Taviungue (Carl Jung?), que intuitivamente ou pelas pesquisas deles, ele percebeu que trabalhando pintura e escrita no set terapêutico ou no ambiente do consultório, ele tinha resultados muito mais rápidos do que fazendo apenas uma terapia verbal como ele fazia até então usando as ferramentas da psicanálise Freudiana. Toda essa experiência do Jung acabou reverberando em outros profissionais, principalmente no início nos Estados Unidos, depois na Europa depois outros países, inclusive e também no Brasil, é que foram adotando esses mecanismos até que a Arteterapia enquanto uma nova modalidade terapêutica fosse definitivamente instituída, inclusive como profissão.

Carlos – O senhor poderia me passar rapidamente quais as atividades principais o senhor acha que a Arteterapia contempla?

C.F. – Carlos, nós temos na Arteterapia um protocolo de atendimento. Nesse protocolo de atendimento, nós começamos com um momento de compartilhamento para que a pessoa se sinta à vontade no espaço terapêutico. Eventualmente nós fazemos um relaxamento para tirar a pessoa do ambiente externo porque ela chega preocupada, trânsito, não tem nada de meditação transcendental, nenhuma linha de meditação oriental, é tudo feito exercício respiratório. Claro que dependendo das formações complementares do arteterapeuta ele pode usar várias outras ferramentas nesse primeiro momento da seção.

O segundo momento é o da atividade plástica expressiva, como nós falamos. O terceiro momento é do compartilhando e o quarto momento é do encerramento.

Nesse momento da produção plástica expressiva, nós trabalhamos inicialmente com desenhos, que é uma coisa mais simples que qualquer pessoa, mesmo que não tenha tido ao longo da sua vida, contato com aulas de artes na escola ou alguma outra, ela consiga produzir um desenho que vai trazer alguma coisa do seu interior. Com o passar do tempo, nós podemos introduzindo outras práticas artísticas expressivas, o desenho com lápis grafite, lápis de cor comum, lápis aquarelavel, giz de cera, giz pastel oleoso, tintas: plástica, guache, aquarela. Depois nós podemos trabalhar também com música, a gente trabalha com muita música sempre. Você vai gostar de conversar com o Arthur que além de tudo ele é músico terapeuta, também é músico. Além da música, nós podemos utilizar dança, atividades de teatro, palhaçaria, atividades construtivas com sucata, materiais da natureza, pintura com pigmentos naturais, produzidos a partir de elementos da natureza, como diferentes tons de terra, diferentes pigmentos de alimentos que vão dando diferentes cores do espectro de cores que nós conhecemos cognitivamente, trabalhamos bastante também com argila. De modo geral, nós podemos dizer que o trabalho com Arteterapia ele passa os chamados 4 elementos da natureza: terra, ar, água e fogo. Todas essas práticas que nós falamos eles vão se alojando em cada um desses elementos da natureza. Embora se a gente for pesquisar mais profundamente, recorrer a alguns conteúdos mais alquímicos, nós falamos também em um quinto elemento, que é o éter.

Dependendo do conhecimento que o arteterapeuta tem ele trabalha os quatro elementos. Numa sequência de terra, ar, água e fogo porque isso tem toda uma sequência de aprofundamento com o processo e lá no último, o elemento éter que se a gente fizer uma referência com os elementos da cabala judaica é o do primeiro sefirot,

é o sefirot das emanções do plano divino, o éter também é um elemento que pode ser trabalhado.

Mas basicamente nós trabalhamos os quatro elementos. E por que isso? Porque a gente entende pelos estudos da anatomia, da ciência, da psicologia, que como seres humanos, o nosso corpo contém os quatro elementos. Nós somos terra, nós somos ar, nós somos água, nós somos fogo. Então quando nós trazemos esses elementos pra dentro, nós estamos permitindo que o participante de uma sessão de Arteterapia consiga se reconhecer como essa essência que ele é, seja pensando no paradigma terminológico da criação do mundo de acordo com o livro do Genesis, ou no paradigma científico pensando no mundo como origem do Big Bang, da explosão que teria acontecido entre 14 e 20 milhões de anos. Onde esses quatro elementos sejam pela vertente teológica ou pela vertente nnononon eles estão presentes. Nós permitimos que esse sujeito se conecte com esses elementos dentro de si e dessa conexão dentro de si descubra sua essência e descobrindo sua essência encontre aquilo que o Jung chamou de individuação, que é o equilíbrio entre o consciente e o inconsciente, e que alguns outros psicólogos humanistas chamam de a autorrealização. Que vai do topo da pirâmide da teoria evolutiva que vai desde as coisas mais materiais do elemento terra, até as coisas superiores da criatividade da autorrealização do elemento éter.

O bom da formação em Arteterapia é que ela ainda é aberta a profissionais de diferentes áreas. Eu mesmo, a minha graduação é jornalismo, depois eu fiz mestrado em educação e doutorado em psicologia. Em venho de uma trajetória que no meio do mestrado e doutorado, eu encontrei a Arteterapia. Ela ainda é aberta a profissionais de diferentes áreas, pensando nas contribuições que diferentes profissionais podem trazer pra esse trabalho terapêutico.

Carlos – E o senhor consegue me dizer uma média, a partir de quanto tempo o senhor consegue traçar um diagnóstico, é possível através dos desenhos, dos traços, traçar um diagnóstico da pessoa?

C.F. – as primeiras sessões são destinadas realmente a um diagnóstico, os primeiros encontros são de diagnóstico, depois da parte de diagnóstico nós começamos a parte que chamamos de intervenção, quando o arteterapeuta vai propor as atividades que ele identificou na atividade de diagnóstico. São diferentes realidades de diagnósticos que nós encontramos. Como é uma profissão muito nova, nós vamos introduzindo diferentes atividades expressivas e diferente formas de diagnostico pra

encontrar aquele paciente/cliente/partilhante traz como conteúdo pra ser trabalhado numa sessão de arteterapeuta. Muitas vezes ele vem por um motivo e nós descobrimos um plano de fundo muito mais profundo que precisa ser trabalhado, trazendo à tona, para que ele compreenda e ressignifique e compreenda sua vida e possa ter alta do atendimento e levar uma vida compreendendo uma razão do seu sofrimento, que eventualmente pode resultar pela somatização do sofrimento físico também, levando a solução de diferentes modalidades de problemas.

O senhor já utilizou ou utiliza Arteterapia em organizações, empresas, entidades públicas ou privadas, órgãos do governo, ONGs, associações, agrupamento de pessoas, etc.)? Como vê esse uso/prática? Existe demanda?

C.F. – Eu particularmente não, já utilizei a terapia em escolas e organizações não governamentais. Empresas não são o meu foco de trabalho. Meu foco de trabalho é o ensino, eu sou professor, coordenador de cursos, eu trabalho em ateliê de Arteterapia, que é como se fosse um consultório terapêutico. Meu trabalho é esse. Ainda não trabalhei em organizações. São poucos os terapeutas que trabalham com organizações. Eu até te indicaria pra entrevistar a A.A.T., ela é especialista em terapia nas organizações, nas empresas. Acho que é uma pessoa que valeria muito a pena você conversar.

Carlos – Quer dizer que existe uma demanda? Deve existir uma demanda?

C.F. – Existe demanda, imagina que você está pensando como você pode melhorar as relações de trabalho hierárquico em qualquer tipo de organização. O que acontece dentro de uma organização empresarial é o que acontece no mundo fora, é o que acontece no ambiente da família, o que acontece nas relações de amizade porque são relações nonononono (1'48, áudio 2), então conflitos podem acontecer de toda ordem. E os conflitos que talvez a Arteterapia, possa no meu modo de ver, talvez a A.A.T. que é mais especializada nisso, possa te dar uma visão mais ampla, você pode trabalhar, é até uma coisa que você colocou anteriormente, é a melhoria das relações interpessoais. A gente sabe que, eu já trabalhei diretamente em grandes empresas, grandes organizações, na área de comunicação, inclusive, de Relações Públicas, então a gente sabe o quanto isso, a dificuldade de entendimento entre as pessoas pode causar conflitos em níveis hierárquicos tanto horizontais quanto verticais. Esses conflitos influenciam negativamente o desenvolvimento de atividades influenciando negativamente o resultado da organização, de produção e financeiro. Tal-

vez a gente possa fazer uma citação que esse bichinho aqui ele trouxe muitas soluções para nós, mas também trouxe muitos problemas. Nós nos habituamos a falar por aqui, aquilo que vem na nossa cabeça. Muitas vezes nós não escolhemos as palavras adequadamente. Quando nós escrevemos nós não estamos colocando um tom de voz, por mais que nós coloquemos um emoji, aquele emoji não representa às vezes a forma empática, amorosa com que eu gostaria de expressar aquilo que está no texto com palavras na tela do telefone. E eu também não sei por estar distante da pessoa com quem eu estou conversando, eu não sei como está o sentimento dele, como estão as emoções dele naquele momento, quais problemas ele está vivenciando. Então de repente aquilo que eu emiti, aquela mensagem que eu emiti com a melhor das intenções, boa vontade, ela pode ser recebida por conta deste estado de ânimo, deste estado de espírito, de uma forma atravessada e eu receber de volta uma carga negativa, uma reprimenda, uma bronca e criar um conflito desnecessário. Isso não só pelo celular, mas também pelo troca de correspondências por e-mails que as empresas fazem hoje, pelos chats, que são comumente utilizados nas organizações hoje em dia. No meu tempo lá nos anos 70, nas organizações nós nos comunicávamos por memorandos. O guardinha passava duas vezes por dia recolhendo os memorandos para levar. Às vezes numa outra ala do mesmo prédio e hoje a gente faz isso e tem esses resultados, trazendo conflitos de comunicação nas organizações. O que a gente pode fazer é dar treinamento de como melhorar a comunicação intrapessoal nas organizações, sem sombra de dúvidas. E, é claro que não é a única coisa, eu posso trabalhar questões internas, assim como as empresas tem aulas de terapia, não terapia, ginástica organizacional que eles falam, pra relaxar um pouco o corpo, pra não ficar com dor no corpo, por que não trabalhar as dores da alma? E trabalhando as dores da alma, você tem pessoas que serão muito mais produtivas. Resolvendo seus problemas, suas dificuldades de relacionamento com uma companheira, um companheiro, os filhos podem resultar numa produtividade maior. Agora, na verdade, assim, o que a gente vê nas empresas principalmente, eles têm uma dificuldade muito grande em aceitar que seus funcionários tenham problema. Normalmente o que elas têm são convênios com os médicos, convênios com educadores físicos, convênios com fisioterapeutas, convênios com psicólogos, mas quando você fala em fazer terapia cognitiva? As vezes as empresas se assustam. Eu vou oferecer para a empresa X o meu trabalho de Arteterapia. Elas podem se assustar, então a gente tem que saber também como entrar nas organizações.

Carlos - Será que a Arteterapia, a palavra terapia é vista com o susto tipo ah vai fazer terapia parece que a pessoa quando vai fazer terapia porque tá no estado grave. Será que isso passa pela cabeça das pessoas?

C.F. – Remete a doença mental. Isso no senso comum. A pessoa faz terapia, então ela tá com doença mental. Ele é louco, é desvairado, ele tem isso, tem aquele outro. Não, ele não tem só um quadro grande de ansiedade, ele não tem só um quadro grave de depressão, não tem só um quadro grave de isolamento social, mas quando a gente fala terapia, nós estamos nos remetendo ao senso comum de loucura, mesmo nas organizações, pessoa que tem o nível universitário sempre assusta.

Carlos - as pessoas não param para pensar que o que o próprio mundo hoje em dia a dinâmica do mundo, a dinâmica do celular, das informações incessantes né já nos levam para esse estado ansiedade.

Qual deve ser o perfil e as competências do profissional que pretende atuar com Arteterapia nas organizações?

C.F. – Primeira coisa, ele precisa, além de ser formado, habilitado em Arteterapia, ele precisa conhecer a estrutura das organizações, ele precisa ter algum nível de leitura, de formação acadêmica. Entender como funciona uma organização, quais são os níveis hierárquico, verticais, horizontais, qual a história da empresa, com o que ela trabalha, qual sua missão, seus valores e a partir daí propor programas que possam ajudar nas melhorias das condições de trabalho. Como arteterapeuta, além de conhecer todas as ferramentas da Arteterapia, precisa ter esses conhecimentos. Mas acima de qualquer coisa precisa ser realmente alguém que trabalhe muito profundamente a empatia ou como algumas mulheres mais contemporâneas dizem, uma palavra que eu gosto muito, é a sororidade, a arteterapeuta mulher trabalhar muito essa sororidade. Da palavra “sóror” que é irmã. Ter a característica, a qualidade de ser irmãos um do outro, pra executar essa empatia com uma insistência muito maior. Eu acho que ainda não tem uma palavra correspondente para o homem. Preciso ver se eu acho uma palavra sobre isso.

Carlos – talvez fraternidade

C.F. – Mas fraternidade pega os dois né. No italiano sim, poderia usar o fratello que é irmão. Mas no português não, a fraternidade tem uma outra nomenclatura. Tem uma frase que tem num quadro no meu ateliê terapêutico, Carlos, que é de uma arteterapeuta chamada Sara Pain e ela diz assim: “Arteterapia é um olhar, uma escuta, uma ressonância auditiva”. Olha que profundo isso. O que é uma ressonância? É uma

coisa que sai de mim, bate em você, te transforma e volta pra mim. Dentro de um set arteterapêutico, se não houver ressonância, o trabalho não vai ter um bom tempo, não vai existir um vínculo entre o paciente e o arteterapeuta para que os resultados possam ser alcançados. Atribui-se muito comumente uma frase ao Jung, também dizem que ele nunca escreveu exatamente isso, né, mas muita gente usa e ninguém consegue achar onde ele disse isso, que “ao cuidar de uma alma humana, seja apenas outra alma humana”. Na realidade é uma frase que resume um pouco do pensamento dele, mas dizem os Junguianos que ele nunca falou ou nunca escreveu isso dessa forma. Mas é o sentido do trabalho, da gente cuidar do outro como eu gostaria de cuidado por alguém que tenha esse olhar paterno, esse olhar materno, de cuidador. De curador trabalhar com o arquétipo do curador.

Como a Arteterapia pode contribuir no ambiente organizacional?

Todas as questões que trouxe pode contribuir com relações interpessoais, comunicações interna da empresa. No meu tempo a gente pensava no rousi ohta, jornal da empresa, e no jornal que se comunicasse da empresa com seu público externo, isso foi nos anos 70 ou 80, depois que sai da zona da multinacional em 1982, a partir 1986 começaram a ter um canal de comunicação interno com os funcionários, eles montaram o estúdio na empresa, gravavam alguma coisas com os próprios funcionários, isso é projetado nos monitores de televisão, nos horários de entrada e saída e nos horários de refeição, ali se comunicavam as coisas que a empresa queria comunicar com os funcionários. Não se justifica mais jornal rousi ohta de papel, você tem que ter comunicação rápida, blog, chats internos, pra isso as pessoas tem que estar preparadas, não só para técnicas da comunicação, no jornalismo, das Relações Públicas, na publicidade, mas também nas técnicas das relações humanas, das técnicas psicologias, nas diferenças abordagem terapêuticas, até para ajudar os funcionários a vencerem não só suas dificuldade de comunicação, mas suas dificuldades de quadros de ajudar na superação de ansiedades, excesso de timidez, e alguns outros quadros, algumas práticas podem ajudar na solução de problema, enquanto físico também. Porque, como temos a doença chamada psicossomáticas,... práticas do nosso corpo, a gente pode ter um medicamento que resolve, mas se não trabalhar a causa, eu só estou mascarando o problema, isso como o tempo vai se agravando e Arteterapia ajuda a resolver esses problemas, e a gente consegue entrar nos bancos de sessões fundos, mas nos remetemos a momentos constata da vida das pessoas

desde a sua primeira infância, desde seus primeiros 7ª nos de vida, onde a textualidade do indivíduo é moldada. E se ele teve uma vida em família e foi adequada para essa aclamação, ele mereceu ser um jeito saudável, ou se houve problemas, pai ausente, uma mãe que não pôde amamentar o filho, porque trabalha muito tempo fora, ou ficar nas mãos de pessoas estranhas desde pequeno, a criança vai crescer com uma série de problemas, distúrbios comportamentais, isso só com uma terapia vai resolver, Arteterapia é favorável, a pessoa não precisa falar sobre seus problemas.

Quais desafios para trabalhar com Arteterapia nas organizações?

É criar um canal de comunicação entre a Arteterapia e a empresa, para que a empresa entenda o quanto essa ferramenta pode ser útil para seus próprios negócios e ter espaço adequado para ser trabalhada, a Arteterapia precisa de espaço sagrado de trabalho, onde todo os participantes tem que assumir compromisso de manter a fidelidade. O segredo é o que acontece nesse ambiente terapêutico, ah eu fui lá na sessão de Arteterapia, e o fulano revelou que ele foi abusado na infância (risadas...) então para que as pessoas participem disso, como tempo de consentimento expressivo, ela não precisa estar, tem que assumir compromisso, do que acontece dentro do site terapêutico, isso é fundamental, para que não seja praticado o bullying.

Bullying é uma comunicação violenta.

Cultura de paz e não violência

É todo um trabalho de algumas organizações não governamentais, tem trabalhado não só no brasil, mas em todo mundo, tudo isso vem da esteira, da contracultura no final só século 20, isso começou a trazer informações muito mais do oriente e ocidente, aquele casamento do you e yang, e o ocidente incorporando algumas teorias, algumas práticas do oriente para ajudar a tirar o sujeito ocidental... A gente teve a chegada do processo de meditação que vieram da índia principalmente, depois do Japão, da china, e de outros países do oriente, trazendo algumas outras... e formaram algumas organizações não governamentais, a mesma da terapia..., esse encontro do ser humano consigo mesmo, é a percepção de que não somos seres individuais, nós somos um ser coletivo, assim como o planeta, é um ser coletivo, por sermos seres coletivos precisamos trabalhar alguns valores ligados a essa coletividade baseada em princípios considerados milenares, em culturas mais antigas do oriente, como a verdade absoluta, amor incondicional, compaixão, a retidão de caráter, a paz e a não a violência.

Qual a diferença entre paz e não violência?

A paz ela está para que eu aprenda a me comportar adequadamente para não ferir o outro com palavras ou por atitudes, por gestos ou por violência física. E a não a violência é um estado mais elevado, talvez possa se colocar no nível daquele quinto elemento(..)quanto segundo as audições da Índia, a gente atinja o estado... que a gente seque pensa mal sobre os outros, não temos nem pensamentos destrutivos ou negativos sobre o outro, os mestres que trabalharam falam que esse estado que poucos conseguem atingir, talvez passamos contar nas mãos quantos conseguiram esse estado de espírito, irmã Dulce, Chico Xavier..., poucas pessoas se dedicaram a causa do bem comum, a cima de qualquer coisa. Isso tudo vem de tradições da Índia de 7 mil anos, vem do Barra Barata que é o primeiro livro escrito na história do..., que trazem justamente essa luta entre o bem e o mal, propondo..., a espécie humana... interesses econômicos, territoriais... e que a gente consiga viver harmonicamente como vivíamos até a expulsão de Adão e Eva do paraíso, para ficar com esse paradigma religioso.

Carlos- Você acha que se a pessoa entender o real sentido da palavra comunidade ela já está no bom caminho andado para cultura da não violência?

C.F.- Qual é o sentido da palavra comunidade.

Comum, é uma cidade comum, é um grupo comum, mesmos desejos, mesmos anseios, e, portanto, ele não está entre si e nem em relação ao outro, quem está ... paz a gente é... meio ambiente, como a natureza, as árvores, como a digitação, são ambientes externos, eu não estou aqui dentro da minha casa no ambiente instalado, sou apenas mais uma manifestação desse ambiente, eu ...assim como as árvores do meu quintal, como as árvores da Amazônia, ar que respiramos, tudo isso é meio ambiente, eu preciso entender que eu tenho que respeitar, nós estamos em picos de calor, chuvas excessiva, ou de frios excessivos, porque enquanto seres humanos, nós não estamos respeitando essa comum comunidade, então é uma diferença muito grande.

Comentário de C.F.: comunidade e unicidade.

No mês passado, assisti pela televisão, pela RAI o Festival de Sanremo, tradicional concurso musical na Itália. O Festival de Sanremo é uma coisa que para toda Itália, tem 60% de audiência, na cidade Sanremo, respiram a música profundamente, foram 25 músicas, fui vendo e traduzindo as letras, o nível de qualidade das músicas, mesmo nos estilos musical, tipo Rep, por exemplo. Esse ano teve o apresentador,

diretor, artista famosos, no primeiro dia ele dividiu o palco com uma atriz negra, e na Itália quase não tem negros, a não ser os negros imigrantes, da África, refugiados. No primeiro dia ela esteve presente no palco, elegantíssima, finíssima, lindíssima, já trabalhando conteúdos ligados a respeito internacional, no segundo dia, mulher alta, cabelos brancos, bonita, muita brincadeira, muita piada. No certo momento ela falou assim: “Amadeu, vem aqui, vamos sentar um pouquinho, perto das escadas, conversar um pouco”. Ela olha para câmera, e fala assim “Pessoal queria falar para vocês uma palavra muito usada que não gosto, diversidade, para se referir a diversidade racial, religiosa, étnica, sexual, e vai mostrar que as pessoas são diferentes em relação as outras, não somos diferentes, somos iguais, então o programa com 60% de audiência, ao invés de diversidade, eu uso a palavra unicidade, porque somos iguais, não somos diferentes e não somos diversos, somos exatamente iguais”. Isso repercutiu na mídia Italiana de uma forma estrondosa, e outros programas abordaram a questão, porque isso foi um tapa na cara da população Eurocêntrica que pensa da Europa como centro do mundo, por mais que falamos que a Europa é a mais evoluída que o Brasil, ela também tem uma série de preconceitos.

C.F.- Só para fechar:

Um certo dia, uma pessoa colocou um cantor de 30 e um jovem ator de 18 anos para falar de direitos humanos, um certo momento abaixaram o telão por igual e botaram o artigo da constituição Italiana, comentaram sobre ele que garante o direito de igualdade racial, religiosa. O programa de maior audiência, os caras falando de direitos humanos, olha a contribuição que se dá para transformação, comunidade e unicidade, tudo isso é você trabalhar essas questões de cultura de paz e não a violência, então a contribuição social desse programa mais do que um programa de entretenimento musical, teve formação sobre ética, isso é fenomenal, isso é você usar o poder da mídia para uma causa maior.

Qual a diferença entre o uso da arte por um profissional arteterapeuta e um profissional sem especialização em Arteterapia?

C.F. – Então, o legal é a gente diferenciar, o que é Arteterapia e aula de arte. Numa aula de arte eu aprendo técnicas para desenhar, pintar, esculpir. Sem necessariamente entender qual o significado da minha produção. Na Arteterapia eu vou trabalhar com conteúdos simbólicos de representações de muitas imagens que se transformaram em símbolos e depois de símbolos em arquétipos que se representam conteúdos que quando um paciente ele produz uma determinada figura, eu vou pensar

naquela figura como um símbolo, qual é esse símbolo, o que representa na história da humanidade, o que representa na história do nonononono (1'16). O arteterapeuta ele aprende a lidar... (não entendi). Precisa entender de várias manifestações artísticas, história da arte, nós também aprendemos sobre comportamento humano, pra entender o que que aquela produção plástica pode significar pra ele. O importante na terapia de fundamentação Junguiana, o arteterapeuta nunca diz: ah! Você desenhou um cavalo, olha o cavalo significa tal coisa, como o cavalo significa tal coisa, significa que você tem tal problema. A gente nunca faz isso. De repente no meio da sessão saiu um cavalo e a gente pergunta: o que esse cavalo representa pra você? Se você fosse ter um diálogo com esse cavalo, o que você diria pra ele e o que ele eventualmente diria pra você? O que isso te representa? Claro que eu, como profissional, eu sei quais são os significados do cavalo, mas eu nunca vou dizer pra ele. Vou apenas ajuda-lo a ele próprio descobrir o que significa.

Carlos – Sim.

C.F. – O Arteterapeuta ele nunca interpreta, ele pega na mão e leva o próprio paciente a compreender os seus processos.

Carlos – Entendi. Nossa é muito interessante isso mesmo.

C.F. – A gente se aprofundou muito na psicologia Junguiana, hoje um curso de formação rápida, eu acho que... (não entendi) tem tido aula de tudo hoje em dia. (2'44) algum tempo atrás a gente tinha uma única aula, hoje nós temos cinco. São conteúdos extremamente importantes que nós temos que um nonono do aluno. Claro que todos os outros professores, todas as outras disciplinas, vão também estar abordando os conteúdos Junguianos para que o profissional saia dali preparado para ter uma baita compreensão desses processos todos. E entender o que acontece no inconsciente. A nossa consciência, se eu pegar a consciência de como um guarda-chuva, usando uma explicação do próprio Jung, a palavra consciência é o que nós temos aqui, que faz eu estar conversando com você, só que a minha consciência é formada por dois pilares. O pilar do nível consciente, que é aquilo que eu trago de aprendizado na minha vida, no ambiente familiar, religioso, na escola, na sociedade. E o outro pilar que é meu inconsciente que é aquilo que eu trago do chamado inconsciente coletivo, da cultura que vai sendo transmitido de geração a geração. Às vezes de forma invisível, pelos valores sociais, pelos valores familiares, pelos olhares. Eu acho que a mídia transmite muito disso hoje, fortemente e faz muitas vezes isso de uma forma muito errônea. Aí a gente acaba caindo em uma outra tese. Então esse

inconsciente traz aquilo que está lá no fundo da minha alma. Aquilo que minha alma traz como experiência. Eu ele fala de experiências muito antes da experiência pré-natal. Não que ele fale em espírito, em reencarnação, mas com essa cultura que vem lá da Europa, dos portugueses, dos espanhóis, do oriente com os japoneses, com os libaneses e que formaram a cultura nova no Brasil, a gente estuda tudo isso. Então o consciente e o inconsciente formam a consciência. Eu preciso entender como arteterapeuta que muitos dos conteúdos mais profundos estão alojados no inconsciente. É de onde eu permito que isso se manifeste e releve quais são as origens das dificuldades que meu paciente tem.

Carlos – A gente poderia dizer que de certa forma, na arte você consegue se expressar e quando você participa de uma sessão de Arteterapia você está aprendendo a se expressar? Ou não?

C.F. – As duas coisas, na Arteterapia eu aprendo a me expressar realmente, mas é o que a arte traz de importante. Você é pai?

Carlos – Eu sou.

C.F. – Antes de falar, o que a sua filha aprendeu a fazer?

Carlos – Desenhar.

C.F. – Falar é um aspecto do nível consciente.

Carlos – Rabiscar.

C.F. – Desenhar, rabiscar, cantarolar alguma coisa... Então a gente aprende arte, antes de qualquer coisa na vida. Nós nos manifestamos pela arte antes de quaisquer coisas na vida. Antes de aprender a linguagem falada e escrita, nós aprendemos a fazer arte. Então nós temos esse potencial. O potencial, o Jung, ele fala muito que nós temos um potencial criativo e nós podemos produzir criativamente de tudo. Uma forma trabalhando o que ele chama de criatividade psicológica que é essa do próprio consciente, uma criatividade que se manifesta por aquilo que eu aprendi na vida e a criatividade que ele chamou de visionária, que brota do inconsciente, brota daqueles talentos que eu trouxe da minha alma enquanto ser humano gerado pelo meu pai e pela minha mãe.

A Arteterapia facilita que esses conteúdos inconscientes afluam mais espontaneamente. Trabalhar isso permite que a gente se comunique pela arte muito mais facilmente do que eu consigo me comunicar pela palavra porque a palavra vou estar usando muito o meu lado sensor, pois mesmo ele sendo meu terapeuta tal coisa eu não queira que ele saiba, isso aqui é só meu. Tenho medo que ele saiba sobre isso,

o que ele vai pensar de mim se eu contar isso aqui pra ele. Pela arte, quando ele é estimulado a produzir artisticamente, espontaneamente, criativamente. Aquilo brota, aquilo revela. E a gente consegue ajudá-lo a entender que aquilo que ele trouxe pela arte é aquilo que ele não conseguiria trazer pela palavra escrita jamais.

Carlos – Professor o senhor tá falando e eu tô pensando e prestando atenção em tudo e vindo mil coisas a cabeça. Quando a gente consegue entender realmente a Arteterapia e tudo isso que o senhor falou a gente consegue levar a vida de uma maneira mais tranquila. Por exemplo num conflito de trânsito a pessoa consegue por exemplo se manter calma e não se envolver com as violências cotidianas?

C.F. – Claro porque você fez a união dos seus opostos. Você iria brigar no trânsito, pelo seu lado consciente. Por exemplo, esse cara me deu uma fechada, tenho que ir lá dar uns tapas na cara dele. Mas o teu inconsciente acessando o teu equilíbrio, o equilíbrio do teu sefirot, não. (Ele usa uma expressão em inglês que eu não entendi nonono for life 8'42, áudio 5) Sei que eu posso levar um tiro na cabeça, eu posso ser assassinado, eu posso morrer, deixa esse infeliz aí. A gente aprende essa individualização. Aprende a compreender melhor o outro: tipo, por que que o outro me fechou? Ele está com pressa? Está correndo com alguém no carro? E eu tô aqui querendo chamar a atenção dele por isso. A gente vai aprendendo essa autorrealização. Até o respeito maior pelo outro e evitar o conflito.

Carlos – Agora a nossa última pergunta. Professor já agradecendo muito a sua disponibilidade.

O senhor conhece a profissão e as atividades de Relações Públicas? Se sim, como percebe a relação entre Arteterapia e Relações Públicas?

C.F. – Tenho, sou jornalista, fiz curso na faculdade de comunicação, fui professor na faculdade de comunicação. Em Relações Públicas eu passei um semestre só, mas conheço um pouco, claro. Mas assim, a gente sabe, né Carlos que a profissão de Relações Públicas no Brasil, ela é malvista ainda. Eu não sei hoje. Mas quantos alunos têm na sua turma?

Carlos - Tem 18.

C.F. - Dezoito. Quantos tem na que está entrando esse ano?

Carlos - Ah, bem mais!

C.F. - Tem bem mais?

Carlos - É que o pessoal acaba desistindo depois que começa.

C.F. – Eu não dou mais aula em Jornalismo já tem... Parei em 2005. Encontrei com um amigo meu, professor ainda lá. Na minha época, às vezes a gente tinha até duas turmas de manhã e duas turmas à noite, com 120 alunos em cada turma de jornalismo na PUC Campinas. Hoje não forma uma turma de manhã. Nem à noite não está formando turma. Tanto que eles estão até pensando em ter só uma turma de jornalismo durante o dia. Porque não tem mais aluno. Então algumas profissões, elas vão se extinguindo com o tempo e outras vão surgindo. Relações Públicas é uma delas. Eu imagino que tenha diminuído muito né? Até porque existe uma confusão muito grande entre você falar de Relações Públicas no Brasil e falar de Relações Públicas nos Estados Unidos. Qual o trabalho de Relações Públicas de lá e qual o trabalho de Relações Públicas daqui. De um modo geral o Relações Públicas daqui é o cara que vai fazer festinha de aniversário, é o cara que vai fazer uma inauguração, é o cara que vai cortar a fita, é o cara que providenciar o salgadinho. É o profissional responsável pela Cultura Organizacional, é o sujeito que vai estabelecer políticas para que essa organização funcione muito bem. Daí que ao conhecer a Arteterapia, ele pode usar a Arteterapia para melhorar essa Cultura Organizacional. Acho que aí eu respondo a sua pergunta, né?

Acima de tudo, por mais que o Conselho Profissional de Relações Públicas tenha feito um bom trabalho, o nonononono conhecia duas ou três presidentes do conselho. Tem trabalhos maravilhosos, mas há uma confusão muito grande nisso. E fazer relações Públicas não é só organizar evento, é trabalhar a Cultura Organizacional. E foram funções que os jornalistas puxaram pra si.

Carlos – Até entre os Relações Públicas existe. O que exatamente eu posso fazer? Até onde eu posso ir? O Relações Públicas acaba sendo também um pouco jornalista, um pouco publicitário, um pouco do marketing.

C.F. - É um cara que apaga fogo. De um modo geral assim. O profissional de comunicação de uma empresa, ele mais apaga fogo do que cria uma cultura organizacional. Porque tem pequenos incêndios acontecendo toda hora e ele vai apagando, pra fazer a comunicação, pelo blog, pela televisão. Teve uma denúncia e ele teve que correr atrás e ele não consegue fazer grandes projetos. As empresas não estão preparadas pra isso.

Carlos – Gerenciar essas pequenas crises e prevenir essas pequenas crises. E o senhor percebe qual seria a relação entre a Arteterapia e as Relações Públicas? Já que a gente tá falando de relações interpessoais.

C.F. – Eu acho que ele pode usar, aquilo que nós falamos no início, o Relações Públicas ele pode usar a Arteterapia para melhorar a Cultura Organizacional interna. Melhorando o funcionamento da empresa, melhorando o bem-estar dos funcionários, propondo várias atividades não só para os funcionários da empresa, mas dependendo da empresa, permitir que isso aconteça com seus familiares.

A.A.T.

Carlos - Com a professora A.A.T. ela é arteterapeuta uma das suas qualificações, né, suas graduações, é essa. E ela tá me recebendo aqui gentilmente e a primeira questão é: como professora se ela entende a Arteterapia? como defini e quais atividades ela contempla?

A.A.T. - Para mim é sempre um prazer falar sobre a Arteterapia. A Arteterapia é especialização que eu fiz. A minha graduação é em engenharia civil, fiz mais umas outras especializações para complementar. Por ser engenheira e pôr a Arteterapia se valer muito da psicologia, eu fiz também especialização em psicologia Junguiana para fundamentar um pouco mais e como eu queria muito levar para as organizações, eu fiz uma especialização em desenvolvimento humano nas organizações. Mas assim isso só que eu me apresentar. Agora o que entendo por Arteterapia, eu entendo como um recurso, técnicas para promover não só processos de autoconhecimento, mas também de desenvolvimento pessoal. Embora ela tem a palavra terapia na palavra não obrigatoriamente ela vai ser voltada para o tratamento. Ela pode ser como eu disse o processo de desenvolvimento, a pessoa desenvolver capacidades que ela tenha muitas vezes até ocultas, por isso que eu gosto de pensar na palavra desenvolver, tirar fora tudo que atrapalha que já tá ali dentro e a Arteterapia é um recurso bem interessante para isso.

Ela se vale para promover esses processos de autoconhecimento, desenvolvimento pessoal, relacional, organizacional ela se vale das linguagens artísticas justamente como linguagem e não como produção artística. Ela não tem nenhuma preocupação técnica de resultado, de performance artística. É como uma conversa, se eu tô aqui conversando com você a gente está se valendo da minha linguagem e você não tá levando em consideração se ver o meu português é correto, se minha gramática correta, se a técnica verbal é importante. Na terapia é mesma coisa, as linguagens artísticas do jeito que vier, um borrão é bem-vindo, um rasgo é bem-vindo, porque tudo isso é a fala daquela pessoa

Carlos - Não está em jogo a performance.

A.A.T. – não, inclusive nos processos individuais os trabalhos são preservados de exposição porque são falas daquela pessoa.

Arteterapia pode ser desenvolvida em processos individuais em ateliê para justamente autoconhecimento e desenvolvimento pessoal. Às vezes a pessoa tem alguma questão específica que ela quer resolver, então ela tem por aquela questão ou então ela vem porque ela quer desenvolver a criatividade ou às vezes ela vem com uma demanda mais terapêutica mesmo, de um processo depressivo ou de ansiedade, que muitas vezes inclusive tem um encaminhamento até psiquiátrico. É muito interessante nesse sentido também. Ela também se aplica em instituições de forma geral, instituições educacionais para você trabalhar nos jovens promover questionamentos, reflexões, integrações; empresarial, de qualquer ramo porque as empresas são compostas por pessoas e a Arteterapia elas tocam as pessoas. Então elas podem servir como recurso para aquelas pessoas trabalharem, tanto as suas questões, suas características até as suas habilidades individuais como a interação com o grupo onde ela está inserida; hospitais também; tem gente que faz um trabalho bacana em sala de espera de tratamentos que são demorados, o próprio paciente que está esperando algum tratamento oncológico que na sala de espera faz um processo de Arteterapia. Eu nunca fiz assim, mas eu sei que tem gente que faz.

Eu diria que: onde se aplica? Onde tiver gente.

Carlos – É possível traçar com tempo... A partir de quanto tempo, melhor dizendo, é possível traçar ou detectar algum diagnóstico para o seu paciente, posso chamar assim?

A.A.T. – Eu não chamo de paciente justamente porque não obrigatoriamente eu estou fazendo um tratamento. Eu costumo chamar de cliente ou eu prefiro chamar de pessoa. A pessoa em atendimento ou a pessoa em processo.

Carlos – Certo. E é possível traçar um diagnóstico dessa pessoa. Essa é uma das intenções ou não?

A.A.T. – Não, a Arteterapia ela não tem a pretensão de fazer um diagnóstico. O diagnóstico em geral, ele é feito pelo psicólogo, pelo psiquiatra. Aí nós temos estamos falando no contexto da saúde. Agora a Arteterapia ela pode levantar possibilidades e isso vai ter que ser compartilhado com o profissional da saúde, que isso está sendo considerado. Mas em geral não é a proposta do arteterapeuta diagnosticar. Quando é numa demanda de saúde, ele vai até trabalhar aquilo que já chega pra ele

meio diagnosticado ou até, por exemplo, se a pessoa vem com um diagnóstico indefinido, eu até começo a ir trabalhando com a pessoa, mas não existe a expectativa que eu vá dizer: olha, é isso ou é aquilo porque inclusive eu acho que é importante tomar muito cuidado da gente lembrar que a gente tá ali com aquela pessoa. Eu não estou aqui com um depressivo, eu não estou aqui com um dependente químico. Tô aqui com aquela pessoa que pode estar deprimida, aquela pessoa que pode estar com dependência química, mas o diagnóstico não roubar a identidade daquela pessoa que tá ali. Isso pra mim é muito fundamental na minha forma de trabalhar.

Carlos – porque então pelo o que eu entendo é muito forte dizer que aquela pessoa é depressiva ou é dependente química, ela está naquele momento.

A.A.T. – É, ou mesmo se ela até for, no sentido de algo mais crônico, mais longo, ela não é só aquilo. Ela tem aquilo. Mas ela não é aquilo. Ela tem. Que nem uma pessoa diabética, por exemplo, que é uma coisa mais crônica, a pessoa até se usa dizer que ela é diabética, mas ela não é só diabética. Ela é uma pessoa que tem diabetes.

Carlos – Você já utilizou a Arteterapia em organizações? E como você vê esse uso? Essa prática? Existe demanda?

A.A.T. – Sim, eu já utilizei e utilizo Arteterapia nas organizações, inclusive até minha disciplina, que eu leciono no curso NAPE, é justamente Arteterapia nas Organizações. Eu gosto muito desse nicho. Já tive experiências em empresas tradicionais mesmos, instituições, por exemplo, equipe multidisciplinar, equipe de 70 pessoas das mais diversas funções. Fazer programa de desenvolvimento de competências.

O que a gente percebe assim, às vezes, você perguntou se tem demanda, sim ultimamente... Eu trabalho com a terapia desde 2005 e no começo lá para trás era mais difícil você pensar em Arteterapia nas organizações. De uns 10 anos para cá para cá melhorou porque com essa coisa toda da necessidade de inovação, no cenário contemporâneo e abertura para novas ideias. Começou a ficar bem-vindo coisas diferentes para promover a criatividade. Não é uma coisa mais que exista um preconceito de colocar a arte dentro das empresas, mas ainda não há uma procura. O arteterapeuta ainda precisa ter o trabalho de levar e mostrar e oferecer e perguntar. Se você consegue ter essa oportunidade aí é aceito. Entendeu?

Carlos – Sim. Então quer dizer que a Arteterapia também instiga, é uma maneira de provocar criatividade e novas aptidões nas pessoas.

A.A.T. - Com certeza e nas organizações muito porque o nosso hemisfério cerebral, o nosso cérebro ele é morfologicamente ele tem dois hemisférios. O hemisfério esquerdo é o racional, lógico, exato. O hemisfério direito é o intuitivo, da visão do todo, da intuição, da Imaginação. A criatividade embora muitas vezes falam que está no hemisfério direito, ela tá no diálogo entre os dois, porque para você ser criativo você precisa do diálogo com o racional também. Para você compor uma música, essa música vai ter uma marcação de tempo, tudo isso, que você vai precisar acionar o racional. E ao mesmo tempo de dialogando com o intuitivo. Então a criatividade é o diálogo dos dois.

Nas empresas, tradicionais principalmente, o hemisfério esquerdo ele tá lá bombando, o exato, o racional, o lógico e o hemisfério direito ali naquele contexto fica mais negligenciado. Então se você chega e promove esse hemisfério direito que é a imaginação, a intuição, o que você pode usar pra promover isso? A arte. Você vai entra ali com a arte, você bomba e você promove esse diálogo muito mais efetivo. E esse diálogo é de onde vem a criatividade, entendeu? Então assim esse é um argumento para mim muito forte de por que fazer arte nas organizações.

E fora isso você está promovendo quebra de paradigma. Só de você chegar com pincéis e tintas e giz de cera numa empresa onde só tem computadores aquilo já quebra e ao mesmo tempo as empresas que estão trabalhando lá só com os softwares de computadores sofisticadíssimos, querem que quebre o paradigma. Então é isso que a gente vai argumentando porque nas empresas, eu pelo menos entendo assim na forma que eu trabalho, eu não faço um processo de tanta interiorização como eu faço aqui no ateliê. Eu vou usar uma Arteterapia mais analógica, eu vou por analogia através daquele trabalho comparar aquele trabalho que é feito pelo grupo no caso com o que acontece na organização. Por exemplo o grupo faz uma pintura em grupo todo mundo junto e aí um interfere com o pincel na área do outro ou não. Aí eles vão conversar comigo depois da pintura: como que foi fazer aquilo? Como que você se sentiu na hora que o seu colega do lado veio com o pincel dele na sua área? Para você aquilo até te deu uma ideia ou você se sentiu invadido? E como que é agora vamos transpor isso para o dia a dia de vocês aqui? Como que acontece essa interação? Como que você faz você sente no dia a dia que pincéis não bem-vindos tão vindo no que você faz? E não são bem-vindos por que?

E aí vem toda essa reflexão a partir daquele que trabalho que ficou feito. Mas eu não vou entrar por exemplo que é a linha mais analítica, mas Junguiana de fazer

uma análise daquela imagem que apareceu ali é porque isso é mais introspectivo, é mais íntimo. Às vezes você acaba acessando questões muito profundas que não tem a condição de fechar naquele contexto. Nas organizações, eu pelo menos, costumo trabalhar com essa vertente mais analógica do que analítica.

Carlos – um contexto geral.

A.A.T. – Um contexto geral e representativo e não tão individual. Mas funciona e é muito interessante porque é lúdico. É assim, as pessoas chegam e veem que vão ter que mexer com aquilo gera uma resistência. Aqui o que acontece? Todo mundo está no mesmo barco, todo mundo está achando aquilo estranho. Aquilo sem perceber já gera um vínculo de interação que agora tem essa mulher aí que resolveu que a gente tem que pintar. Eles se unem, sem nem perceber. Quando começa a fazer, vem o lúdico, todo mundo está compartilhando daquela vergonha, entre aspas, de fazer aquilo. E a coisa começa a fluir.

Carlos – a questão do conjunto já se dá ali.

A.A.T. – Isso.

Carlos – do time, de estarem juntos no mesmo sentido.

A.A.T. – Isso.

Carlos - Como deve ser o perfil e as competências do profissional que pretende atuar com Arteterapia nas organizações?

A.A.T. – Eu daria um passo atrás para essa pergunta para dizer que qualquer profissional que foi trabalhar com Arteterapia é muito importante que ele tenha experimentado o processo arteterapêutico como pessoa, em processo com o cliente sim, para ele ter a ter a legitimidade do que ele está propondo.

Agora se ele vai trabalhar no contexto organizacional é importante que tenha um conhecimento básico de quais são as competências que precisam acontecer na organização, no ambiente organizacional. O que que é que precisa? Ele precisa ter um pouco de conhecimento disso de quais são as competências atuais mais exigidas, quais são as competências que estão mais em falta, por isso que eu fui fazer a pós em desenvolvimento humano nas organizações, para pegar essa parte. Mesmo que o arteterapeuta não faça uma pós em desenvolvimento nas organizações, estudar um pouco disso. Tem muito material, muita bibliografia que vai dizer um pouco disso.

Eu acho importante que o perfil do arteterapeuta tenha que ser esse perfil, conheça a terapia subjetivamente primeiro e, que se for no contexto organizacional, que ele conheça um pouco da engrenagem do que é uma organização. Porque ele

precisa ser empático para a gente ser empático a gente precisa conhecer um pouco daquele lugar do outro para a gente se imaginar no lugar daquele outro. Então assim, inclusive é muito interessante eu gosto muito de quando eu vou fazer algum trabalho numa organização, independente de eu conversar com a pessoa responsável que tá contratando, eu gosto de ir lá, de ver as pessoas trabalhando, de sentir aquele ambiente e claro que daí também o profissional está contratando vai me dar um panorama. Eu particularmente não faço, não é minha... que nem você perguntou das pessoas individualmente lá no começo se eu, se a gente faz o diagnóstico e eu disse que não. Diagnóstico organizacional eu faço com a Arteterapia também não. Eu não me propoño a ir numa empresa fazer um trabalho de Arteterapia para daí dizer para eles: olha aqui tá precisando isso, isso e isso. Em geral, eu não faço isso eu. Eu converso antes com o profissional geralmente de RH, esse profissional vai me dizer o panorama, as competências que ele acha que tá precisando ser desenvolvido ou se ele não usar esse termo competência, mas vai dizer um pouco que tá acontecendo. Se as pessoas estão se estranhando lá dentro, se a postura do líder está muito ostensiva, vai dar um panorama e daí eu vou criar um projeto de atividades para trabalhar essas questões, mas eu não vou com a proposta de fazer um diagnóstico.

Agora o que que acontece? Às vezes você tá fazendo um trabalho para aquela competência que foi, para aquelas competências para qual você foi contratado para e você identifica que tem outras necessidades naquela equipe. E aí você dá um feedback, mas aí é um extra que vem, por exemplo, já aconteceu de eu ir fazer um trabalho com uma equipe que o líder estava junto e era um trabalho de integração de equipe, a proposta, a demanda, integrar a equipe. E aí neste trabalho eu percebi que a postura do líder não era uma postura muito adequada e que o líder precisava ser trabalhado na forma dele. E aí eu dei esse feedback para empresa e na sequência a empresa me pediu para eu fazer um trabalho então individual com aquele líder. A partir do que aconteceu ali, mas eu não fui para isso. Mas claro que se a gente vê, olha notei isso, a gente fala.

Carlos – E normalmente quando você vai fazer esse trabalho de integração de equipe, você usa qual técnica? Qual atividade normalmente mais usada?

A.A.T. - Então é assim, a Arteterapia é que nem eu falei mais para trás de uma linha mais analítica e mais analógica. A Arteterapia Junguiana, mesmo psicanalítica, elas são analíticas então elas trazem toda aquela coisa da leitura da imagem com a pessoa, que símbolos que estão sendo trazidos ali, o que isso diz do inconsciente

daquela pessoa. Trabalha muito com a expressão do inconsciente e tal. O outro viés é a Arteterapia Gestáltica, não sei se você já ouviu falar, ela tem um viés justamente mais analógico então por exemplo eu vou te propor de você fazer um mosaico, você tá juntando caquinhos para construir alguma coisa, então analogamente na sua vida a gente pode conversar que coisas estão quebradas na sua vida que é possível você juntar e construir para fazer uma coisa bacana né.

Agora se fosse se eu fosse por uma linha Junguiana, além disso se aqui tivesse formado uma imagem, a gente ainda poderia explorar: olha no mosaico que você fez apareceu uma águia. O que uma águia representa para você? Aí a gente tá entrando de novo na analítica, entendeu?

Mas na empresa e eu não nisso eu fico no analógico e daí para fazer esse analógico vale todas as linguagens artísticas, qualquer linguagem. Depende do que você tá querendo trabalhar, depende da competência, eu particularmente, o que eu gosto é justamente de criar uma atividade que simule aquela situação. Porque a Arteterapia mais analítica, junguiana, ela é mais solta, ela é mais aberta, você dá um desenho, dá uma folha, dá uma tinta e vamos ver o que vem. A outra ela tem um leve direcionamento, mas não sentido do resultado, ela te, um pré-objetivo com aquilo, não sei se eu estou conseguindo ser clara.

Carlos – Como a Arteterapia pode contribuir nos ambientes organizacionais?

A.A.T. – A Arteterapia nos ambientes organizacionais, essencialmente, basicamente, a priori ela já vai estar contribuindo para promover a criatividade, por aquela integração dos potenciais mentais que eu falei na outra questão, por massagear, estimular o hemisfério direito e promover a integração, isso sempre vai ter. Agora, além disso você pode se propor ao desenvolvimento de competências específicas que estão sendo necessárias para aquele grupo: escolha, tomada de decisão, gerenciamento de risco, adaptabilidade, flexibilidade...

Carlos – Prevenção de risco...

A.A.T. – Sim, como é que você pode por exemplo com uma atividade artística fazer uma analogia de uma situação de crise. Por exemplo você pode ter um grupo que tá ali fazendo uma pintura coletiva e aí você chega e acidentalmente, entre aspas, você derruba um vidro de tinta ali e tem uma mancha preta em cima daquela pintura é um imprevisto aquilo vai gerar uma crise naquela pintura que tava vindo também. E aí você derruba e vamos ver o que que o grupo vai fazer com aquilo. Se eles vão ficar irritados, se eles vão jogar aquela folha fora e começar tudo de novo. Que é uma

opção. Se eles vão incorporar aquela tinta e fazer uma outra pintura, entendeu? Então é isso que eu tô dizendo que é analogia. Você analogicamente gera uma crise naquele trabalho e vê como eles irão reagir.

Por exemplo, eu tenho uma dinâmica para trabalhar com escolhas e tomadas de decisão que eles fazem uma pintura grande daí depois eles, com uma janelinha numa folha sulfite recortada eles vão passar em cima e eles vão escolher um lugarzinho daquela pintura e aí eles vão ampliar aquele lugarzinho numa outra pintura. E aí você conversa: quais os critérios para você escolher esse lugarzinho? E daí as pessoas vão percebendo que uma escolha, antes disso a gente escolhe quais são os critérios da escolha, quais serão os critérios para o projeto que vocês estão fazendo? O critério é custo? O critério é qualidade? O critério é prazo? A gente precisa é de um produto que dê para fazer o mais rápido possível? Primeiro você vai definir o critério porque daí na hora que a gente conversa, a gente vê que as pessoas escolheram ali ou porque tinha muitas cores ou porque seria mais fácil de ampliar ou porque parecia mais difícil e era desafiador. E aí então do que eles fizeram ali, você discute depois a questão em questão daquele grupo. Mas você não entra no mérito de o que que tá simbolicamente desenhado ali, que é uma proposta mais profunda.

Carlos – Quais os desafios para trabalhar com Arteterapia nas organizações?

A.A.T. – Os desafios são lidar com a resistência das pessoas a inclusão de arte em uma empresa. Eu costumo dizer que o grande desafio é você conseguir ter a primeira conversa. Ter o primeiro contato. Na conversa você mostra qual é a proposta de fato. Porque se você por exemplo, mandar só um folder ou um projeto escrito, não vai. É muito difícil. Já aconteceu de eu fazer um contato. Daí a profissional de RH, falar: ah! A tal história porque tudo isso tá muito impregnado. Ah sei! Mas olha aqui os nossos líderes são todos homens e na faixa de 40 a 50 anos. Não consigo imaginar eles pintando, tem como você fazer sem a arte?

Carlos – Só terapia, sem arte.

A.A.T. - Fazer dinâmicas que não usassem a arte.

Carlos – Tem uma resistência.

A.A.T. – Sim, tem e não era nem dela. Ela estava preocupada que eles não fosse querer. Mas às vezes é interessante que você chega e o pessoal às vezes te olha meio assim, mas daí... Então o desafio é você vencer a resistência. É você conseguir ter um contato pessoal com a pessoa responsável para você falar de qual é a sua proposta. Você mostrar trabalhos realizados. Experiências que você já teve e ter

uma empatia de que é claro, é bem natural que a empresa seja resistente a esse tipo de coisa.

Carlos – Ainda não é uma coisa comum.

A.A.T. – E outros desafios são assim, por exemplo, ontem mesmo tive uma reunião em uma empresa e ela falou então: espaço aqui nós temos, nós não temos é tempo. Você consegue fazer atividades de menos de uma hora? Vou ter que conseguir e dá pra fazer. Porque geralmente a Arteterapia você dá aquele tempo... não, a empresa às vezes... aí eu costumo dizer, o tempo faz parte do material. Então por exemplo, essa é uma atividade que vocês vão usar: revista, cola, tesoura, cartolina e 20 minutos. O tempo é parte do material, principalmente nas empresas você precisa lidar com essa restrição do tempo. Acho que são esses os desafios.

Carlos – Basicamente quebrar as resistências.

A.A.T. – E eu acho que a maneira de você quebrar as resistências é você compreender as resistências, é achar que está coerente aquela pessoa estar resistente. Claro, eu entendo, eu no seu lugar também estaria porque é mesmo e daí você vai mostrando.

Às vezes daí eu também falo, olha se você se preocupa tanto da gente fazer alguma coisa com tinta que você acha que eles vão ser muito resistentes, a gente pode dar num primeiro encontro, fazer uma atividade só com lápis grafite e folha sulfite, o que você acha? Ah, aí melhora. Se eles entrarem na sala e tiver só lápis grafite e sulfite vai gerar bem menos resistência. Então a gente pode, você encontra uma intersecção ali daí você já vai fazer um vínculo com aquelas pessoas daí você propõe para uma próxima coisa mais colorida mais plástica.

Carlos – as pessoas vão quebrar a barreira.

Carlos – Professora, qual a diferença entre o uso dessa arte por um profissional arteterapeuta graduado e por um profissional que não tem a especialização em Arteterapia?

A.A.T. – A Arteterapia ela basicamente se estrutura num tripé, que é o arteterapeuta, a pessoa que ela tá atendendo ou as pessoas e o processo arteterapêutico. Para se configurar a Arteterapia precisa desses três elementos, processo mesmo se for um encontro de um dia numa empresa, aquele encontro tem um processo, um começo, meio e fim. Você pode ter um encontro numa empresa de que algum profissional de artes plásticas vai lá promover um dia para todo mundo pintar. Isso vai ser vai ser super lúdico, vai promover integração, eles vão tentar daí provavelmente vão

expor em algum lugar e eles estão fazendo arte. Agora a Arteterapia ela tem a mais essa reflexão em cima da arte. Esse questionamento sobre o que foi feito, esse o que eu enxergo de mim ou deste grupo neste trabalho aqui que foi feito e também ela envolve certos riscos que se você propõe uma proposta arteterapeutica tem que ser com um arteterapeuta porque às vezes mesmo que você não tem uma proposta muito profunda, às vezes para aquela pessoa uma atividade que a princípio seria mais rasa, pode mobilizar questões daquela pessoa, então você precisa ter o preparo de conseguir dar esse acolhimento, mesmo estando num evento num evento em grupo como é que você vai me dar lidar com aquilo e tal então você levar só uma proposta de artes para grupo.

Carlos – um entretenimento, vamos dizer assim.

A.A.T. – É um entretenimento, claro! Eu acho muito válido também. O que não dá é para um profissional que não é arteterapeuta começar a querer, de repente, propor questionamentos, reflexões, em cima de um trabalho de arte, sem ter essa base.

Carlos – sem ter o embasamento teórico necessário.

Carlos – Professora, você conhece a profissão de Relações Públicas? Se sim, como você percebe a relação entre as duas profissões, Arteterapia e Relações Públicas?

A.A.T. – Eu conheço superficialmente a profissão de Relações Públicas, mas assim o que eu tenho intuitivamente a dizer sobre isso é o seguinte: todos dentro de nós, cada indivíduo ele tem dentro de si relações que ele precisa estabelecer com conteúdos dele mesmo, as relações entre as partes dele, entre os papéis dele, entre um homem que é um pai, que um profissional, um artista, que é um esportista, tudo aquilo que ele faz e tudo aquilo que ele sente, como que tudo isso se relaciona. Ele já vai ter que administrar a partir daí então eu acho que desde o indivíduo que vai trabalhar com Relações Públicas, você trabalhar com Arteterapia você trabalha essencialmente relações porque Arteterapia ela relaciona as linguagens artísticas para começar porque ela não se restringe a uma só. Então ela vai relacionar linguagens artísticas, vai misturar e se a gente pensar analogicamente como eu já te falei eu acredito que dê para aproveitar muito Arteterapia no contexto das Relações Públicas.

Inclusive até em relações privadas, o que é público? O que é privado? Como que é isso? O que que eu compartilho naquela pintura? O que que eu não compartilho? Essa diferenciação, eu acho que são infinitas as possibilidades de vocês

Carlos - As relações interpessoais elas estão tanto nas Relações Públicas quanto na Arteterapia.

A.A.T. – Exatamente, a Arteterapia trabalha com relações essencialmente, desde o os conteúdos internos ajudando a pessoa a fazer autorrelações dela. Depois as relações dela com outras pessoas e contextos. Uma pessoa não se relaciona só com pessoas, ela se relaciona com contextos, com situações, com essa sala, com a mesa, com o clima, com sistemas...

Eu conheço pouco do universo das Relações Públicas, mas nossa eu acho que me parece ser um super recurso.

Eu queria complementar ainda uma coisa que cabe em alguma dessas perguntas sobre a aplicabilidade nas organizações ou por que aplicar. Uma das grandes vantagens que eu acho do uso da Arteterapia nas organizações, fazendo por esse viés analógico, que é o que eu faço, não sei se todos os profissionais de Arteterapia que trabalham nas organizações vão por essa linha analógica que eu faço, mas fazendo por essa linha analógica, da Arteterapia Gestáltica, uma coisa que eu acho muito bacana é que você consegue trabalhar questões das pessoas e uma forma não expositiva para os colegas porque você tá trabalhando analogicamente.

Por exemplo, eu posso pedir que você, te dou uma folha, você amassa, pra você e para os seus colegas de grupo. Aí eu posso dizer, olha essa bola amassada é aquele problema seu que está atrapalhando a sua vida aqui na empresa hoje, você sabe qual é, eu não sei, mas você sabe. O colega do lado tem o dele, tem o dele, tem o dele. Nós vamos trabalhar com essa bola de papel. O que a gente pode fazer com essa bola de papel? Será que dá pra gente desamassar? Mesmo desamassando ainda vai ficar com as marcas. Mas e aí? O que você tem vontade de fazer? Aí você tá trabalhando com aquela bola de papel e de repente vai pintar com aquela bola de papel ou vai pisar naquela bola de papel, vai ter vontade de jogar longe a bola de papel e você está sabendo qual a questão que você está trabalhando e não obrigatoriamente você precisa dizer pro grupo. Porque assim nas empresas por mais que a gente diga assim: o que vai ser dito aqui vai ficar só entre nós, é um compromisso de sigilo, mas às vezes o cara não quer dizer que o cara do lado qual que é a questão se for uma coisa mais íntima. Ainda mais, por exemplo, que nem eu fiz analogia de que a bola seria um problema da pessoa, até fora de lá, mas que tá atrapalhando ela na empresa. Aquilo pode ser o casamento dela, pode ser um vício que ela tenha, pode ser N coisas que ela não quer contar. Isso daí você vai tá trabalhando com aquilo, a

peessoa tá trabalhando a questão, mas não exposto para o grupo. Por isso que eu acho que esse é um grande diferencial para usar a Arteterapia nas organizações.

M. M.

Como você vê o uso da Arteterapia no ambiente organizacional e se ela pode auxiliar nas atividades de comunicação?

Quando vocês me consultaram sobre esse tema, eu quero assim, uma conversa bem aberta. Fui buscar informações sobre a Arteterapia, e dentro da concepção de Arteterapia, eu imaginei o seguinte: Nós hoje, estamos falando nas empresas, no primeiro momento, temos que olhar a arteterapia no relacionamento com os nossos funcionários, e talvez, no segundo momento, quando a gente fala de comunicação de Relações Públicas, na amplitude desses relacionamentos com os outros exteriores, talvez, até pensar na amplitude da Arteterapia com outros exteriores, mas olhando primeiro para a organização, porque eu sou do pressuposto que tudo aquilo que você faz, tem que ter um privilégio de se fazer primeiro na empresa, seja em uma instituição, seja uma ONG, seja uma instituição do governo ou não, porquê? Por que eu acredito são as pessoas que trabalham conosco, ou seja, os nossos funcionários que “merecem todo credito do sucesso daquela determinada organização”. Então, quando eu olho para o movimento que nós temos das empresas hoje, que é o movimento muito mais flexível, muito mais colaborativo, aonde nós estamos questionando essa autoridade que talvez não tenha mais voz como a gente pensou que, existisse. Eu acredito que tem um campo muito grande para a Arteterapia, porque na realidade é o momento aonde a gente vai trabalhar o nosso ser, é o momento aonde a gente vai olhar pra gente. Eu acho que quando a gente olha para aquilo que nós somos enquanto pessoas nessas organizações, e trabalhamos a nossa capacidade na plenitude máxima, daquilo que você tem como proposito de vida, com a conexão do proposito com a organização, e quando você tem algo que você possa estar trabalhando, por exemplo, “Desengessa, não é rígido, não é manipulador, não é aonde você se coloca como pessoa, entende!?”. Eu acredito que você possa com a Arteterapia somar as outras iniciativas, a outros processos, até pensar na Arteterapia em gestão dos líderes da organização para flexibilizar um pouco mais esse comportamento. Eu acredito que existe campo, bem interessante e intenso para nós podermos pensar, principalmente, pós pandemia na Arteterapia, trabalhando a questão da saúde, o seu bem-estar. Então se você tem o bem-estar como indivíduo, você consegue trabalhar o bem-estar

coletivo daquele grupo, no qual você pertence, está mais próximo dos relacionamentos, e você consegue também expandir esse relacionamento para outros grupos da própria empresa, e depois para além da empresa.

Se fiz o uso da Arteterapia, vou dizer pra você que não. Mas se a Arteterapia significa desenvolver processos mais colaborativos trazendo a voz das pessoas no desenvolvimento e nas estratégias, eu diria que sim, mas talvez conscientemente ter aplicado a Arteterapia, o que tô querendo dizer com isso? Por exemplo, existe até um trabalho que virou teoria que é estratégia como prática comunicacional, que nós criamos esse conselho a 10 ou 12 anos atrás, onde em um trabalho mentoria, consultoria, nós percebemos que, levar aqueles profissionais de comunicação a simplesmente ouvir o que aqueles consultores estavam falando, não era o caso, a gente percebeu que aquele grupo precisaria entender, inclusive, que era comunicação para cada uma daquelas pessoas e nós começamos a trabalhar com que chamamos de estratégia como prática comunicacional, que são as próprias pessoas pensarem, o que seriam as estratégias mais adequadas, e com isso desenvolver alguns trabalhos em grupos, envolvendo esse time, trazendo esse time para ser o autor das ideias, e não o executor das ideias. Então, a partir do momento que começamos a trabalhar com esse grupo de comunicação para que eles entendessem primeiro, o que era a própria comunicação dentro da área de atuação de cada um, então, outro era jornalista, pedreiro, radialista, eles não se entediam como área, e se a gente não se entende como área, a gente não consegue crescer como time. Se nestas dinâmicas nós trabalhamos, nós fizemos as pessoas refletir sobre cada uma de suas atividades e entender o valor do conjunto dessas atividades, entender do que prevaleceria, seria atitude conjunta, então atitude isolada, talvez eu tenha feito uma prática de Arteterapia. Respondo aqui pra você conforme minha leitura sobre a Arteterapia para poder estar na entrevista.

Se eu for falar de arte, uma expressão de tudo aquilo que ainda não imaginei, por exemplo, esse que tá aqui atrás, é o meu artista que tem todas as capas dos meus livros, que é o José Gonçalves, e sempre que eu converso com ele sobre arte, ele fala que cada pessoa tem um olhar, e as vezes aquilo que vou olhar aqui, dessa arte, desse quadro pode ter um significado completamente diferente para o Carlos e para a Marlene. Onde tem dias diferentes da Marlene, o significado também é diferente, eu posso ir em uma exposição, por exemplo, olhar um determinado quadro do Van Goh e de repente fui a uma exposição do Van Goh em São Paulo, e não vi uma tela do Van Goh, só vi projeções de telas do Van Goh, que me levou a um mundo imaginável

de criação, então, assim, quanto que eu como arte, as vezes, uso interpretar, mas que tenha a capacidade de aplicar o meu olhar sobre aquela arte de Van Goh, eu acho que, ai sim há aquela interação entre o artista e aquela pessoa que está observando a arte. Talvez se eu falar da Arteterapia, talvez eu pudesse entender, Carlos, que é uma orientação maior, porque daí já estou fazendo, uma interpretação orientada, conforme o meu grau de conhecimento, então já é uma orientação, já é alguém, é como se fosse a psicóloga, como se eu tivesse fazendo minha terapia, então, na Arteterapia tenho um profissional que está orientando este processo, e que nem por isso intimida a possibilidade de eu ter imaginações completamente diferentes, porém, se aquele grupo, e que talvez na Arteterapia grupal, se eu pudesse trocar mais, aprender mais, do que talvez em uma Arteterapia individual, aonde me limito as minhas interpretações e não compartilho as minhas ideias, por exemplo, se eu vou em um museu de artes e tô com alguém, eu tenho ali um interlocutor, um guia que pode me ajudar naquele momento, nas dúvidas em relação as artes. Eu acho que a Arteterapia pode fazer com que a gente seja mais consciente nas nossas observações e dos nossos processos, eu acho que ela pode se estar dentro do processo aonde a gente respeite a liberdade das pessoas, a interpretação, a diversidade de pensamentos que se manifesta. Acho que as organizações precisam ter essa consciência e ciência, eu posso estar fazendo a mesma coisa, mas de uma forma completamente diferente, atingir outros resultados que não imaginava daquele meu colega. É o momento de olhar para o desenvolvimento coletivo.

Eu diria que se a gente for pensar no campo de Relações Públicas para além de campanhas, eu tenho batido um pouco nessa tecla porque às vezes eu vejo muitas empresas, pelo menos onde às vezes eu dou mentoria trabalhando em campanhas, quando eu acho que a gente deveria trabalhar com planejamento estratégico mais denso. Certamente esse planejamento estratégico teriam algumas campanhas. Nesse sentido eu acho que dentro do planejamento e dentro dos programas e projetos, que pode ter campanha ou não. Eu acho que dentro dos programas e projetos, eu acho que a gente deveria ver num primeiro momento a Arteterapia como uma estratégia. Como uma estratégia que traz o indivíduo no processo. Eu acho que é uma contribuição num pensamento bem interessante, mais macro. A partir daí a gente poderia também pensar na Arteterapia dentro dos nossos programas e projetos, como um dos, um dos porque a gente não pode dizer que é só ela, um dos flexibilizadores desse engessamento. Porque eu acho que esse engessamento não traz engajamento, não

traz comprometimento e a Arteterapia ela pode colaborar sim no processo de tornar as pessoas mais conscientes daquilo que elas efetivamente pensam, mais atuantes a partir de sei lá, fase 1 da Arteterapia, fase 2 da Arteterapia, fase 3 da Arteterapia, daí a gente teria que ter esse tipo de orientação, mas trazer isso à tona. Eu acho que tudo o que soma pra nós termos um ambiente cada vez mais acolhedor e cada vez mais presentes de atitude de pessoas, faz com que a gente possa ter uma área de Relações Públicas mais estratégica, mais atuante e mais mobilizadora do que uma área que comunica fatos. Eu sou muito contra essa posição mais antiga do campo das comunicações e do campo das Relações Públicas, sempre fui a minha vida inteira e sempre fui chamada de sonhadora. E o mais interessante é que agora eu não estou sendo mais chamada de sonhadora ou ainda continuo sendo chamada de sonhadora, depende muito do posicionamento da empresa. É uma empresa que está trabalhando dentro de diversas vozes que se articulam e que constrói sentido e eu acho que a Arteterapia tem tudo a ver com isso ou a gente está trabalhando uma única voz que ainda prevalece o exercício do comando e que as pessoas se sentem sufocadas, rejeitadas e que não se sentem atuantes o suficiente pra se sentirem no mesmo barco, pra se sentirem em conjunto. Eu acho que a Arteterapia pode dar essa condição de em conjunto. Eu quero deixar claro que eu não estou dizendo que ela é uma estratégia, mas estou dizendo que ela é uma forma de pensar que pode flexibilizar a estratégia. Os processos de condução, de gestão da própria Relações Públicas.

Eu acho que de certa forma eu respondi ela na última, na última pergunta a hora que eu estava falando da aproximação. Eu poderia dizer assim que se Relações Públicas tem na sua magnitude não só a construção de relacionamentos, mas principalmente a interação, a interlocução entre esses relacionamentos, eu acredito que a gente possa, em alguns momentos com certeza, e aí talvez eu vou falar se utilizar, mas não, ter um escopo da Arteterapia como um processo de aproximação entre esses relacionamentos, aplicando a Arteterapia porque eu não vou dizer pra você assim: olha, a Arteterapia, não, é maior ou não, eu acho que ela pode colaborar em muito para que a atuação das Relações Públicas seja verdadeiramente uma atuação de interlocução entre os diferentes “stakeholders”, tornando esses “stakeholders” até participantes e mentores da própria tomada de decisão da organização. Eu acho que essa é a verdadeira evolução das Relações Públicas eu ainda não vejo isso acontecer muito, talvez em comunicação de risco, que os “stakeholders” tomam conhecimento a

partir dos possíveis percalços que houver a ter naquela jornada. A gente está tão conectados com esses “stakeholders” que a gente toma decisões anteriores a execução daquela operação. Mas isso é avanço das Relações Públicas. Hoje, olhando eu diria que a Arteterapia seja realmente aplicada para que a gente possa encontrar formas de aproximação e de presença ativa dos nossos “stakeholders no desenvolvimento ou na prática daquilo que a gente tem como melhor para ambos os lados e não só para a voz da organização.

Eu acho que essa ideia se a gente tratar, vou deixar uma interrogação pra você responder, Carlos. Eu acho que a ideia da gente tratar sobre flexibilização, como que a gente torna com a Arteterapia esses relacionamentos mais humanos, como que a gente transforma a consciência das pessoas para uma presença mais ativa, realmente nos processos, numa entrega a partir da conexão do propósito dele, e o propósito da organização. Como que a gente traz esse ... independente de funcionários ou qualquer outro, para essa presença mais ativa, porque as vezes eu vejo o contrário acontecendo, o não engajamento, o distanciamento, o não interesse, a espera do meu líder pra eu poder agir. Quando eu entendo que sempre existe os dois lados, então como que a Arteterapia pode trazer os dois lados pra mesa, e nesta mesa trocar os papéis, aonde esses papéis assumem preponderância de ambos os lados.

L.C.S.

A partir do que você estava me explicando agora. Se eu entendi bem, as possibilidades eu imagino que seja de diferentes formas artísticas. A Arteterapia ela não, sei que sua aproximação é com a música, mas eu imagino que seja expressão artística em diferentes formas. Eu acredito que se tiver um trabalho bem pensado para comunicação com colaboradores, isso pode ser muito interessante.

Mas pensando nesse lado mais humano das organizações, isso pra mim faz muito sentido. Eu acho até inovador, pensar nisso para as organizações porque me parece que a gente ainda tem bastante carência nesse tipo de proposta para o ambiente interno das organizações, que pense mais no cuidar do ser humano, o bem-estar humano. Essa é uma questão que eu acho que a comunicação ela pode trabalhar mais.

Eu imagino que tu está falando com pessoa agora, nessa parte da tua pesquisa, é falar com profissionais de Relações Públicas para entender a percepção. Eu acho que se tu quiser levar isso adiante depois, comece a interrogar as organizações

porque tu vê como está o ambiente para implantar esse tipo de proposta. Como as organizações tem visto isso.

Às vezes a gente precisa sair da caixinha da comunicação e ir trabalhar com o pessoal do RH, não adianta. Por mais que a gente diga, que a gente estude que o Relações Públicas vai atuar diretamente com essas questões, a gente sabe que no dia-a-dia, na prática das organizações, são os gestores de RH que estão trabalhando com isso e a gente tem que colar junto com eles. Simples assim, não adianta.

Eu participava de um projeto no Rio Grande do Sul de Relações Públicas com grupos de terceira idade em asilos, através da arte. Era um trabalho de integração, de comunicação, bem nesse aspecto mais social das Relações Públicas. Essa atuação de uma comunicação mais comunitária. Com oficinas de pintura. Era uma atividade bem bonita, interessante, mas pra um grupo bem específico. Não tem a ver com sua ideia de arte nas organizações, não pensando nesse ambiente. Mas já trabalhamos com atividades sim de comunicação, com oficinas, desenvolvendo bem esse aspecto social, humano das Relações Públicas que eu acho que é superinteressante para a sociedade. Levar o bem-estar para as comunidades também, o Relações Públicas também pode fazer isso. Acho que os Relações Públicas têm que pensar mais nessas questões humana, bem-estar, pessoa, enfim. O cenário que a gente vê é de dureza, não é se sensibilidade. Então se você se interessa por esses aspectos que são mais humanos, mais sensíveis, tem que meter a cara e tem que insistir. A primeira resposta sempre vai ser: que lucro eu tenho com isso? Mas não só de lucro a gente vive.

Tem muita gente saindo das organizações porque não se sente bem nos ambientes em que está. Várias razões que através da arte pode encontrar um equilíbrio. São aspectos que imagino que você irá moldando no seu trabalho.

Pela perspectiva que tu me apontou sobre a Arteterapia que acho que a gente pode pensar nesses aspectos do Relações Públicas como mediador social e como um profissional que também trabalha com esses aspectos que são mais simbólicos, que são humanos, que são dos relacionamentos que a gente estuda. Porque a gente estuda os relacionamentos e que a arte pode ser uma forma de melhorar esses relacionamentos. Ou melhorando o bem-estar da pessoa pode favorecer um relacionamento melhor, um ambiente organizacional melhor, um clima mais favorável.

Não sei se tu vai entrar nesse viés, mas que possa direta ou diretamente afetar o desempenho. Aí entra uma questão que eu acho que é social das Relações Públicas, um aspecto social que é importante através da Arteterapia, mas que pode ser

também estratégico. Se a gente pensar que as pessoas são importantes e são estratégicas para as organizações. Então cuidar das pessoas é uma forma de pensar estrategicamente. Mas olha a volta que a gente precisa fazer para convencer as organizações disso.

Para os relacionamentos, talvez, através da Arteterapia, poderia promover um pouco essa questão da integração, do trabalho coletivo, pode acabar aproximando as pessoas através da Arteterapia, dependendo de como isso for realizado, é uma ferramenta para aproximar as pessoas, para integrar, promover esse contato, mesmo trabalho pode ser coletivo, conjunto e pode ser interessante para promover competências que vão está mais ligadas a sensibilidade do ser humano. Aqui dentro muita das vezes se trabalha de forma mecânica, e esse mecânico acaba afetando a forma como você se relacionam, respondem ou não respondem, enfim, fica muito focado nas atribuições. A arte por si mesma, vai fazer que a pessoa saia dessa mecânica, essa coisa operacional do fazer, e fique mais sensível, eu acredito, inclusive pode até ser mais criativo, pode pensar dessa forma, mas nos relacionamentos pode dá uma sensibilidade melhor para que a pessoa lide com o outro, trabalhe com o outro.

Carlos: Cada entrevista enriquece mais o trabalho, assim como a sua agora, sua colaboração foi muito importante.

P.M.

Você conhece a Arteterapia? Se sim, diferencie Arteterapia e Arte.

Particularmente, não! Nunca tive um contato direto com a prática, mas convivi profissionalmente com pessoas que realizavam a prática, em ambientes com o objetivo de promover o bem-estar das pessoas. Estes ambientes eram hospitais, clínicas de terapia para jovens envolvidos com drogas, idosos e, excepcionalmente, quando realizavam alguma dinâmica de grupo, para promover ações de treinamento, por exemplo.

Acredito que arte seja a forma da pessoa humana (hehehe se é pessoa, é humana, né?! Ou não! Vai saber!) expressar suas ideias, seus valores, seus sentimentos, por meio de alguma manifestação artística (dança, música, pintura, escrita, etc), para dizer algo (ou comunicar algo) a outras pessoas.

Esse “algo” pode ser uma mensagem, com determinado fim, para provocar nessas pessoas diversas reações.

Já a Arteterapia, no meu entendimento, seja o uso dessas diversas manifestações, com o objetivo de promover uma sensação de bem-estar a pessoas que recorrerem a ela.

Como vê o uso da Arteterapia no ambiente organizacional? Para você, ela pode auxiliar nas atividades de comunicação?

Acredito que a Arteterapia seja um meio para fortalecer determinadas ações de desenvolvimento humano, por meio da área de recursos humanos (em especial a área de treinamento e desenvolvimento de pessoas), com vistas a sensibiliza-las ou prepara-las para algo que precise, por exemplo, ter resultados.

Em relação a ajudar nas atividades de comunicação organizacional, creio que, talvez (salvo melhor juízo!), a Arteterapia contribua em estratégias de endomarketing para fortalecer ações de comunicação interna.

Como entende a relação entre Arteterapia e Relações Públicas Partindo do pressuposto que o objeto de estudo das RPs são as pessoas, os públicos e é por conta deles que as RPs têm a sua razão de ser e existir, talvez por atuar com pessoas exista essa tal relação. Mesmo assim, vale ressaltar que ações de RP tem objetivos e metas, por exemplo, para que seus resultados sejam alcançados. Por isso, acredito que a Arteterapia seja um “meio auxiliar” para se alcançar algo. Mesmo assim, desconheço na literatura ou até mesmo em práticas profissionais, o uso dela em ações de RP.

Conhece ou já fez uso da arte em ações de Relações Públicas? Se sim, quais foram os benefícios e desafios? Comente os aspectos positivos e negativos.

Já utilizei suportes artísticos, como elementos estratégicos em eventos, por exemplo. Seja por meio de uma comunicação visual com o objetivo de atrelar imagem da organização à mensagem para públicos, ou como atração cultural, por exemplo. Mesmo assim, não vejo a arte em si só, como um fim que justifique seu uso em ações de RP.

Para você, como a Arteterapia pode contribuir para as ações de Relações Públicas no ambiente organizacional?

Sinceramente, não sei. Desconheço contribuições da Arteterapia em ações de RP nas empresas.

Quais os principais problemas de relacionamento e de comunicação poderiam ser objeto de ações de Relações Públicas auxiliados pela Arte ou Arteterapia?

Acho que esta pergunta tem o mesmo sentido da anterior.

T.C.M.

T.C.M. - Assim já deve ter noite e digo que é um pouco superficial a minha noção mesmo muito de censo comum sobre a arteterapia está bom?

Carlos – Não, tranquilo, fique à vontade. Por favor responda ao que tiver ao seu alcance dentro do seu conhecimento mesmo que superficial já me ajuda. A arte-terapia ela é uma função, uma ciência podemos dizer assim, uma atividade relativamente nova. E não é muito comum se ouvir falar em arteterapia mesmo. Então é absolutamente normal a maioria das pessoas não tem um conhecimento ainda mais aprofundado sobre a arte terapia. Perfeito. Então a minha primeira pergunta é exatamente sobre isso. É se conhece a arteterapia ou o que conhece sobre a arteterapia e se sim, se consegue diferenciar arteterapia de arte.

T.C.M. - Olha bom então obrigado tá Carlos? Desculpas pelo atraso nas respostas foi um período bem ruim pra mim especialmente da minha família. Era nós cuidando da minha filha que estava tendo as enfermidades aí que estavam prejudicando muito a nossa vida.

Bom, arteterapia primeiro que se nós considerarmos que a arte é tudo né? Vai desde o movimento fluído, dinâmico e que não necessariamente tem uma intencionalidade no seu fazer. E eu vou usar essa ideia depois sempre carrego medo pra Relações Públicas. Eu acredito que quando coloca ele a de terapia tu traz especificamente pra uma intencionalidade né? Então o que eu percebi que eu trabalho conversei com minha amiga já algumas vezes é que é a intencionalidade da arte pra algum benefício, pra algum retorno, né? Ou seja, permanece com as questões da autonomia da arte, com a livre, eu não gosto muito do sistema, mas da livre e iniciativa da arte com as pessoas, mas porém com uma intencionalidade eu vejo em internacionalidade já está associado com a terapia, né? Com a ideia do tratamento, da contribuição para alguma coisa. É assim que eu que eu vejo a arteterapia do meu modo, assim na essa lógica.

É isso que eu vejo, eu joguei algumas ações da minha colega, dessa minha amiga, gostei muito, foi muito trabalhado com crianças a que eu vi, sabe? Da arteterapia que ela desenvolve. É uma associada quase que uma psicopedagogia junto ali com as crianças e achei muito interessante mesmo e mais essa visão que eu tenho assim, quer dizer, a arte utilizada com uma intencionalidade pro tratamento, né? E propriamente como reconhecimento do eu, pra trabalhar o eu.

Carlos - Agora a segunda questão é como ver a arte terapia então no ambiente organizacional e como ela pode auxiliar nas atividades de comunicação?

T.C. M. - Assim ciclo me perguntasse eh fizesse uma indagação com relação as relações públicas de um modo mais amplo eu te diria que a arte sempre esteve conectada com a nossa profissão né? Tem o livro de algumas autoras norte-americanas que elas trabalham a ideia das relações públicas anterior ao século XX até anterior a ideia da industrialização do capitalismo selvagem digamos assim e nessa obra as doutoras sempre trazem referências à dimensão do uso da cultura, da arte pras intencionalidades das relações públicas. Luiz XIV, na França é um exemplo, ele trabalhava muito bem o apoio à arte, a cultura pra manutenção do seu poder. O rei Jorge da Inglaterra não me lembro qual posso ver depois pra ti certinho. Ele usou da arte pra manutenção da sua identidade e da configuração do país de retratar a sua imagem para as diversas autarquias, certo? E daí fortalecendo a presença da sua imagem e consequentemente da ideia do seu reinado. E e olha, isso é arte com uma intencionalidade, a intencionalidade é pra Relações Públicas. Essas autoras trabalham nisso.

Então, e depois digamos no século XX com a potência da presença do Eduardo Bernez. Nós temos ele trabalhando desde uma arte, né? Então tem casos clássicos dele trabalhando com a arte. Inclusive pra chamar atenção pra ideia de consumo. Vou dar outro exemplo já deve ter estudado. É quando ele trabalha pra Proctor e Gamble, pra inclusão do sabonete, do sabão deles, nos lares norte-americanos, ó que que o Bernardes faz, né? Ele pega e analisa como é que é o comportamento das famílias e faz um concurso de arte e sabão nas escolas. Olha que maravilha e usou da arte, né? Abre aspas aí, a gente pode ter relativado, relativizar no sentido que o no início da intencionalidade da arte né? Ele usou da arte pra levar o sabão pra dentro dos lares norte-americanos. Não como uma ideia da sua utilidade. Mas com uma curva um pouco maior. Fazendo esse argumento da arte e sabão com as crianças, muitas oficinas nos Estados Unidos inteiro, isso gerou repercussão midiática, ele fez exposições em museus, deu premiações. Se aí levou o sabão pros lares norte-americanos, quer dizer, arte, então sempre foi usado com uma intenção pra RP. Veja bem que usou dois exemplos de Traveno são a ideia do público que é vamos localizar, mas externa a organização. Aí quando tu puxa a tua pergunta pra a ideia da comunicação organizacional, que a gente vai remeter, por exemplo, internos, dos colaboradores e tal. Ela pode sim ser aplicada. A nossa história já traz, já nos faz entender essa conexão da arte.

Eu acho perfeitamente aceitável principalmente se a gente desloca a ideia de que as Relações Públicas fazem a gestão da comunicação. Se a gente deslocar essa

ideia pra gestão do relacionamento a gente percebe, nós perceberemos que a cultura, a arte é um meio para alguma coisa nas Relações Públicas. Essa que eu vejo, a leitura que eu faço, quer dizer, a arteterapia na tua perspectiva, no meu entendimento fazendo essa leitura de fato pra gestão do relacionamento organizacional. Só que é uma diferente prática de RP, que não a comunicação, que não uma mídia social, é um outro dispositivo que a gente usa recursivamente pra estabelecer o relacionamento.

É assim que eu vejo a arteterapia. Só pra fechar minha ideia se a arteterapia eu a entendo como uma intencionalidade, as Relações Públicas a comunicação organizacional utilizando vai ser no mesmo molde com intencionalidade para alguma coisa.

Carlos - Você já fez o uso da arte em ações de Relações Públicas? E, se sim, quais foram os benefícios e os desafios que que isso trouxe? Os aspectos positivos e negativos.

T.C.M. - Assim, vamos dizer, o nosso curso que tem uma certa época, ela tinha ele tinha ênfase em produção cultural, certo? E é por isso que eu vou usar, que eu tive muito a ideia de Relações Públicas e não de comunicação organizacional, tá? O nosso curso procurava trazer essa da cultura, da arte, primeiro como uma estratégia para as Relações Públicas. Como eu mencionei pra ti anteriormente. E segundo como o próprio profissional daí trabalhando na arte, trabalhando na cultura, certo?

Ó e esse caminho a gente desenvolveu várias ações e propostas com os alunos sob o ponto de vista de eu usar a cultura com a intencionalidade. O que que eu te digo que é interessante? Que se nós aliarmos exemplos que eu vivi com que a gente estuda é que a cultura utilizada enquanto o dispositivo de comunicação organizacional, de RP ela é mais branda, ela é mais suave, não entende? Ela por vezes é muito mais fácil e aí da grande sacada que eu admiro o Bernez por exemplo é ele perceber que é mais fácil dizer alguma coisa suavemente com a cultura. E fazer um boletim informativo do que entendeu? Grande sacada nossa é só vai ser branda, só vai ser um soft skill, certo? Uma habilidade, né? Uma leve, uma dimensão no sistema tradução pra software de skill, né? Mas poder é perdão é um poder brando, um poder leve que é o garoteirinha bem que os políticos adoram dizer né? Sim. Utilizando da cultura de uma forma que vai transmitir, vai passar a informação, vai dar o recado mas não é por exemplo com a dimensão de um presidente falando da empresa, não é com relação a um dispositivo que pode ser usado até contrária a ti, como por exemplo um boletim informativo. Então o uso da arte da cultura lhe permite comunicar as coisas

de uma forma mais suave para os públicos. E não podemos esquecer também da subjetividade que ela carrega.

Sobre o meu ponto de vista eu tô dizendo que é positivo. Sim. OK? Sim. Mas é um lado. Quer dizer, é a mesma moeda primeiro do lado. Justamente por ser mais suave, mais tranquila, mais subjetiva, também tem o lado perverso da nossa profissão. Se nós usássemos, por exemplo, a nossa querida professora Cecília Peruzzo, digamos que estamos fazendo isso para o público interno lá como exemplo pra anestesiá-lo o trabalhador e explorar mais a sua mão de obra. O seu trabalho. A cultura ela te permite essa chamar assim essa multidimensionalidade e que ela pode ser vista como pontos positivos, mas se tu pegar um uma outra reflexão ela é pior, é mais perversa ainda porque ela passa nas entrelinhas. Ela tenta passar despercebido nos momentos mais cruéis vamos dizer assim. Eu não diria assim ó que é uma visão, por exemplo, como a publicidade que a gente sabe né? Nós sabemos, né? Mas qual é o qual o impacto dela pode representar ou como pode representar o impacto numa propaganda na sua subjetividade, no seu né? Na propaganda subliminar e tal. Eu não vejo sobre esse ponto de vista. Tão perverso assim, mas a cultura serve por esse caminho, ela permite dizer as coisas de uma forma mais tranquila.

Vamos pegar exemplos assim. Uns alunos nossos na época que fizeram um teatro pra uma empresa aqui sobre problemas de acidentes do trabalho. Qual foi a ideia, eles pensaram aí fugiram um pouco da caixa e fizeram uma encenação teatral, uma esquete teatral. Pra transmitir está muito mais objetivo. Talvez transmitiria de uma forma muito mais próxima de teu público. E aquilo mais branda, mais suave do que um boletim informativo pra que colar coisas na porta do que arrumar um mural. E do que fazer aquele treinamento forçado, por exemplo.

Carlos - Todo mundo participou com muito mais leveza, como você disse várias vezes, né? E de um jeito mais tranquilo, não forçado, e a participação deve ter sido maior inclusive, né? As pessoas trabalhando em conjunto.

T.C. M. - Trabalhavam e eles usavam usaram o recurso da anedota né? Da piada, da brincadeira. É o que chão de fábrica, então tu não vai nem, se tu fizesse uma peça de teatro não se preocupasse com a questão da narrativa que ele quer tratar ali, também tu não daria conta. E aquela lá sabe é a nossa lógica da comunicação feita sob medida, né? A gente tem que saber fazer comunicação sob medida pro teu público, né? Legal. E acho que é a grande sacada. E daí nesse sentido já não sei se eu vou antecipar uma pergunta. É o que que eu coloco o seguinte.

Olha, acho que é um fantástico pra gestão do relacionamento, arte e terapia. Desde que tu compreenda teu público certo para aplicá-lo. Escrito tem a percepção do público pra fazer pra desenvolvê-la enquanto um mecanismo de gestão do relacionamento.

Carlos - O que o senhor tá querendo dizer então é primeiro o básico, entenda o seu público, saiba onde você está pra saber qual tipo de atividade artística ou de arte e terapia pode ser deve ser usada ali né?

T. C. M. – Exatamente, tento passar isso sempre pros alunos é acho que os grandes ensinamentos é que eu dou teoria e técnica. E também assumo algumas disciplinas de estágio então. Mas a grande sacada nossa e dos nossos pais e avós nos ensinam é perceber o público, né? A criança acaba e entender o público, a partir disso tu define o objetivo, vai verificar o melhor meio e depois de ter feito isso tu vai pensar o conteúdo. Pra acrescentar na tua ideia ainda na arteterapia não é só a arte em si vamos chutar aqui tá? Artes plásticas vamos trabalhar artes plásticas como elemento de arteterapia.

O Bernardi entendeu e conseguiu fazer para o público das famílias levar o sabão como arte nas escolas, certo? Agora não sei se nessa dimensão atual a gente conseguiria fazer isso, depende do público, mas eu vejo uma leitura bem superficial, inicial, com pouca leitura em cima, que quando a gente traz aquilo público interno das organizações, eu acho que ela teria mais efetividade enquanto objetivos, certo? O que que eu quero te dizer? Talvez por tu ter um certamente arteterapia tem uma ideia de uma intencionalidade que vai responder por como fazer, como com né? Quantas pessoas, que envolver, que tipo de arte trazer pra essa pra essa dispositivo e portanto tu tem que dimensionar como tu vai aplicar isso na prática e eu penso que para um contexto organizacional interno é mais fácil, né? Mas é só um pensar aqui alto. Por ter essa dimensão, né?

A arteterapia que eu vejo na psicologia certo sentido a pessoa tem que estar no contato face a face tem que estar percebendo tem que estar entendendo as reações do comportamento não verbal, certo? Então eu vejo que se pegar por esse lado eu acredito que o profissional que está por trás dessa arteterapia como um dispositivo de comunicação ele tem que tá percebendo o seu seguindo a reação. Certo? Sim. Corrigindo rota, por exemplo, tá vendo que não tá dando certo com aquilo ali anota ali faz um diário de campo daquela atividade não está dando certo isso aqui. Pessoal não gostou de usar arcos plásticos vamos seguir uma outra né? Sim. Então eu percebo

que se tu visualizar o público tu compreender que pra aquele público a arteterapia é o melhor recurso para transmitir a mensagem ou pra gerar a o relacionamento eu entendendo e veja previamente que o faça face é essencial pra arteterapia ter resultado.

Carlos - Entendi. Então o senhor acha que de certa forma ou quase que 100% ela pode contribuir para as ações?

T.C.M. - Sem dúvida. Está bom. Tem que tem uma uma expressão da sociologia do Antony Kids que ele fala ainda e as consequências não intencionais da ação. Certo? Na sociologia. Ó, veja bem, tu fez a arte terapia com uma intencionalidade, vai gerar uma um relacionamento quer levar uma ideia melhor pra mudar alguma coisa na organização ou pra potencializar o por exemplo colaborador pra isso. Mas a arte-terapia te permite eh ver no meu entendimento a as consequências que são não forem intencionais tuas mas que geraram.

Por exemplo a proximidade entre os colegas colaboradores. Sim. Isso pode gerar. Que de repente não havia antes, né? Exato. Entendeu? Não foi a tua intencionalidade. Foram consequências não intencionais mas que foram positivas. Sim.

E essa leitura de usar arteterapia vai te dar um leque de perceber essas consequências não intencionais que pode ser contributivas pra organização também não é?

Carlos - Professor como você entende então assim a gente fala de várias coisas uma questão está muito ligada a outra e como o senhor entende de uma forma mais resumida vamos dizer a relação entre a arte e terapia e as relações, essa relação mais direta. Talvez o senhor tenha até respondido já na primeira questão, né? Que a arte ela é acaba sendo um fator de colaboração mesmo direto das relações públicas, né? A própria as próprias relações públicas são uma arte, né? Mas assim, a arte terapia mesmo e a e a sua relação com a as relações públicas, senhor consegue me dizer? O senhor acha que o senhor já respondeu anteriormente?

T.C.M. - Eu acredito que posso até ter respondido tá? Mas assim ó talvez meu senso comum não permite te ajudar, mas é o que eu quero dimensionar aqui contigo, cara. Que é o seguinte, olha só, a arte eu vejo como algo intencionalmente criado, tá? Por exemplo assim, não é por exemplo, eu e na minha casa se ele um artista que acho que eu que eu seja. E aí desenhar e fazer disso uma terapia. Não é a que eu vejo, eu tô falando contigo, entendeu? Não que isso não seja arteterapia. Sim. Mas eu vejo como assim ó, alguém está fazendo essa ideia de arte como alguma coisa, é isso que eu penso. Sim. Tá? Então, por exemplo, é o Carlos que está usando a arte pra fazer

alguma coisa na organização. Por isso que o tema intencionalidade eu gosto disso da tecnologia social. Eu gosto de usar isso.

Ele dá escolha na metodologia também, tem a intencionalidade das ações, né? Então é isso que eu penso. Pois bem, se eu penso nessa lógica, o Carlos tá fazendo alguma coisa dentro da organiza com uma intenção e a intenção dele é fazer o uso da arteterapia para alguma coisa tem total conexão com as relações públicas. Certo. Total conexão. Tá ótimo. Porque RP ela é ora eu não precisa colocar isso no TCC está bom? Ela falou assim tem algumas publicações nossas e o respeito né de autores que o Relações Públicas Estratégicas eu digo pra mim é redundante falar relações públicas, eu vejo atividade sempre quanto estratégia. Então estratégica em si. Quer dizer, nossa história mostra que a RP é estratégica, então a gente usa relações públicas estratégia. Tá, mas espera aí, qual que não é a estratégia? Sim. Essa pergunta que eu faço, certo? Então, se eu trago essa conexão pra ti com artes terapia e RP, RP Estratégia, é por si só, é pensar o público de meios e aplicar as ações pra ter um retorno disso. Certo? É fazer essa gestão e a arte terapia no meu entendimento é a mesma lógica. Tu tem um problema. Tu tem um meio pra resolver esse problema e tu aplica quanto o propósito da solução. O que a RP faz senão isso ou a gente quer resolver um problema que é potencializar alguma coisa que já está dando certo, certo? Manter aquilo, este é um problema, né? Uhum. Quer realmente a falta de alguma coisa por falta de diálogo tu também quer melhorar uma situação que está adversa. Então RP sempre pensa o problema obviamente né? Vai lá fazer a leitura do público, vai definir os meios e aplicar as ações com o seu conteúdo. Então é perfeitamente possível associar. Mas eu retomo. Eu retomo a ideia, é associativa, mas pra nós RP a arte terapia é um meio para alguma coisa. Tá. Certo?

Carlos - Professor a nossa última pergunta é quais os principais na sua visão, quais os principais problemas dentro de uma organização que poderiam ser objeto de uso da arte terapia?

T.C.M. - Eu não me considero muito distante de qualquer tipo de arte por não ter dons certo? Não estou dizendo não falo nem vocação que é muito associada, mas também de aptidão. Vamos chamar assim eu não tenho muitas aptidões, mas eu não gosto de A. Que arte tem a fruição sobre mim. Isso é sem dúvida alguma. Tá? Eh e gostem possa ir em museus e artes plásticas, música, enfim, tudo que a gente pode colocar num senso comum quanto arte. Agora, no meu entendimento, nessa leitura, eu vejo a artes terapia para as relações interpessoais.

Carlos - Certo. Certo. Eu usaria se fosse trabalhar assim alguma ideia e em problemas de relações públicas que envolvem relações interpessoais. Né?

T.C.M. – Por que minha lógica de fazer de dar essa resposta pra ti? Porque a intersubjetividade começa com a subjetividade, ou seja, as nossas relações entre entendimento de nós e os outros deles e nós começa por entendimento de mim. Eu acho que a arte ela começa pelo principal por si. Pela pessoa. Sim. Então eu faria o uso da arteterapia no sentido que estou com problemas de gestão de grupo, relacionamentos. Então vamos utilizar este meio arteterapia pra começar a pessoa refletindo sobre si e depois pensar o grupo. E aí a gente cai na relação subjetivas e subjetivas da organização.

Carlos - Exatamente, que bom. Professor, a nossa entrevista finalizou, eu agradeço muito, mas muito mesmo a sua boa vontade em me atender, vai ser o seu depoimento vai ser muito útil pro meu trabalho.